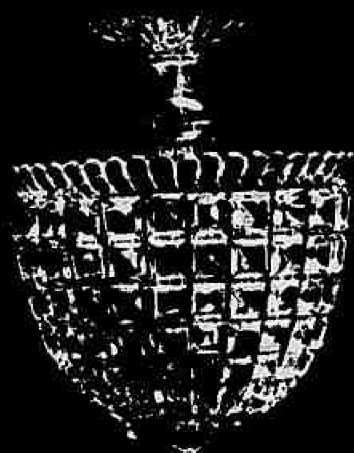

REVISTA
Nº 6 ★ 9-2-52

A MAIOR EXPOSIÇÃO DO BRASIL EM LUSTRES FINOS, IMPORTADOS DIRETAMENTE DAS MELHORES FABRICAS DA EUROPA.

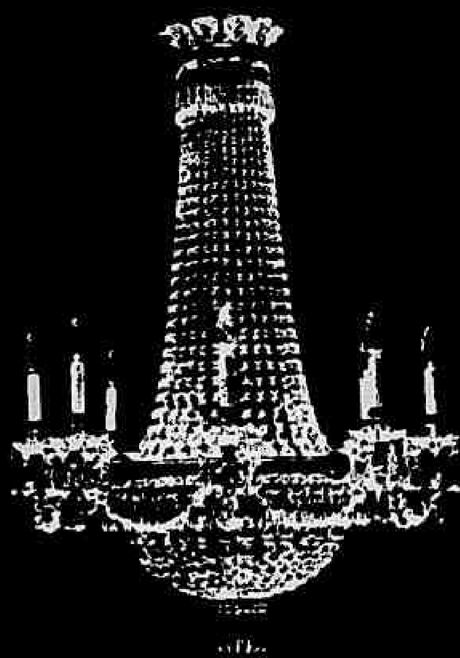
LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA E FRANCESES EM AUTENTICOS ESTILOS MARIA TEREZA, ISABELINO, CLASSICO, IMPERIO, VERSALLES E MODERNO E TAMBEM EM BRONZE ARTISTICAMENTE TRABALHADOS.



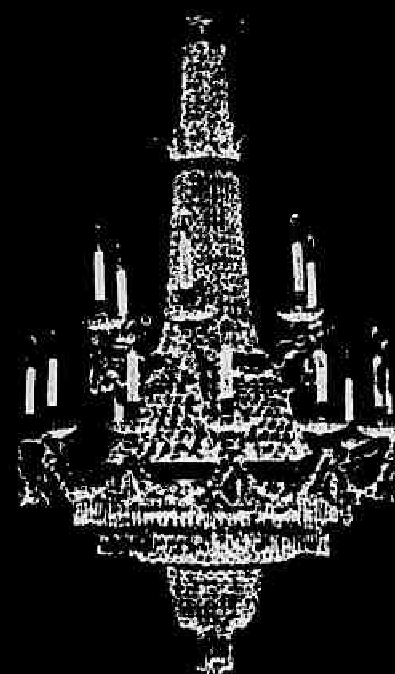




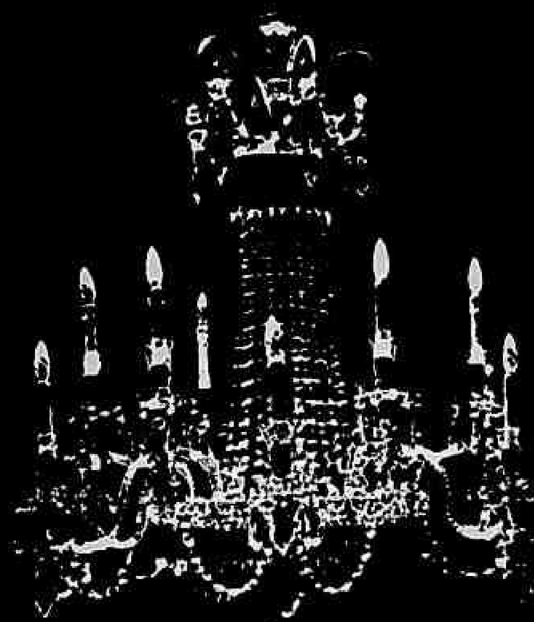
Especialidades em grandes lustres sob encomenda para finas residencias, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. — Colocação gratuita por pessoal especializado.



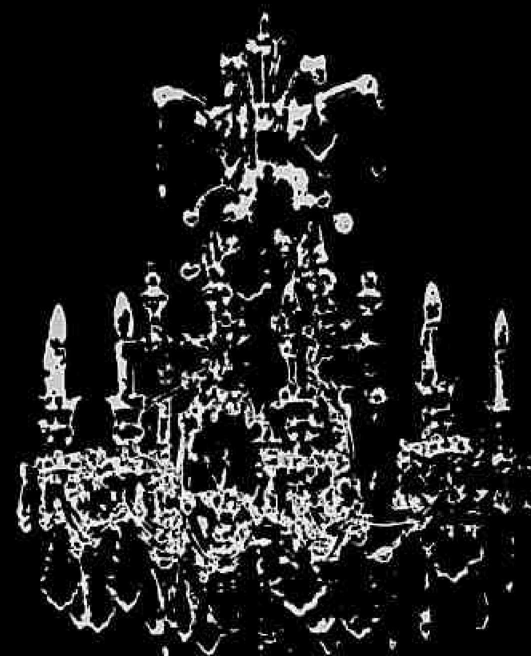




ARTISTAS DECORADORES PARA ORIENTAÇÃO NA ILUMINAÇÃO DE SUA RESIDENCIA







LUSTRES

MASUET

EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. BRASIL, 216 — FONE: 8-2958

S. PAULO

ANO LI ★ N.º 6 REVISTA DA SEMANA 9-2-52



Roteiro Iluminado

SÃO apenas trinta páginas. Trinta páginas bem vividas. Feição material impecável, como que a serviço da concepção posta em relêvo. Certo, um artezão da meia-idade, hoje reduzido à nomenclatura aviltante de "massa", não a ultrapassaria em sensibilidade estética.

Enfim, aí está "A Oração", de Alexis Carrel, edição portuguêsa de 1945, sòmente neste ano conhecida no Brasil, em folheto que é enciclopédia, empurrando para trás os gigantescos tratados, que enchem as livrarias, mas não resolvem os problemas essenciais do velho homem.

E' a cultura, dizem os arautos de Descartes, alheios a Pascal, exaustos de perseguirem o nirvana de um mundo feliz, paradisíaco, pretórico de uma felicidade que jamais será encontrada porque nunca poderá existir.

Aqui, nesta montra, está o Direito, que há milênios busca solucionar as controvérsias no plano da compreensão e da justa transigência, e que, todavia, não evita que vez por outra tomemos banhos de sangue.

Ali é a Medicina, criando métodos novos e descobrindo maravilha de técnica, mas impotente diante dos piores flagelos e incapaz de prolongar a vida humana, hoje, paradoxalmente efêmera e mais sofrida.

Acolá, a Física, a Química, a Economia, a Literatura, a Arte, a Sociologia, todo um manancial de cientificismo, exuberante, profuso, fértil, e no entanto, alheio às questões morais.

E a Fé? Onde está a Fé? Em que sítio obscuro ela se oculta? No fundo do mar, no âmago da floresta, na encruzilhada solitária, nas cidades lendárias, nos ocasos, nas madrugadas, no silêncio das ruas ainda não despertas, nas berceuses que a música de alcouce prostituiu...

Sim, os homens expulsaram a própria razão de ser com uma displicência suicida, preferindo um "hoje" trepidante a um "amanhã" longo, infinitamente longo, morno e triunfal.

Mas, ninguém se iluda, ela há de voltar, como no episódio evangélico aconteceu ao arrependido exemplar, pois que vive, palpita, sangra e clama. Haverá muito suor, muita lágrima e muito sangue, o que, no fim de contas, é o caminho, o roteiro, o itinerário de chegar a Deus.

Eis o sentido da "A Oração", de Alexis Carrel, o cientista que encontrou a si próprio e abriu a estrada pela qual todos os de boa vontade, crentes ou descrentes, poderão achar o que perderam...

FERNANDO MENDONÇA

Sumário

REPORTAGENS

Uma brasileira em Paris 7/10
O jardim do mistério (Domingos de Lucca Júnior) 27/31
Cinco milhões de mulheres sem homem.... 32/33
Um jogador de topete (Levy Kleiman) 54/57

LITERATURA

Roteiro Iluminado (Alexis Carrell) 3
Semana Literária (Edmundo Lys) 14/15
O Barão Tabaco (Geo William) 20
O golpe de misericórdia (Péricles Leal) 26
Acima do orgulho está o amor (Bittencourt) 34/35

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Temple Bailey) 22/23

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista 4/5
Personagem da Semana 5
Puxe pelo cérebro 44
Palavras cruzadas 45
Saúde do bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 46
Tudo isto aconteceu 52/53
A REVISTA há 50 anos 58

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Amor à primeira vista 33

CINEMA

Os contos de Hoffmann 50/51

HUMORISMO

"Charge" de Théo 11
Êste mundo e o outro (Darcy) 21

CURIOSIDADES

Pequena História do Box (Dudley Lister) .. 12/13

FEMININAS

Carnaval Infantil (Ramon) 36/37
Do homem para a mulher 39
Novidades de Paris 40
Algodão 41
Blusas Pretas 42/43
Week-End na Cozinha 49

EXTRA

Eu vi a guerra de perto (Fernanda Reis) ... 16/19

ILUSTRAÇÕES

Orval — Hamilton Pedrosa — Jerônymo Ribeiro — Rafael.

FOTOS

Nódgi — Dario Terini — José Santos — Arquivo — Avulsas.



NA CAPA:

OLGA SAN JUAN

(Paramount)

A SEMANA

Batalhas de confete

PUBLICOU um jornal carioca: "O Departamento de Turismo da Prefeitura fará realizar êste ano duas das mais famosas e tradicionais batalhas de confete as da rua D. Zulmira e Santa Luisa, ambas no Maracanã, e que durante muitos anos disputaram o título de "Rainha das Batalhas". A data ainda não foi marcada; mas, pelos preparativos que estão sendo feitos, reviverão aquelas ruas as suas noites de esplendores". Muito bem. O povo do Rio precisa de diversões ao ar livre, especialmente nestes meses de termômetro a extravasar o mercúrio. Antigamente quando se falava em "batalha de confete", a gente sabia que o tal *confete* aparecia mesmo. Jovens e donzelas; velhos e velhinhas; meninos e meninas, todo mundo gostava de jogar punhados dêsses pequeninos discos de côr contra os eleitos de sua ternura. Chamava-se "batalha", porque havia "tiros" de confete mas era uma troca de cortesias, de declarações de amor, de olhares amorosos. Um "flirt" carnavalescamente colorido e amável. Muita gente muita alegria, muita luz e muito namôro romântico. Mas, com o andar do tempo, um cidadão que nos traz progressos, comodidades e outros recursos mas que, para atrapalhar, mata despiedadamente o que de bom e belo havia em "tempos passados" as "batalhas de confete" foram perdendo a graça, o encanto, o romantismo, passando a ser, apenas, uma aglomeração de gente que anda para lá e para cá, como em "footing" de arraial. "Batalha de Confete" sem confete... Dá-se um prêmio a quem encontrar uma só dessas rodelinhas de papel amarelo verde, azul, rosa ou vermelho. E como são tristes os "batalhadores", meu Deus!



O Brasil no estrangeiro



O mais eficiente veículo de propaganda de um povo é o cinema. Nada como se "ver" na tela como são os outros povos, seus usos, seus costumes, sua civilização. Pensando nisso, o govêrno brasileiro decretou a obrigatoriedade em que estão as companhias cinematográficas estrangeiras, de comprar também os nossos "jornais" e documentários, a fim de que sejam exibidos nos países de onde recebemos os seus noticiários. Não se discute a precariedade dos chamados "jornais nacionais". O que sempre vemos nêles é uma seqüência indigesta de festas e festinhas de arraial, banquetes, recepções oficiais, sem nada que resulte, efetivamente, em propaganda do nosso país no exterior. Entretanto, com essa obrigatoriedade, o próprio govêrno poderá tomar providências e determinar que a produtora oficial rode películas documentárias sob novos aspectos. Há tanto motivo edificante e que nos honraria lá fora! Inaugurações de estradas de ferro; lançamento de navios, trabalho em nossos estaleiros navais; a viagem dos jangadeiros cearenses; festas religiosas de caráter popular, com seus pitorescos; as cidades do interior brasileiro que mais se destacam pelo progresso vertiginoso; Manguinhos; instituições sociais; nossa vida escolar; as belezas panorâmicas de Minas, Distrito Federal, Paraná, Nordeste, etc. Tanta coisa bonita e que poderia contribuir para maior conhecimento do Brasil lá fora! Os banquetes e manifestações políticas ficariam exclusivamente para uso doméstico. Mas as emprêsas estrangeiras acabam de protestar, por intermédio da Embaixada dos Estados Unidos, contra o decreto do nosso govêrno, e já não tem vindo mais nenhum documentário norte-americano. Que passem as "fitas" e fique a amizade.

Angustioso apêlo da Bahia

A imprensa carioca o Sr. Miguel Fernandes, prefeito de Caculé, Estado da Bahia, expediu o seguinte telegrama: "As esperanças que vieram com as chuvas caídas no mês passado, quando nos julgávamos livres do maior flagelo das sêcas de que temos conhecimento e que deixou em extrema miséria 90% dos criadores dêste município, levando também a fome a milhares de lares, que jamais pensaram passar por tal provação, começam a se dissipar, com uma nova e já prolongada estiagem e o aparecimento de pragas que ameaçam o extermínio total da lavoura. Caso perdure por mais dez dias tal conjuntura, terá o Govêrno que providenciar sôbre a retirada em massa da população a fim de não perecer de fome por falta de recursos para adquirir víveres indispensáveis à sua subsistência. Como prefeito dêste município levo, por meio dêsse jornal, ao conhecimento da nação, a gravíssima situação que estamos atravessando, para que as providências sejam tomadas, ainda a tempo, por quem de direito. Não quero que, por descuido ou negligência de minha parte, pese sôbre minha consciência a responsabilidade do sacrifício de muitas vidas de pobres sertanejos. Em nome de milhares de crianças, velhos e mulheres faço um dramático apêlo à imprensa brasileira para que advirta os poderes competentes da gravidade da situação. Atenciosas saudações. Assinado: Miguel Fernandes prefeito". Não sabemos se êsse grito de socorro chegou aos ouvidos do Govêrno nacional. Se ainda ninguém o percebeu, que sejam tomadas urgentes providências no sentido de amparar as populações da região assolada de Caculé, dando-se uma prova de que aquilo também é Brasil.



EM REVISTA

Café sincronisado



O Sr. Heitor Grillo, secretário da Agricultura da Municipalidade do Distrito Federal, presidiu, a 22 de janeiro do ano em curso, a uma reunião da Comissão de Preços do Distrito, na qual foram discutidos tabelamentos para o comércio atacadista e varejista de frutas, verduras e legumes. Essa reunião foi a última daquela organização controladora de preços, uma vez que já foi substituída pela COFAP, cujos fins são os mesmos. Ao iniciar-se a sessão, o Sr. Diógenes Tourinho, representante da Prefeitura, leu seu parecer sôbre um pedido do diretor de Turismo da Prefeitura do Distrito Federal, no sentido de serem liberados os preços da venda de café nos estabelecimentos que mantiverem orquestras, com fins turísticos. Essa proposição foi aprovada com a emenda de ser a liberação extensiva aos estabelecimentos que sirvam café em pé e sentado, devendo, nesse caso, também manter orquestra. Não se percebe muito bem, como distinguir, num estabelecimento dessa natureza, uma orquestra com fins turísticos de uma outra sem fins turísticos. O mais razoável seria que as orquestras entrassem nesses "cafés" sem nenhuma classificação, tendo-se apenas em vista, não sòmente a melhoria do ambiente, com música, como ainda pela chance que se daria aos músicos de ganharem mais alguma coisa. O Rio é uma cidade sem música. A única em excesso é a das buzinas de automóveis, cujos proprietários têm um prazer infantil em fazê-las vibrar sem motivo nenhum. As nossas casas de chá e café em pé ou sentado, são tristes, melancólicas, afugentando turistas e nacionais, que só as procuram de teimosos que são...

Hipnotismo emagrecedor

NORMAN Lee é um elegante londrino. Desde muito vem êle imaginando meios de acabar com as gorduras de certas mulheres que, se não fôssem tão enxundiosas, seriam muito mais elegantes. Notou ainda que o casamento demora mais do que o aceitável, em virtude de muitas jovens serem portadoras de banhas em excesso. E Mr. Lee fundou a "Psicologia hipnoterápica". Para que serve isto? Para emagrecer as mulheres. Entrevistado pela imprensa, declarou que, pelo seu método, não há banha feminina que se não derreta em poucos dias. O processo é simples: em primeiro lugar, com suas ondas hipnóticas sôbre o consciente da gorducha, êle a coloca em "transe" e ordena (ordena!) que sua glândula tireóide elimine os excessos de gorduras da paciente. Até agora a proporção obtida é de 14 libras por mês. Quando êle "manda" que a tireóide funcione perfeitamente, queimando as gorduras da mulher hipnotizada, essas glândulas começam a trabalhar normalmente e a pessoa começa a perder pêso. Segundo declarações de Mr. Lee, a redução de banhas por êsse processo psico-hipnótico está dando os mais efetivos resultados, custando nada menos de três mil dólares por hora. Como vemos, só mesmo a vaidade poderia suportar tamanho pêso de fundos. Três mil dólares, ao câmbio amável de 20 cruzeiros, dão a bela soma de 60 mil cruzeiros. Numa hora é quanto embolsa o novo terapista pelo hipnotismo. No final, êle engorda as algibeiras, enquanto as senhoras perdem as banhas e os maridos a paciência. Queira Deus que o processo de Mr. Lee não chegue até às margens da Guanabara, pois aqui seria imediatamente majorado no tabelamento.



Os problemas da fome



UM telegrama de Nova York para a imprensa carioca nos dá esta notícia de arrepiar cabelos: "Não há um só país sul-americano cuja população esteja livre da fome". Quem o afirma? O técnico em alimentação e agricultura da ONU, dr. Josué de Castro, autor de "A Geografia da Fome", e que, dentro em breve, estará nas vitrinas americanas. Nessa obra, que promete ser sensacional e revolucionária, o nutriciólogo brasileiro apresenta a nova teoria de que a fome estimula a atividade sexual, dando como resultado mais bôcas para alimentar nas regiões famintas do mundo. Para conjurar os perigos de uma catástrofe, propõe o aumento da produção de alimentos, uma distribuição mais ampla e maior variedade dos regimes alimentícios. O autor refuta a velha teoria de que os excessos de população é que trazem a causa da fome. Temos aí vasto campo para discussões em tôrno de fome e sexo. Por que sustenta o dr. Josué de Castro a sua teoria? Deixando de parte a China e a Índia, os dois países do mundo em que as populações mais sofrem de falta de alimentação e onde a natalidade é muito elevada, olhemos para o Brasil e sua região mais carodvel de sofrer fome: o nordeste. Nessa região as famílias proliferam de maneira elevada. Raro é o sertanejo pai de família do Ceará, da Paraíba, Pernambuco e de outros Estados do nordeste, que não possua de seis a vinte filhos. Por que tão elevado teor de proliferação? Será por causa da fome? Não acreditamos. O sertanejo aumenta de filhos porque não procura limitar seu número. Para êle é uma ofensa a Deus, uma falta de vergonha. Uma casa, quanto mais menino, mais abençoada... Mesmo que tudo esteja subnutrido, ou faminto.

A PERSONAGEM DA SEMANA



Pedro Bloch

A 28 de janeiro p.p. agitaram-se os meios da crítica teatral do Rio, para a eleição do maior autor do teatro brasileiro, em 1951. Não seria sem luta e cabala, que os membros da Associação Brasileira de Críticos Teatrais chegariam ao têrmo do pleito, em virtude de haver nomes de reconhecidos méritos na arena eleitoral, cada qual com sua corrente de admiradores na mais alta função do julgamento, que é a Crítica. As eleições abrangiam ainda outros melhores do ano passado: diretor, cenógrafo, atriz, ator e revistógrafo. Escolhemos, porém, o que conquistou o primeiro lugar como autor, porque o fato se reveste de características inéditas em nossa história teatral. Venceu Pedro Bloch, com 36 votos. Nascido no Rio, em 1915, aqui se formou e aqui vive. Apesar de dedicado à sua clínica particular e hospitalar, sempre se inclinou para as coisas do teatro, do jornalismo e das letras. Faz cêrca de dez anos tentou o **radiatro**, neologismo de sua criação, e que se propunha a revolucionar o **broadcasting** nacional. Fêz várias peças, mas os diretores artísticos de nossas emissoras achavam que Pedro Bloch produzia coisas avançadas de mais. Sendo inovador, o carrancismo lhe foi hostil. Um dia Pedro Bloch levou "As mãos de Eurídice" para os sócios do Pen-Club, em representação particular. Era a primeira vez no Brasil que uma peça teatral era interpretada por um só ator: Rodolfo Mayer. O sucesso do "monovox" foi enorme, e, no "Regina", empolgou os espectadores. Seu nome se irradia pelo Continente e chega à Europa. Na Broadway, o teatro brasileiro, graças ao gênio de Bloch, prestigia a nossa cultura. O mesmo em Portugal, Espanha, Argentina, Tel-Aviv. Casado, tem na espôsa uma grande colaboradora.

Contos para a "Revista"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no "Correio da Revista" sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



ATENÇÃO

Em diversas localidades do interior do país já se encontra esgotada a grande edição do

ALMANAQUE EU SEI TUDO

o maravilhoso livro dos mil assuntos, para 1952.

Entretanto, a Cia. Editôra Americana — Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio — ainda dispõe de alguns exemplares que podem ser enviados aos interessados pelo reembôlso postal. Preço Cr$ 25,00 — um livro ilustrado com quase quatrocentas páginas, contendo calendários, informações sôbre o ano, um romance completo, contos, histórias, etc.

CHAMA-SE Joana Dark Martins, nasceu a 3 de fevereiro de 1924 em Araguari, Minas Gerais, estreou como «girl» em 1944 e já ganhou quatrocentos mil cruzeiros no teatro.



A PRIMEIRA vez que teve de mostrar as pernas, envergonhou-se. Depois compreendeu que tinha de ser assim mesmo, e fêz carreira no teatro musicado com seu encanto pessoal.



LISBOA... MADRID... PARIS... ROMA...

UMA BRASILEIRA NA EUROPA

JOANA D'ARC VAI TRABALHAR COM VASCO SANTANA ★ DEPOIS, QUER PERCORRER OUTROS PAÍSES DO VELHO MUNDO ★ A MINEIRINHA DE ARAGUARI, QUE SE ENVERGONHAVA DE MOSTRAR AS PERNAS, VAI CORRER MUNDO!



SEU ESPORTE PREDILETO: Equitação. «Astros» da tela preferidos: Bárbara Stanwyck e Farley Granger. No rádio: Nelson Gonçalves, Dalva de Oliveira e Isaurinha Garcia.

UMA BRASILEIRA NA EUROPA



QUANDO esta edição circular,
Joana d'Arc deve estar em terra
portuguêsa. Sua estréia, pelo que nos
disse, foi marcada para amanhã, di
10, em Lisboa, integrando um elenc
de revistas que tem como primeir
ator Vasco Santana. Em Portugal fi
cará três meses, recebendo vinte mi
cruzeiros de salário mensal. E te
outro contrato para Madrid, ficand
ali dois meses no rádio e num
"boite". Depois, rumará para diant
Paris, Roma, talvez Londres... En
fim, meio ano de excursão delicios
pelas plagas do Velho Mundo, sem
pre novo para quem ainda não
conheceu de perto.

Joana D'Arc (ou Joana Dark Mar
tins, seu verdadeiro nome) fazia seu
preparativos para essa emocionant
viagem quando nos falou, nos último
dias de janeiro:

— Veja você! Quem havia de dizer
em 1943, quando saí da minha cid
dezinha natal, que nove anos depo
esta oportunidade me seria oferecid
Tenho de aproveitá-la com tôdas
minhas fôrças não lhe parece?

Claro! E vêm, depois, os esc
recimentos:

Joana d'Arc nasceu em Aragua
Minas Gerais. Não se importa (p
enquanto) de mencionar a data:
grande acontecimento deu-se a 3
fevereiro de 1924. Sua estréia fêz-
com dezenove anos, precisamente
1943, na qualidade de "girl", nu
elenco estrelado por Beatriz Costa
Oscarito, que então ocupava o Jo
Caetano, aqui no Rio. Peça de la
çamento: "Ouro de lei". E dever
ser mesmo de lei o ouro do desti
que se abria para o futuro da mi
rinha graciosa, de rosto bonito e
nhas anatômicas impressionantes.
Mas quando chegou a hora de most
as pernas à platéia, Joana d'Arc e
cionou-se: — "Fui para a cena tra
pirando por todos os poros... Dep
tive de me acostumar. Até hoje, p
rém devo dizer-lhe que não me ap
sento assim despida, em cena abert
com satisfação. Se pudesse nã
faria. Mas o gênero de teatro q
abracei me impõe essa obrigação
tenho de curvar-me diante do in
tável."

Durante dois anos, Joana d'Arc
apenas "girl", mas em 1946 era p
movida a atriz. Motivos de or

**— «EU QUERO TRABALHAR
tante, ganhar muito dinheiro,
prar uma casa nos subúrbios,
galinhas e ajudar as crianças p
Mas, primeiro, tenho de repr
bastante...»**



— «**VOU TER SAUDADES** da nossa terra nestes seis meses de ausência. Será a primeira vez que me afasto do Brasil e acredito que não o faça, depois, muitas vêzes...»

— «NADA COMO dormir, dormir bastante, recuperar as forças depois do espetáculo da véspera — e preparar o organismo para outro dia de trabalho. Teatro é assim mesmo muito trabalho...»

UMA BRASILEIRA NA EUROPA

particular obrigaram-na a afastar-se do teatro até 1948, quando trabalhou ao lado de Procópio. No mesmo ano integrava um elenco de Dercy Gonçalves e mais tarde fêz uma temporada no Teatrinho Jardel. Também atuou no Recreio, com Walter Pinto, durante quase um ano. E, finalmente, apareceu com Mary Lincoln no João Caetano, em 1951.

— Outra de minhas grandes emoções no teatro foi quando me elegeram Rainha das Atrizes. Foi uma emoção dupla, com o que aconteceu no dia da coroação.

— Desmaiou?

— Pior! Imagine que me roubaram a coroa...

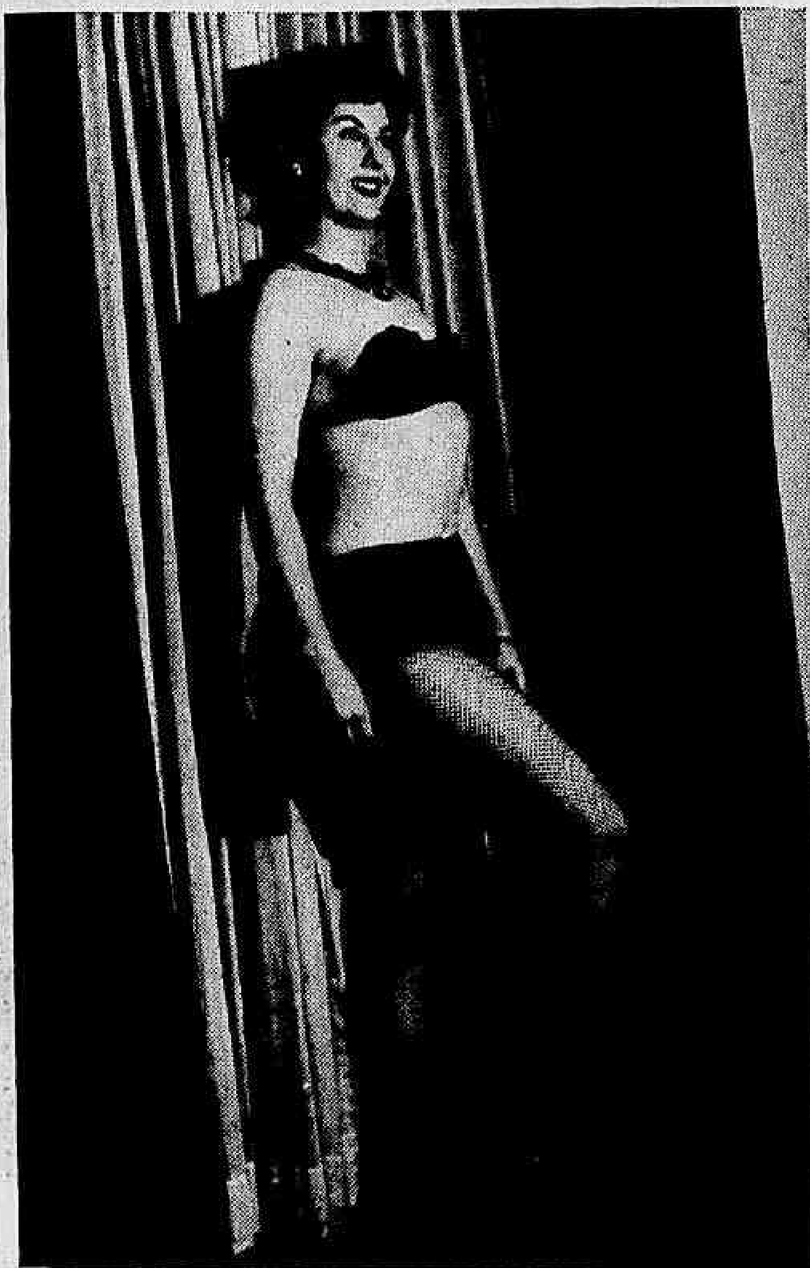
★

No teatro, Joana d'Arc já apurou mais de quatrocentos mil cruzeiros. Vai, agora, contratada por seis meses à razão de vinte mil cruzeiros mensais e está satisfeita.

— Gosto de praticar equitação — disse também. — Meu grande sonho é trabalhar bastante, ganhar muito dinheiro e comprar uma casa nos subúrbios, onde possa criar galinhas e ajudar as crianças pobres. Sei o que é pobreza e não gosto de ter a meu lado ninguém que passe necessidades, principalmente crianças...

Joana d'Arc gosta de cinema. Seus artistas prediletos são Barbara Stan-

(Cont. na pág. 47)

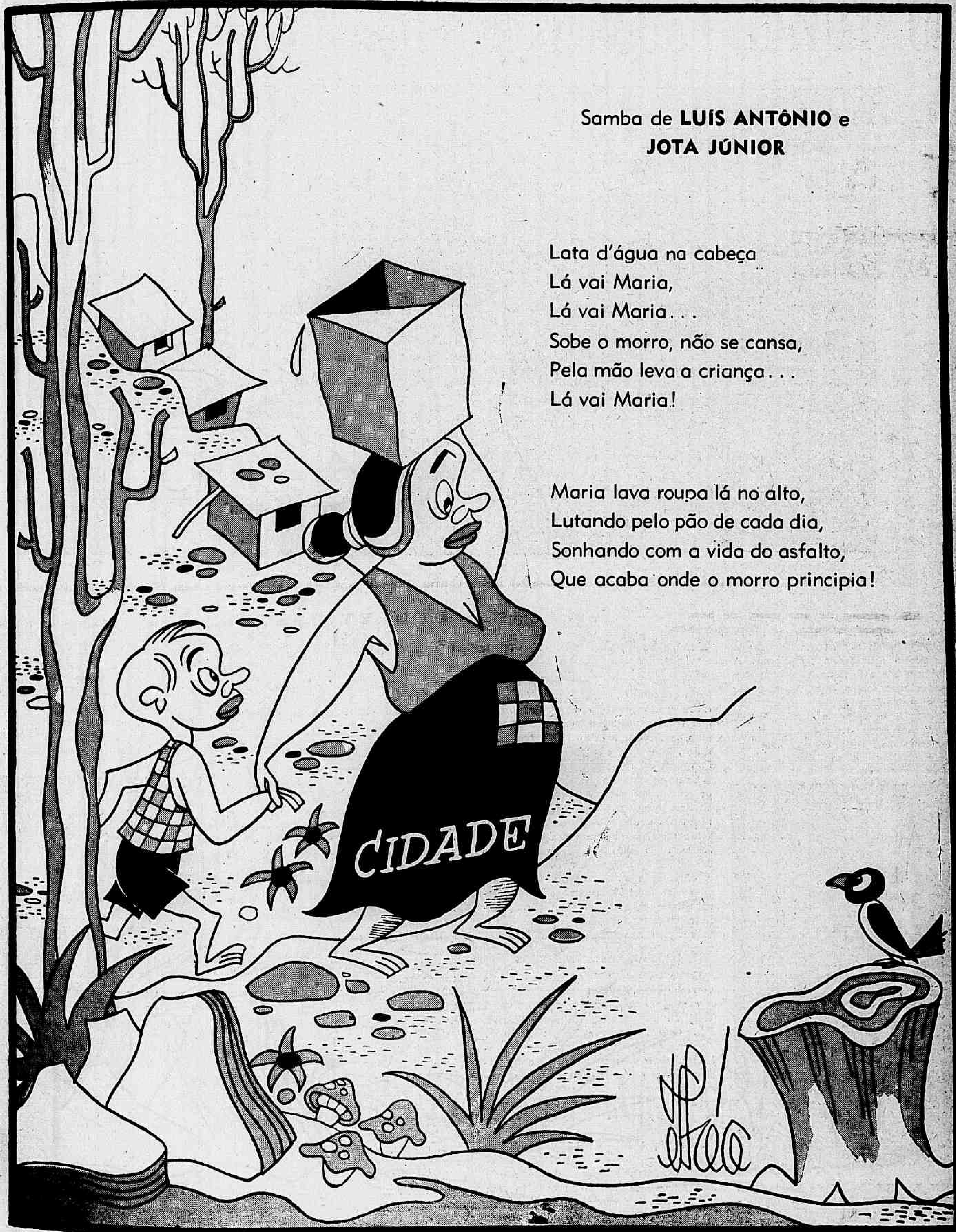


QUANDO ELA FOI eleita Rainha das Atrizes, no dia da coroação... roubaram-lhe a coroa. Que raiva! Hoje tudo é bom de lembrar...



E AGORA, Lisboa, Madrid, Paris, Roma... Terras novas, gente diferente, emoções inéditas... E muito coisa para contar na volta!

LATA D'AGUA



Samba de **LUÍS ANTÔNIO** e **JOTA JÚNIOR**

Lata d'água na cabeça
Lá vai Maria,
Lá vai Maria...
Sobe o morro, não se cansa,
Pela mão leva a criança...
Lá vai Maria!

Maria lava roupa lá no alto,
Lutando pelo pão de cada dia,
Sonhando com a vida do asfalto,
Que acaba onde o morro principia!

PEQUENA HISTÓRIA DO BOX - 4

AS LUVAS PASSAM A PROTEGER OS PUNHOS



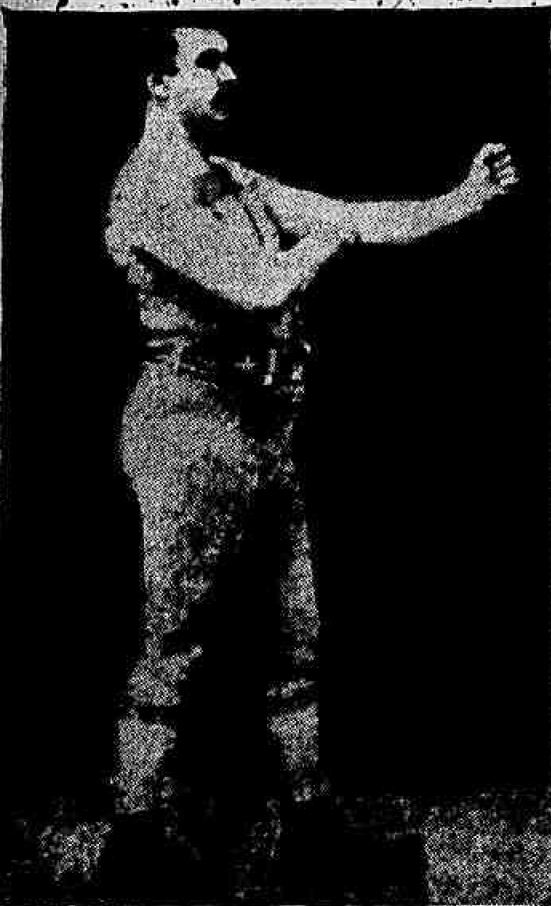
QUANDO TOM SAYERS (à esquerda) lutou contra Heenan em 1860, o ex-campeão Jem Ward pintou êste quadro da luta.

Por DUDLEY LISTER

Tradução de *Octavio A. de Azevedo* para a REVISTA DA SEMANA

AS ruinas de um ring de box desacreditado, o Regulamento de Queensberry fêz surgir uma nova era para o mundo do pugilismo. A história dêste esporte nos mostra que a sua classe muito depende daqueles que o patrocinam.

Em 1822 o velho campeão Cribb, que já estava aposentado, nomeou seu filho adotivo, Tom Spring, seu sucessor. Spring era um caráter exemplar e um boxeur de primeira classe. Mais ou menos em 1824 êle já estava classificado para o campeonato em que derrotou Bil Neate e Jack Langan mas, em virtude de rachaduras nas mãos, teve que abandonar o box no ano seguinte.



JOHN L. SULLIVAN de Boston lutava com ou sem luvas. Era apreciador de whiskey, mulheres e pugilismo. Morreu em 1918 e foi enterrado de casaca.

Começa agora o declínio do box e os pugilistas e seus patronos os Corintios, que mantiveram o box num nível bem elevado durante mais de vinte anos, começaram a desaparecer. Jackson já havia pedido demissão desde 1824, desgostoso com as maroteiras que aumentavam escandalosamente. Outros interessados imitaram-no e logo depois o Clube Pugilista cerrou as portas. O esporte estava agora nas mãos dos maroteiros.

BOXEADORES CORAJOSOS

Entre 1825 e 1857, os campeões que vieram depois de Spring foram os seguintes: Jem Ward, o surdo Burke, William Thompson, vulgo "Bendigo", Ben Caunt, Perry e Harry Broome. Foram quase todos pugilistas valentes, mas a maioria dos competidores era composta de homens honestos, mas que fàcilmente se deixavam seduzir pelo subôrno e alguns se tornavam em verdadeiros salafrários.

Jem Ward foi um hábil boxeador, porém desonesto no ring. Numa competição contra Bill Abbot êle atuou brilhantemente até o momento em que as apostas eram de 100% a seu favor e nessa ocasião êle sussurrou para Abbot: "Está na hora, põe-me fora de combate". Infelizmente para êle, Abbot, que já se achava exausto, não pôde fazê-lo. Quando o treinador de Ward, que não estava a par da marosca, censurou-o pela incorreta conduta, Jem respondeu-lhe: — "Eu sei o que faço e não posso vencer esta luta". Ao terminar essas palavras fingiu um desmaio, com receio que Abbot se rendesse. Mais tarde, quando já campeão, vendeu-se numa competição, evitando, todavia, o escândalo. Pouco depois retirou-se para se dedicar à pintura!

O surdo Burke era, a despeito do seu nome irlandês, um londrino honesto. Em 1837 foi à América, sendo, portanto, o primeiro campeão inglês a empreender tal viagem. Fuller, seu precursor no Novo Mundo, em 1818, não tinha pretensões à classe de campeões.

Na sua primeira luta em Nova Orleans, contra o irlandês O'Rourke, Burke teve a felicidade de sair vivo do ring. O motivo disso, segundo consta, foi que, estando os dois junto às cordas, Burke maltratou um dos treinadores de O'Rourke e o elemento irlandês-americano que se encontrava entre os espectadores revoltou-se e começou a persegui-lo, com intenção de linchá-lo, mas Burke, conseguindo um cavalo, desapareceu em poucos segundos.

Mais tarde, em Nova York, êle conseguiu sair vitorioso no único "match" que realizou nos Estados Unidos, voltando à pátria, onde se entregou a uma vida desregrada, perdendo o título de campeão, que passou para Bendigo em 1839.

No ano seguinte apareceu um Novo Regulamento do Box, com o intuito de tornar êste esporte mais humano. Segundo o velho código de Broughton, os competidores podiam ser carregados para o quadrado no centro do ring antes dos "rounds" e essa concessão regulamentar era muito explo-



BENDIGO mais tarde fêz-se pregador e dizia: — «Estou agora lutando contra Satanaz e a vitória há de ser minha». Alguns não tinham confiança nele como pugilista, inclusive o próprio Belzebu.

rada e interferia nas apostas, porque tornava difícil calcular-se a resistência dos boxeadores. Houve casos de pugilistas serem trazidos para o quadrado semiconscientes e quando Brighton Bill faleceu, depois de uma competição com Owen Swift em Royston, em 1838, em virtude da prática adotada, houve um protesto geral contra a mesma.

Os vinte e três novos artigos regulamentares eram bem mais detalhados do que os sete de Broughton. Segundo as novas regras, os competidores deveriam dirigir-se para o quadrado inicial da luta, *sem ajuda alguma* e para isso tinham oito segundos, depois de dado o sinal convencional. Os auxiliares e o portador da água e da esponja ficaram também limitados a uma determinada área nos cantos do ring durante a luta.

Não obstante as medidas acima, o box continuou decaindo moralmente. Os cabarés de Heymarket, em Londres, tornaram-se o centro das combinações pugilísticas com o aparecimento da estrada de ferro. Os empresários eram indivíduos sem o mínimo escrúpulo, que viajavam em trens especiais. O interêsse dêsses indivíduos era impedir a realização de todos os encontros de box anunciados, a fim de angariar mais dinheiro com a venda de bilhetes para a próxima luta.

Bendigo e o seu adversário Caunt eram do condado de Nottingham e foram alternadamente campeões entre 1839 e 1845. Excursionavam pelo país acompanhados de uma malta perigosa de arruaceiros, conhecidos pela alcunha de "Cordeiros de Nottingham". Êsses arruaceiros eram encarregados de provocar desordens quando uma luta não se desenrolava de acôrdo com as maroscas. Os juízes e demais auxiliares eram ameaçados e o cacête entrava em ação a torto e a direito.

EXPURGANDO O PUGILISMO

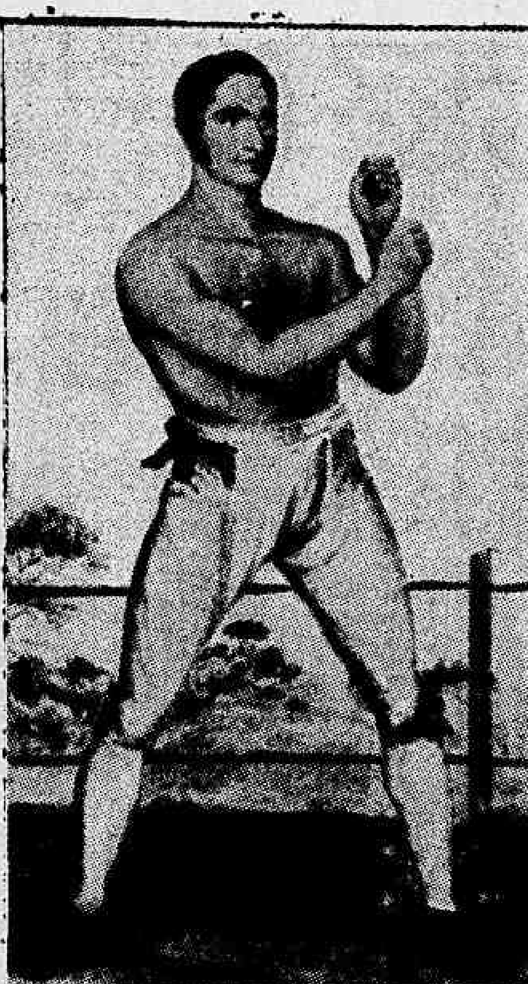
A narrativa de uma testemunha ocular do *quadragésimo primeiro round* de uma das competições disputadas por Bendigo é um exemplo da situação do pugilismo daquela época: — "Bendigo aplicou um golpe de esquerda e se afastava quando Caunt avançou para êle, agarrando-o junto às cordas e, depois de jogá-lo para fora do ring, caiu-lhe em cima. Nessa ocasião, entra em ação um dos célebres arruaceiros, para dar uma cacetada na cabeça de Caunt, mas, errando o alvo, foi atingir o ombro de Bendy."

Tipton Slasher e Harry Broome foram pugilistas medíocres, mas em 1857 o box reconquistou um pouco da antiga glória com o aparecimento do campeão Tom Sayers que, além de ter personalidade, era um boxeador valente e leal. Tinha 5 pés e 8 polegadas de altura e pesava 77 quilos. Em 1860, Sayers conseguiu a maior vitória da sua carreira aceitando um desafio para enfrentar o americano John C. Heenan, que era muito mais alto do que êle e pesando 85 quilos. Sayers, logo no início da competição, que foi longa e feroz, machucou o braço direito e quase no final da mesma Heenan tentou estrangulá-lo nas cordas. Depois de duas horas e vinte minutos de luta, a polícia e os espectadores interromperam-na. O braço direito de Tom estava sem ação e o americano estava quase cego.

Para evitar o perigoso recurso do estrangulamento, foram feitas algumas alterações no regulamento do pugilismo, permanecendo, entretanto, o sôco sem luvas, que continuava, na



OS PRIMEIROS pugilistas usavam calções curtos e meias compridas de sêda e depois passaram a usar calções de meia compridos.



TOM SPRING, cujo verdadeiro nome era Winter arrancou o título de campeão de Cribb. Suas duas vitórias contra Langan foram extraordinárias, mas seus punhos fracos encurtaram a sua carreira no box.

Inglaterra e na América, explorado por indivíduos desleais. A lei determinava que era proibido o uso de punhos sem luvas, mas os maiorais do box temiam pela sua sorte.

Em 1864 foi publicado o regulamento de Queensberry, que obrigava o uso das luvas nas competições, mas o velho código ainda prevaleceu por algum tempo. Os pugilistas continuavam agindo secretamente e algumas vêzes, para burlar a polícia, realizavam as competições na França e na Bélgica.

Sam Hurst, Tom King e Jem Mace foram os sucessores de Sayers nos campeonatos que se realizaram entre os anos de 1861 e 1879. Mace era um lutador científico e estêve na América para tomar parte no campeonato mundial de 1870, derrotando Tom Allen. Retirou-se mais tarde para a Austrália, onde fundou uma escola de box.

O uso das luvas de box passou por um processo muito lento. A nova maneira de lutar criou um campeonato de amadores, que foi realizado pela primeira vez em 1867, sob a denominação de Campeonato de Amadores de Queensberry. Para o profissionalismo, o novo regulamento era bem mais severo do que o antigo. Pelo código antigo, os "rounds" terminavam com uma queda provocada por um golpe de luta ou sôco e eram, portanto, curtos, mas, pelo novo regulamento, cada "round" tinha que durar três minutos com um intervalo de um minuto de um para o outro. Quando um adversário caía, tinha dez segundos para recomeçar a luta e o uso das luvas era obrigatório. O regulamento dizia: "as luvas terão um tamanho proporcional, deverão ser novinhas em fôlha e da melhor qualidade". Como se pode imaginar, "tamanho proporcional" era interpretado à vontade e algumas vêzes as luvas eram tão apertadas que protegiam os punhos e tornavam os sôcos ainda mais violentos.

OS ÚLTIMOS HERÓIS

As competições eram realmente longas, como prova uma delas realizada entre Andy Bowen e Jack Burke. Realizou-se em 1893, em Nova Orleans, teve 110 "rounds", durou *sete horas e dezenove minutos* e terminou num empate.

Os últimos heróis do sôco primitivo encontravam-se agora entre os primeiros boxeadores de luvas. Na Inglaterra, Jem Smith e Charlie Mitchell praticavam ambos os métodos e, na América, Sullivan exibia-se sob os dois códigos. Em 1882, Charlie Mitchell venceu o campeonato inglês do regulamento de Queensberry e sete anos mais tarde realizaram-se as duas últimas competições sem luvas em que tomaram parte John L. Sullivan, que venceu Jake Kilrain na América, e Jem Smith enfrentando Frank Slavin, em Bruges, na Bélgica. Ambas as competições nada mais foram do que cenas de banditismo.

O box, tal qual o praticamos hoje, começou a se firmar em 1880, quando na Inglaterra foi fundada a Associação Amadora do Box, que realizou o seu primeiro campeonato no St. James's Hall, em Picadilly, no ano seguinte. Onze anos depois fundou-se o Clube Esportivo Nacional, que passou a dirigir o box em tôda a Inglaterra.

Nessa época já existiam as divisões por pêso. No tempo do box ainda sem luvas já existiam os pesos-leves, como Dutch Sam e Johnny Walker, mas só um dêles foi reconhecido, porque praticava *todos os pesos*. Na lista dos campeonatos havia agora o pêso pesado, o médio, o leve e o pena, classificados nas classes respectivas. O box desenvolvia-se em tôda a Inglaterra. Na Austrália, Larry Foley, aluno de Jem Mace, preparava bons competidores como, por exemplo, Bob Fitzsimmons e Peter Jackson, que era um homem de côr. Na América, em 1892, James J. Corbett lutou contra John L. Sullivan, disputando o primeiro campeonato de pêso-pesado do mundo e organizado pelo Queensberry.

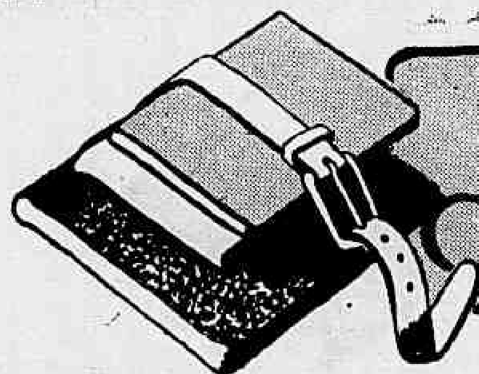
NOVAS IDÉIAS

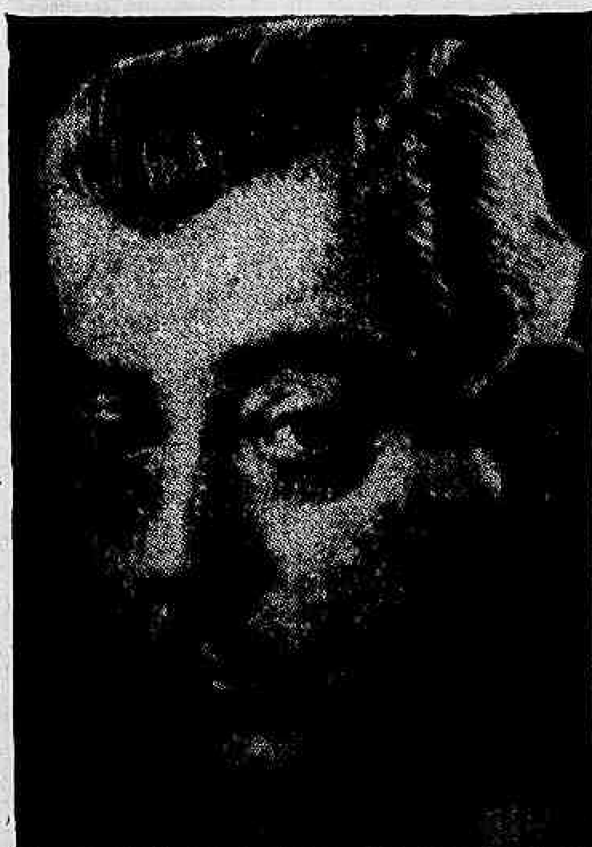
Essa competição tornou-se memorável pelo seu contraste. Sullivan fôra um pugilista da velha guarda e já

(Cont. na pág. 44)



JOHNNY WALKER era leve demais para campeão da classe. Suas «côres» estão amarradas a uma das estacas do ring e ao fundo vê-se uma carruagem, o tipo mais moderno da época.





JACQUES PREVERT

ÁLBUM DE FAMÍLIA

JACQUES PREVERT é certamente o nome de maior prestígio, atualmente, na poesia francesa. Discutido. Negado. Atacado. Há pouco tempo, um jornal de Paris divulgava a opinião de Jean Cocteau, depois de ler versos de Prevert: "E' Geraldy sem o "abat-jour"... Como espírito é interessante, principalmente em se tratando de um Cocteau, grande nome da poesia — como Prevert — e de um poeta do cinema — também como Prevert...

A verdade é que o poeta de "Paroles" e de "Spectacle" é hoje, queiram ou não queiram — o poeta de Paris.

René Lalou, saudando o poeta ao aparecimento de "Spectacle" falou no encanto de sua improvisação: de fato, Prevert domina êsse mundo poético do improvisado, da poesia que ocorre sem qualquer rebuscamento, inintencional e palpitante de vida, por isso mesmo. Improvisar não é fácil: que o digam os modernistas da geração de Cocteau mesmo, que procuraram fingir a improvisação. Improvisar liricamente é um dom. E Prevert possui êsse dom. Com êle, o humor. Com êles, um pouco de sentimentalismo, um sentimental que usa máscara, por pudor. Se seu encanto vem dêsses elementos líricos de sua poesia, se sua popularidade — digamos mesmo seu prestígio — decorre da facilidade de sua poética, lendo-o, percebemos logo porque Paris o ama: seus versos têm um pouco de canção das ruas — dos bosques, il va sans dire — um inconfundível ar boulevardier, misto de refrãos de "La Tomate" e de melodias da Place Pigalle... O ar, porque, reparando bem, vemos que é tôda uma outra coisa, é poesia mesmo, poesia quase em estado de pureza, poesia nascente como, entre nós, encontramos, por exemplo, em Ascenso Ferreira, o bárbaro, cantando o seu Nordeste, com a mesma espontaneidade, com o mesmo improviso com que Prevert, o civilizado, canta o seu Paris, canta-o e conta-o, sempre com lirismo, como está nos seus livros e como está bastante no seu filme — "Le Boulevard du Crime".

No final de um dos poemas de "Spectacle", encontramos êste verso: "Chacun son cirque".

Pois, Jacques Prevert tem também seu circo. E' um circo delicioso, tanto sua poesia participa da atmosfera circense, pela improvisação, pela sinceridade, pela graça, pelo humor, pelo espírito vago e errante, com o gôsto da aventura... Circo, sim — e que bom circo!

"POESÍA"

O mais recente lançamento da "Editôra A Noite" é um livro de poemas, intitulado "POESIA", que assinala a estréia de Elza Bebianno.

Revela êsse volume de estréia uma fina sensibilidade poética, que já apresenta amadurecimento artístico e testemunha em seus poemas um lirismo que decerto atrairá grande número de leitores, pela sua emoção e disciplina.

Ao publicar "Poesia", de Elza Bebianno, a "Editôra A Noite" está certa de divulgar uma excelente coletânea de versos que registam a aparição de mais uma significativa voz poética brasileira.

PARA O GOVERNADOR KUBITSCHEK LER

Da série de crônicas que Sábato Magaldi está escrevendo no "Diário Carioca", transcrevemos a seguinte que endereçamos ao governador Juscelino Kubitschek, na hipótese de não ter lido ainda e com a certeza de que o articulista interpreta as aspirações da inteligência mineira:

"O poeta Jacques do Prado Brandão dirige, em Belo Horizonte, o Clube de Cinema, que vem apresentando aos sócios um programa excelente. Nos poucos dias em que lá estive, foram exibidos, entre outros, filmes de Maja Deren, René Clair, Jean Renoir e Dreier. Mas não se limitam ao Clube os propósitos do autor de "Vocabulário noturno". Jacques deseja criar, com a colaboração de interessados em outros setores, uma grande organização artística, que se manteria numa única sociedade.

Devem participar da organização o Clube de Cinema, um Clube de Teatro, a ser fundado, e um setor de pintura, que disporia de uma sala para exposições permanentes. E' certo que o simples concurso de sócios, pelo menos no início, não seria suficiente



GOVERNADOR DE RIO CLARO

para custear as despesas do conjunto cultural. Em exposição a ser dirigida ao Sr. Juscelino Kubitschek, logo se defina juridicamente a organização, os interessados pedirão o apoio do govêrno mineiro.

Compreende-se fàcilmente o alcance

FORA DO

O LIVRO DA SEMANA

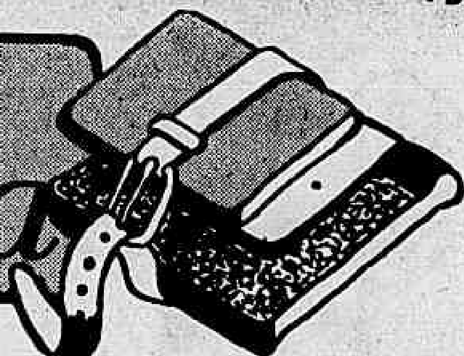
"A FUNÇÃO DO INCONSCIENTE NAS ARTES PLÁSTICAS"

H. Pereira da Silva prossegue, neste livro, sua obra de crítica psicanalítica. Desta vez, com a particularidade de o autor de «Megalomania literária de Machado de Assis» ter estudado artistas plásticos. O volume nos apresenta perto de quarenta estudos, alguns dos quais focalizando nomes atuais dos mais discutidos, como sejam o escultor Edgard Duvivier e os pintores Presciliano Silva e Portinari. Estamos citando êsses nomes precisamente para chamar a atenção do leitor para a momentosidade da obra e, assim, mover o interêsse do público ledor para êste livro eminentemente didático, muito mais didático até do que crítico. Didático do aspecto literário, como do plástico, ensinando ao mesmo tempo crítica de arte moderna e interpretação humana da obra de arte.

O adjetivo — didático — ao contrário do que poderia parecer, não diminui a obra. Muito pelo contrário. Aliás, o próprio autor sabe que está — como realmente acontece — abrindo caminhos novos ao exercício da crítica moderna entre nós. Nesse caso, êle se vê na contingência de ensinar como se faz essa crítica, seu «processus», ao mesmo tempo mostrando-nos o que ela vem acrescentar à crítica clássica e tainiana, sem pretender substituí-la. Se é verdade que a crítica moderna se distancia cada vez mais do artista, para se fixar na obra de arte, por outro lado é certo, também, que, sem o melhor conhecimento do artista, não chegaremos nunca a uma perfeita inteligência de sua obra. E' nesse ponto que a «escola» crítica freudiana tem sua razão de ser: ela penetra a simples biografia vai até o inconsciente e nos revela os movimentos profundos que a obra de arte não revela: mostra-nos o homem, o criador, o artista através da própria obra, nas suas evoluções inconscientes e livres. E' o que se constata aqui e, assim, merece louvor tanto a tarefa que vem exercendo, nesta crítica, H. Pereira da Silva, como a maneira elegante com que êle a exerce. E, diante dêstes estudos tão simples e tão aclaradores, ficamos imaginando como falta uma crítica assim a grandes artistas de nosso tempo, tão mal compreendidos como Picasso e Dalli: como seria mais fácil todo o Picasso, tão negado pelos leigos, se se projetasse a luz da psicanálise sôbre sua «fase azul», por exemplo, ou sôbre sua galeria dos homens cornudos — aquela galeria que tanto incomoda os visitantes do Museu Picasso, em La Napoule.

Os que não aceitam a arte moderna, principalmente, êsses muito aprenderão com estas páginas. Se é sumamente interessante o caso que êle estuda na pintura de Presciliano, «pintor do silêncio», para cuja surdez êle encontra fundamentos psicológicos, antes que físicos, é sobremaneira curioso, também, o que nos conta sôbre a arte de Portinari, esclarecendo particularmente o caso do retrato da mãe do artista, tela que tem servido como ponto de partida para a condenação da obra do pintor dos «Meninos de Bodoski».

Literária



EDMUNDO LYS

do projeto. A reunião, num mesmo edifício, das três atividades, formaria um ambiente propício ao desenvolvimento de tôdas. Criar-se-ia um clima cultural, capaz de atrair a participação de maior público. E a iniciativa teria a virtude, sobretudo, de congregar esforços, única maneira, como sabemos, na província, de levar adiante uma idéia, já que as tentativas isoladas se perdem.

Não me cabe cogitar dos pormenores da organização. Estão, ademais, em estudos. Quero, porém, aos interessados, antecipar meu pedido ao governador mineiro.

E' conhecidíssimo em todo o Brasil o aprêço que o Sr. Juscelino Kubitschek tem pelo trabalho artístico. Quando prefeito de Belo Horizonte, mandou construir o admirável conjunto da Pampulha, organizou uma expressiva expoição de pintura, e iniciou o levantamento do novo Municipal, que seria, sem favor, o melhor teatro do mundo. Ainda outro dia pediu ao reitor da Universidade mineira a revisão do projeto da Cidade Universitária, a fim de que suas linhas aproveitassem as conquistas da arquitetura moderna. Nunca descurou, como se vê, da beleza da cidade, trazendo-a, nesse setor, para a vanguarda brasileira.

Pode-se esperar, pois, que o governador Juscelino Kubitschek preste apoio à organização que se estuda. No que toca ao teatro, o Clube poderá contratar um diretor, que oriente as atividades do palco, bem como ensine os princípios da arte cênica. Peço, assim, que o Govêrno, que sempre promoveu iniciativas culturais, prestigie, também, essa proveitosa idéia. Belo Horizonte tem elementos para ser um grande centro de teatro no país."

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

Obra pensada magnìficamente (assunto eterno: o nosso poeta máximo), o estudo que, sôbre Castro Alves, escreveu Lopes Rodrigues, devia ser distribuído pelos moços. Infelizmente, é difícil, quando não impossível, encontrar o soberbo trabalho. A sua difusão valeria por mais um jôrro de luz na glória de Castro Alves!

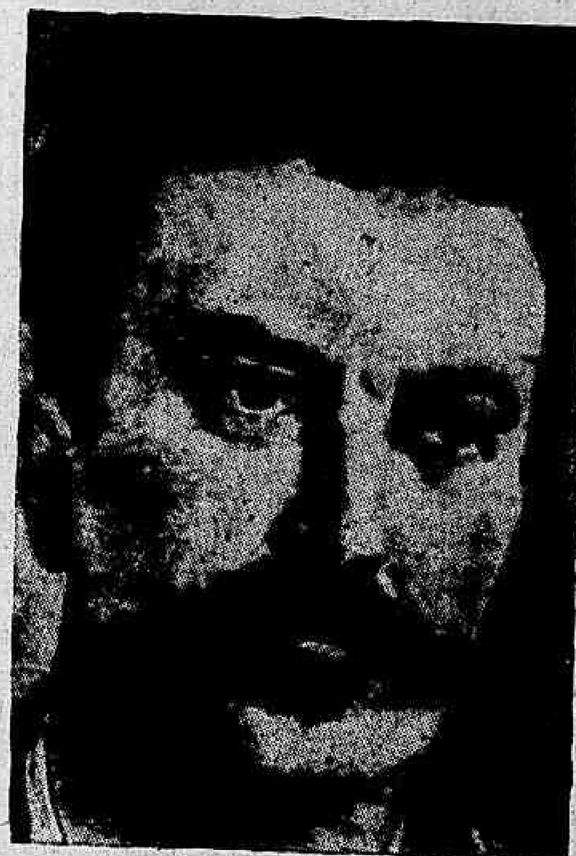
PRELO

COLETÂNEA DE POETAS PAULISTAS — Mais uma antologia da série que a Editôra Minerva Ltda. (Rio) está dedicando aos poetas do Brasil. Esta foi organizada por Enéas de Moura, autor já consagrado por obras anteriores e que nos apresenta um trabalho apreciável, pelo cuidado da pesquisa, pelo gôsto da seleção de poemas e, principalmente, pelo lugar que fêz, nesta «Coletânea», aos poetas da novíssima geração: a lista de poetas dêste livro vem de José Bonifácio aos principais poetas do Clube de Poesia, inclusive alguns cujas estréias se deram em 1950. Um bom roteiro para estudo da poesia paulista até esta data, em excelente apresentação da Minerva.

FUTEBOL, CENTAUROS & OUTROS BICHOS — Vital Pacífico Passos já se consagrou como poeta satírico desde sua aplaudida «Zebueida». Êste segundo livro do gênero confirma suas qualidades excepcionais para o gênero, sua cultura, sua facilidade de versejar, imprimindo, mais pelo lavor literário do que pelos temas que versa, interêsse às suas obras. Não cremos que vivemos em uma época propícia à sátira. Isso, entretanto, não vem ao caso, desde que a sátira seja bem feita, trabalhada com verve e pondo em foco temas de geral interêsse. Também não concordamos com o poeta, na sua virulência «esportófoba» — digamos — nem com seu indisfarçável chauvinismo. Aceitamos isso como recursos poéticos e como natural exagêro de satirista. Os males contemporâneos não são precisamente êsses que êle aponta, como já não serão mais aquêles que «Macunaíma» nos comunicava neste lema: «Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são». A nós nos parece que o tempo e os males correram mais do que o satirista. O que não impede que seu livro seja obra digna do maior interêsse, do ponto de vista artístico. Edição Pongetti.

NOSSO SENHOR E NOSSA SENHORA NA POESIA BRASILEIRA — O poeta Da Costa Santos reuniu neste volume (Edições Mantiqueira, B. Horizonte) numerosos poemas escritos no Brasil falando de Deus, de Jesus e da Virgem Santíssima. Não são todos, evidentemente, nem todos êstes são os melhores, versando os temas. Há mesmo aqui uma certa falta de espírito crítico mais apurado, determinando o comparecimento de poetas menores, e mesmo mínimos, ao lado de grandes poetas. Além disso, uma distração do antologista levou-o a incluir na parte dedicada a Nossa Senhora o sonêto de Da Costa e Silva, «Cheia de Graça», bastante profano e, até mesmo, dentro de um critério religioso, bastante reprovável, o que assinalamos para que tal falha seja corrijida em possível futura edição. O volume é interessante e merece o interêsse do público como dos estudiosos, embora não compreendamos, por exemplo, que o poeta Mariano por excelência, com a circunstância ser um dos maiores poetas de Minas e do Brasil, Alfonsus de Guimaraens, esteja tão parcimoniosamente representado no volume.

PIGMALIÃO — Tradução de Miroel da Silveira, acabam as Edições Melhoramentos de publicar mais uma peça de Bernard Shaw: «Pigmalião», cujas páginas mostram as mesmas características sardônicas do dramaturgo irlandês, as quais assinalam todos os seus trabalhos, motivadores, quando encenados, de amplas discussões.



GUY DE MAUPASSANT

NOVELAS E CONTOS

DEPOIS de um primeiro volume de 44 "Contos" de Maupassant, escolhidos e traduzidos por Mário Quintana, a Editôra Globo apresenta agora ao público mais 63 contos do mesmo autor, em seleção e tradução cuidadosas de Vidal de Oliveira. Num único volume, por mais apurada que fôsse a escolha, não podiam caber todos os contos famosos ou importantes por um ou outro motivo. Mesmo depois da publicação desta segunda coletânea, talvez alguns conhecedores de Maupassant lamentem não encontrar a história de sua preferência. Entretanto, os organizadores têm consciência de haver incluído, nessas cento e tantas histórias, grande parte do que o mestre moderno do gênero escreveu melhor.

"Novelas e Contos" abrange espécimes de tôdas as variantes do conto cultivadas por Maupassant: anedotas de camponeses astutos, tragicomédias de pequenos funcionários, casos de assombração e de loucura, reminiscências de excursões em barco, aventuras de viagens, cenas da guerra franco-prussiana e, sobretudo, dramas de amor sob tôdas as formas, em todos os ambientes. Descrevendo com aparente impassibilidade fatos e acontecimentos, sem entrar a analisá-los ou explicá-los, o autor revela como que acessòriamente abismos da alma humana. Ter sido observador objetivo e agudo, e ter apresentado em suas páginas centenas de tipos humanos, especialmente franceses, é uma das glórias de Maupassant. Outra consiste em ter sido êle um mestre na arte da construção literária, alcançando em suas novelas e contos uma intensidade extraordinária. Nem todos, porém, percebem que, além e acima de tudo isso, êle foi um grande, um excepcional poeta.

"É, porque poeta — escreve a seu respeito o eminente crítico italiano Benedetto Croce — Maupassant, que só conhece a matéria e os sentidos, que só representa os frêmitos obscuros da matéria e os espasmos da carne, põe na sua representação tamanha verdade objetiva que nela, graças à dor, à piedade ou à repugnância, se torna a idealidade ética; graças ao cômico e ao riso, a superioridade do intelecto sagaz; graças à desolação e ao desespêro, a exigência religiosa. Poeta êle nasceu na verdade e, difundindo poesia com poderosa facilidade criadora, consumiu a sua breve existência; e entrou no mundo literário e dêle saiu (como se lembrou de dizê-lo êle mesmo, já enfêrmo e meditando o suicídio) como um meteoro".

CANÇÃO

(De **DULCINÉA PARAENSE**)

Minha ternura perdida
minha ternura isolada.
Sou uma — tenho doçura
outras, quantas! não têm nada.

Minha ternura perdida
minha ternura maguada.
Rimei piedade com pranto
vendo mãozinhas sem nada!

Minha ternura perdida
minha ternura esbanjada...
Ando à-toa, nos caminhos...
Semeio, e não colho nada.

Minha ternura perdida
minha ternura ultrajada.
Quantos órfãos, quantas almas
que pedem um pouco de nada!

Minha ternura perdida
minha ternura estiolada...
Que posso eu contra a sorte
se a sorte não me deu nada?



EU VI A GUERRA DE PERTO

EM TÓQUIO ESPERAVAM "O" JORNALISTA E APARECEU "A" ★ "MADAME BUTTERFLY" NA CAPITAL JAPONÊSA É DIFERENTE! ★ MAC ARTHUR DEIXA O JAPÃO E O POVO GRITA: "VOLTE, GENERAL!" ★ BUROCRACIA EM TÔDA PARTE ★ E FINALMENTE, A CORÉIA! ★ O QUE ME ESPERA POR LÁ?

(Fotos reproduzidas com a devida autorização da censura competente)



Um dos muitos edifícios de Seoul (Coréia) destruídos pelas bombas depois de sucessivas lutas contra os vermelhos. Essas visões, que se presumia terem acab[illegible] com o término da Grande Guerra, agora repetem-se no cenário coreano e não podemos dizer até quando continuarão desmoralizando os conceitos de civilização cris[illegible]

APÓS percorrer vinte e três mil quilômetros aéreos, voar sessenta e cinco horas e fazer trinta e duas aterragens e decolagens, cheguei ao Japão, ao famoso Império, do Sol Nascente, num luminoso fim de tarde.

Em quatro dias e meio vivi as três estações do ano: Outono na América do Sul, Inverno na Europa e Primavera no Extremo Oriente. E, durante êsses dias, sobrevoei dezenove países e três mares.

Todo o Médio e Extremo-Oriente deixou-me uma profunda impressão de desencanto. Pierre Loti, êsse famoso escritor falecido há muito, se tivesse a possibilidade de ressuscitar e ver os países que os seus livros nos ajudaram a encher de lend aficaria certamente desolado! Porque, com êstes países, deu-se o contrário do que é lógico esper[illegible] visto o progresso nem sequer lhes tocar o limiar das fronteiras.

Êles e o seu povo, sofreram êste fenômeno estranho: retrocederam a passos gigant[illegible]cos, e não conhecem o mínimo de confôrto, de higiene e de liberdade mental. Viv[illegible] entre a miséria que reina soberana, a porcaria que dá leis, num quadro de desola[illegible] atraso pedagógico e de prosmicuidade confrangedora. Isto passa-se sob os olhos de q[illegible] tem o dever de modificar todo êste aflitivo ambiente e que não mexe um dedo p[illegible] isso.

Indolência de uns e apatia de outros concorreu para transformar uma viagem, [illegible]



Mulher coreana vendendo «kimchi» num mercado improvizado em Seoul. Muitos estabelecimentos comerciais reabriram por êsse processo, ao ar livre, quando a capital caiu em poder das fôrças das Nações Unidas.



família de fugitivos da guerra, com seus pertences distribuídos em carretas, viaja sem destino. Onde a luta está mais calma ou o terreno ainda em poder dos ..., seus componentes pousam para descansar. Quando o fogo recomeça, tocam para a frente ou recuam. Mulheres e crianças vivem nessa angústia há dois anos.

EU VI A GUERRA DE PERTO

... de ser maravilhosa, num sacrifício visual e sentimental pois meu coração não ... de ser demasiado sensível perante as desgraças alheias.

... raríssimas exceções, como por exemplo essa formosíssima cidade de Hon-Kong — ... pôrto de mar da legendária China — deram à jornalista motivos de alegria pictó... Hong-Kong é uma cidade harmoniosamente traçada e aonde as ruas estreitas dos bairros comerciais são originalmente decoradas com as roupas coloridas vindas das lavandarias. Essas roupas — de todos os marinheiros do mundo, dos naturais do país e de todos os estrangeiros que por alí passam — depois de lavadas são estendidas em paus compridos que saem das janelas de todos os andares, geralmente os prédios têm três a quatro andares, e ficam alí, desfraldadas ao vento numa exótica demonstração de secagem em massa... Os "richt-cars" puxados por homens de músculos salientes saltitam ligeiros e silenciosos por entre automóveis e ônibus cheios de gente apressada. As chinesas, elegantíssimas de corpo e de trajes, os chineses de agradáveis feições, as lojas maravilhosas, o museu, os luxuosos cinemas, a azáfama do seu belíssimo pôrto de mar, cujo cais, pisado por milhares de estrangeiros de tôdas as raças do mundo nos dá a sensação bem nítida do que poderá ser esta China milenária, numa visita de



Também êste negociante sul-coreano recomeçou seu negócio ao ar livre, de uma das vêzes em que Seoul foi recuperada aos comunistas. Sua loja desapareceu. Vai recomeçar nessa ...



Nas vizinhanças da embaixada norte-americana em Seoul, populares incumbem-se de limpar as ruas, procurando desimpedi-las de todos os vestígios das lutas travadas até poucas horas antes. As ruinas da cidade aumentam em cada novo encontro de tropas; nos intervalos, populares cuidam de arejar a cidade e limpá-la.

morada, através de todo o esplendor da sua civilização aureolada pelo perfume forte dum exótismo tão natural como o ar que se respira.

Mas, abandonemos a formosa Hong-Kong e recomecemos a narrativa da minha chegada ao Japão. O avião poisou no aeroporto de Tókio, chamado Hanneda, nome japonês que significa "Terra com asas". As formalidades foram imensas e monótonas. Os policiais japonêses são muito meticulosos e bastante desconfiados. Estão sempre sorrindo. O frio era intenso embora amenizado por um sol muito pálido. Eu estava morrendo de fadiga. Subí para o ônibus da B.O.A.C. e fui parar a um encantador hotelzinho rodeado de cerejeiras em flor. Os criados japonêses, muito silenciosos e sorridentes, depois de abrirem minhas malas, estenderam os vestidos e prepararem meu banho, deixaram-me só, que era o que eu mais desejava. Após me arranjar agarrei-me ao telefone e, depois de muitos "mouchi, mouchi!" (um momento, um momento!) da telefonista japonêsa, veio um intérprete inglês e assim consegui a ligação para a Missão Diplomática Portuguêsa. Ao falar com o Encarregado de Negócios de Portugal, Dr. Albano Nogueira, é que soube qual a razão da demora a que os policiais japonêses me haviam submetido ao desembarcar. Nos papéis que êles tinham era esperado o jornalista Fernando Reis. Ao aparecer uma mulher o caso tomava proporções de possível espionagem...

Nessa noite, na bonita residência do ilustre representante do meu país, jantando com êle e sua encantadora espôsa, saboreamos a "boutade"...

(Cont. na pág. 45)



Quando a luta parece terminada, sem demora, operários se incumbem de restaurar os edifícios alvejados pelas bombas. Êsse é o Capitol de Seoul, parcialmente demolido pelos canhões inimigos, ao ser restaurado.

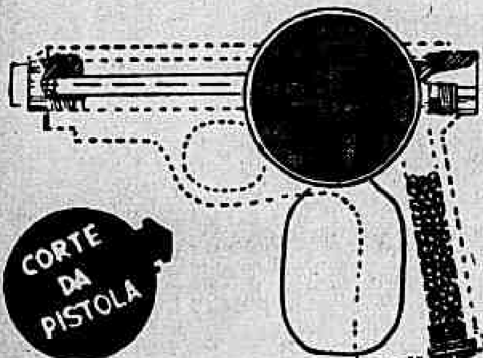
PISTOLA "PNEUMA-TIR"

Patenteada em todos os países

PISTOLA METRALHADORA!

Atira 500 balins sem necessidade de carregar!

Ar comprimido por novo processo!



Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantia contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.



FABRICADA POR

Alfredo Ellis & Cia. Ltda.

RUA URUGUAIANA, 104

RIO DE JANEIRO

TEL.: 43-0766



Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com duas membranas sobressalentes:

Cr$ 250,00 pelo reembôlso postal

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes: Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA-TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Endereço ....

Cidade ....

Estado ....

O PEQUENO CONTO

A PROVA

Geo WILLIAM

— O autor do furto forçosamente deve estar por aqui — disse o sargento-detective, após ouvir a esplanação que lhe tinha sido feita pelo encarregado da plantação.

— O dinheiro estava guardado numa bôlsa de camurça — dissera êste. — Era a quantia exata para os pagamentos de fim de mês ao pessoal. Eu mesmo o trouxe ante-ontem e, como sempre, dependurei-a no gancho habitual, no escritório. Ninguém poderia suspeitar da existência de tanto dinheiro naquele invólucro de couro cru. Vai para dois anos que faço a mesma coisa e, largando o dinheiro, de forma displicente, concorro para que a ninguém ocorra lá estar êle. Em compensação faço uma fita tremenda em abrir e fechar o cofre, trancando, nêle, apenas maços de papéis velhos.

— Bem... ninguém poderia suspeitar. Mas, infelizmente, alguém suspeitou e carregou com a soma. A quanto montava?

— Dez mil dólares...

— Pucha! Quantia suficiente para despertar a cobiça de muita gente. Suspeita de alguém?

— Suspeito de todos, até de mim próprio!

— Quantos civilizados emprega nesta sua fazenda?

— Quatro: os dois capatazes, o guarda-livro e o motorista do trator grande.

— E os demais?

— São cinqüenta nativos.

— Quem tem acesso comum em seu escritório?

— O guarda-livro, naturalmente. Depois os capatazes. Diàriamente o mecânico. Esporàdicamente os nativos, quando têm alguma queixa a apresentar ou algum pedido a fazer.

— Começaremos pelos nativos. Tenho um método todo pessoal para esclarecer o mistério. Se nada resultar, então concentraremos as nossas atenções sôbre os brancos.

★

Todos os nativos foram conduzidos para um barracão. O imenso policial, postado no meio dêles, falou:

— Alguém furtou dez mil dólares do escritório do patrão. Se êsse alguém confessar agora, nada lhe acontecerá. Palavra de honra que darei o caso como esquecido. Mas se não o fizer, eu o encontrarei com a maior facilidade e então sofrerá as conseqüências.

Ninguém respondeu e o silêncio tornou-se mais profundo ainda. Inútil foi prescrutar aquelas caras impassíveis, de olhos oblíquos. Todos aparentavam a maior inocência e a maior das velhacarias ao mesmo tempo.

— Pois bem — continuou o policial. — Agora vou encontrar o ladrão. Todos vocês, um de cada vez, atravesarão aquela porta, passarão a mão no fundo da panela que lá está. Depois passarão a mão no rosto. Logo que o ladrão tocar a panela, esta fará um barulho especial e seu rosto ficará negro como a noite. Vamos começar. Você aí... anda!

★

Todos os homens foram entrando no cubículo escuro, submetendo-se à prova da panela. E quando os cinqüenta homens passaram, nenhum barulho foi notado. Abriu o sargento-detective a porta lateral e mandou que todos saíssem à luz. Então, sorrindo, caminhou para um forte nativo, segurando-o pelo ombro.

— Onde está o dinheiro, seu ladrão?

— Debaixo da quarta palmeira a partir do último galpão.

★

O inteligente policial esclarecera fàcilmente o mistério graças ao truque que engendrara: preparara o fundo do panelão, cobrindo-o com densa camada de graxa preta. Todos os nativos, ao passar por ela, sujavam a mão que posteriormente passavam no rosto. O único, temendo o "barulho" da panela, passou sem tocá-la e sem passar as mãos ao rosto. Dos cinqüenta homens, foi êle sòmente que apresentou-se, à luz do dia, com o rosto limpo...

(IPA)

ÁGUA INGLÊSA GRANADO

Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITI[...]

NAS CONVALESCENÇ[...]

ÊSTE MUNDO E O OUTRO

Criação de DARCY

1-CINEMINHA

O HOMEM QUE DIZ TRATAR DOS PAPÉIS DE CASAMENTO "SEM INTERMEDIARIOS"...



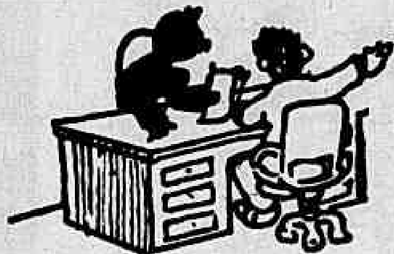




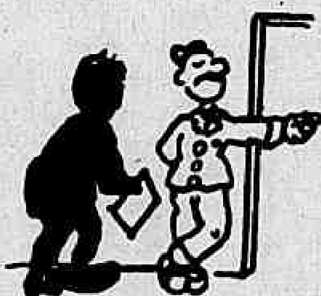








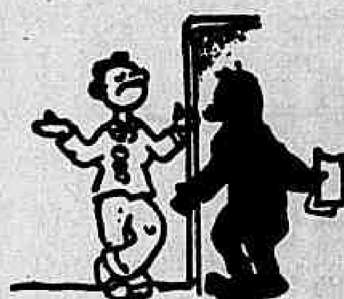




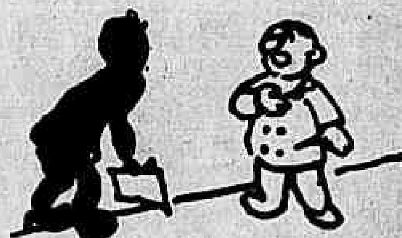




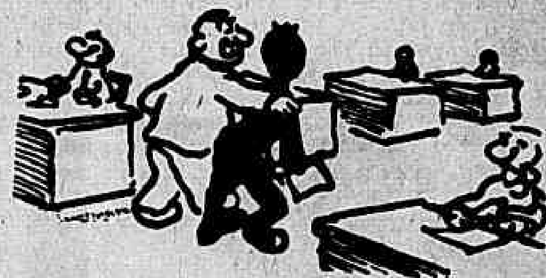














U A
ESA
ADO
você
forte!
PERITIV
LESCENÇA



A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

(RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA)

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na «Câmara da Tôrre», sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Peter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças», êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados, além das pessoas da família. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Uma das tias de Mary, Isabelle, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça com Porter. Na noite do Natal novamente foi convidado Roger, mas êste não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Houve uma árvore de Natal e um mundo de presentes. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinho em seu apartamento com a gatinha Pittiwitz ao colo, enquanto lia um livro, quando Mary pediu licença e entrou. Roger ouviu dela, então, uma novidade sensacional: Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios. E fôra ouvir a opinião de Roger. Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava sèriamente preocupada com a ausência de Barry, e quando soube que um dos seus companheiros de farra era Jerry Tuckerman, ainda mais preocupada ficou. Roger se ofereceu para telefonar para o Country Club, procurando comunicar-se com o irmão de Mary. Esta aceitou; mas quando Roger ia telefonar, chegou Barry, descendo Mary para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora sôbre certas atitudes de seu irmão. Roger a viu assim, lá de cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontrou a sós com Leila, declara seu amor. Entretanto, a moça, que havia descoberto em casa de Delilah uma fotografia dêle com dedicatória amorosa, mostra-se decepcionada e confessa sua desilusão. Mas Barry lhe explica que a fotografia fôra enviada a ela e não à outra. Por engano de uma empregada nova é que se deu a confusão. Leila se enche de alegria. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura Roger Poole para ouvir sua opinião, mas sem esclarecer de quem se tratava. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho, sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger Poole. Êste vai «descobrir» o fugitivo, que está ao lado de sua doce amada, Leila, numa praia de banhos, em companhia do general, seu pai. Roger leva Barry para passar uns dias no campo antes de trazê-lo de volta. E lhe dá conselhos muito úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive Porter Bigelow. A irmã de Mary também volta, com seu espôso, Gordon. Então êste reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas, depois, abandonara as ordens. Roger acha que terá que confessar a Mary êsse episódio de sua vida, antes que lhe fôsse narrado pelo seu cunhado. Está, naquela mesma noite a contar a sua história, quando Porter Bigelow intervém e convida Mary para, com outras pessoas da família, darem um passeio de carro. Chama Roger, mas êste agradece e não aceita. Mary não esconde o seu desapontamento. Mas sorri para Poole e lhe diz que, noutra ocasião, ouvirá o resto da história. Não tendo sido possível contar a Mary a sua história, resolveu escrever-lhe uma carta. Depois que Mary leu a carta de Poole, vestiu-se e saiu, dizendo à irmã Constance que ia fazer compras, experimentar vestidos e pagar algumas visitas. Mas, em verdade, foi ajoelhar-se na igreja que freqüentava desde sua infância. Ali está em meditação durante largo tempo, pensando na carta de seu inquilino. Mary convidou Roger Poole para tomar chá em sua companhia, mas êles dois a sós. Ali, entre lírios olorosos e num ambiente romântico, conversaram durante mais de uma hora. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuía. Logo que chegaram outras pessoas, êle quis retirar-se, mas Mary pediu que ficasse. E quem mais sentiu o impacto foi Porter Bigelow. Quando Mary procurava encher de álcool o fogareiro para fazer mais chá, êste incendeia e as chamas ameaçam queimá-la. Há gritos e corre-corre. Mas quem a salva em tempo é Roger Poole, que, num segundo a abafa, apagando as labaredas. Mary teve apenas os cabelos chamuscados num cacho ao lado direito e rendas destruídas de seu vestido. O problema de Barry vem à baila e ela discute o assunto com seu cunhado Gordon, o qual não parece aprovar os amores do rapaz com Leila. Por sua vez Mary percebe que Gordon não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com Mary. A jovem, se bem que não esteja apaixonada como o inquilino, parecia querer ajudá-lo a sair daquele isolamento.

DEPOIS de afagar, por certo tempo, o gatinho Pittiwitz, ela se afasta da janela e sobe, lentamente, as escadas. Lá em cima Constance e tia Isabelle estavam ocupadas em costurar. Tia Isabelle se sentia em seu elemento. Passava dias e dias a fazer pontos finamente executados em peças minúsculas de roupa. Quando não cosia, tricotava. Pequeninos sapatinhos de sêda para pèzinhos de algum Cupido, pequeninas coisas mais próprias de bonecas, rendas, pecinhas delicadas, tudo perfumado e macio.

Naquele aposento íntimo, Constance parecia a mãe de Mary pela sua encantadora figura. O ambiente vivia cercado de flores que Gordon trazia para sua mulher. Tudo fazia crer nalgum próximo acontecimento importante, e a atmosfera traduzia uma espécie de espera em face de evento supremo. Mary entrou ali com Pittiwitz nos braços e procurou esquecer as suas torturas morais, os seus cuidados. Ela não queria deixar uma nota desagradável naquele ambiente de harmonia. Sorriu, ao entrar, e foi sentar-se ao pé de sua irmã.

— Como são adoráveis tôdas estas pequeninas coisas! — Diz ela. — Que posso eu fazer também?

Naquele momento tia Isabelle e Constance estavam justamente a discutir a maneira de guarnecer uma pequenina peça com bordados ou preguinhas.

Mary entrou na questão!

— De-me isto. Vou fazer o que vocês querem: plissado e bordado. Estarei muito contente por ter em que ocupar meus dedos.

Tôda a manhã estêve ela a ajudar nas costuras, com a sua agulha ágil. O trabalho lhe fêz muito bem à alma e ela se sentiu compensada pela tranqüilidade que experimentava agora.

Quando o almôço foi anunciado, chegaram tia Frances e Grace. Ambas traziam coisas maravilhosas costuradas e feitas por hábeis religiosas da França. Era peças delicadas e mimosas, ligadas por fitas pálidas.

— Logo que sairmos, iremos a casa de Leila, — diz tia Frances. Encomendamos várias peças de enxoval e estas acabam de chegar.

— De enxoval? Para Leila?

Ao ouvir aquilo, a agulha de Mary tricotou no vazio, por um instante.

— Êles ainda não fixaram a data do casamento, como sabe, tia Frances. O noivado será longo.

— Não creio em noivados longos.

O tom em que tia Frances falava era decisivo.

— Isto não é, absolutamente razoàvel, e Barry devia acertar ràpidamente a questão.

Houve silêncio. Ninguém respondeu.

Não havia mesmo nada que dizer, mas Mary sentiu-se opressa diante dêsses comentários de "boudoir". Via-se que, enquanto tia Frances trazia enxoval para o casamento de Leila, Gordon projetava conduzir o noivo para bem longe da noiva... Contrariada com tudo isso, Mary se ergueu.

— Tia Frances faria bem ficar para o almôço, diz ela. Hoje é dia dos pastéis quentes de Susan Jenks, e a senhora os conhece bem.

Tia Frances, diante disso, retira as luvas.

— Eu esperei que você nos convidasse. Além disso já estamos cansados do menu do hotel.

Grace se pôs a rir.

— Mamãe é da velha Nova York, diz ela, e prefere os acepipes da sua cozinha ao caviar e outras iguarias servidas pelo gerente do hotel. Apesar de ser uma "globe-trotting", ainda não se habituou aos repastos com todo mundo.

Enquanto esperavam que o almôço fôsse para a mesa, Grace e Mary se foram sentar num sofá perto da janela em que Mary estivera antes a olhar o jardim morto e o garôto de bronze.

— E agora, começou Grace, fale-me de Roger Poole.

— Não há muita coisa a dizer. Êle deixou o seu emprêgo no Ministério das Finanças a fim de ir passar algum tempo no sul, em casa de uma prima. Vai tentar escrever para revistas. Acha que histórias sôbre esta região seria de grande sucesso.

— Êle está apaixonado por você Mary; mas você não o ama. E nem é preciso que o ames.

— Estou certa que não. Não me casarei jamais, Grace.

— Você não pode saber o que vai fazer, querida. Nenhuma mulher o sabe. Mas eu não quero que você se meta a



amar agora. Venha passar uns tempos comigo. Eu a levarei a Paris e lhe mostrarei o meio que eu frequentava alí.

— Eu não posso ir, a menos que estivesse em condições de pagar minha passagem.

— Oh, Mary! Que se passa com você que fica contra todos os que desejam fazer alguma coisa por você?

— Diz Porter que é por causa do meu espírito rebelde. Mas posso eu contentar-me com o estender simplesmente as minhas duas mãos para receber?

— Sei. E é por isto que você não desposará Porter.

Mary lança à prima um olhar de reconhecimento e de surprêsa.

— Grace, — diz ela solenemente — você foi a primeira pessoa que pareceu compreender-me.

— Eu compreendo perfeitamente, respondeu a outra, porque, para mim, a vida é uma grande aventura. Tudo o que sucede é um "caso" no grande caminho. Até agora ainda não encontrei um só homem que aceite fazer a grande viagem comigo. Todos êles querem é abrir uma prisão para me encerrarem lá, dizendo-me: "Fique aí".

Os olhos de Mary brilharam.

— E' justamente isso que também sinto! Grace a beija.

— Você vai rir, Mary, se eu lhe disser qual o sonho de tôda a minha vida.

— Não rirei disso. Pode contar-me.

As faces de Grace estavam bastante coradas. No seu elegante vestido negro ornamentado nos punhos, tendo à cabeça pequeno chapéu de veludo negro, que fazia destacar o brilho de sua cabeleira, ela estava com ares de uma mulher escovada e conhecedora do mundo, e suas palavras tinham o pêso que lhe dava o contraste.

— Ninguém o acreditaria, começa ela. Mas, Mary Ballard, quando, um dia, já estiver fatigada de todo êsse caminhar pela estrada da existência, cansada de tôdas as aventuras da vida mandarei construir um grande edifício para crianças, e passarei o resto de meus dias entre êles.

Era sonhando assim que duas jovens percebiam o futuro através de suas visões.

— Suceda o que suceder, a vida jamais será banal, declara Mary.

No instante em que a sineta dava sinal para o almôço, ela dizia a si mesma, que, no momento, nada poderia modificar-lhe o procedimento. Suas provas nada mais seriam que parte de gloriosa peregrinação. Os pastéis de Susan foram considerados perfeitos, e está serenamente consciente do caso, deixou por instantes os serviços da cozinha e dirigiu pessoalmente os trabalhos da mesa.

Estavam alí cinco mulheres da mesma estirpe. Susan as compreendia a tôdas muito bem, e muito as estimava. Ela dava a tia Frances o seu verdadeiro valor. Certa vez disse ela a Roger Poole: "Elas trazem a cabeça bem erguida, e Mrs. Frances levanta tanto o busto que é capaz de virar de costas. Mas tôdas essas mulheres sabem tratar muito bem as pessoas que estão a seu serviço, e qualquer uma delas tinha sido sempre muito boa para Susan.

O estado de exaltação de Mary dura bastante tempo depois da partida dos hóspedes. Mary se surpreendeu quando subia as escadas a cantar, à noite, ao ir recolher-se ao seu leito. E foi nessa feliz predisposição que ela escreveu a Roger Poole. Sua carta escrita assim em tal momento de tanta emoção nova, foi como um vinho generoso para a alma sedenta de Roger Poole. O comêço e o final da carta eram perfeitamente convencionais; mas cada linha era vibrante de coragem e de esperanças, e, respondendo no tom que ela havia usado, Roger lhe escreveu, por sua vez.

Capítulo XIV

A carta de Mary estava assim concebida:

"Les Chambres de la Tour".

Caro senhor Poole.

Estou instalada em seu apartamento, e é esta minha primeira noite em minha própria casa. Pittiwitz está enroscada sob a lâmpada. Você lhe faz falta, e a mim também. Parece que você deveria estar aqui entre seus livros sôbre a mesa, e que eu deveria falar-lhe e não escrever-lhe.

"Gostei muito de sua carta. Ela parecia dizer-lhe que você estava cheio de esperanças e que se sentia bem consigo mesmo. E' preciso dizer-lhe algo de sua nova residência e de sua prima Patty, de tudo o que diz respeito à sua vida bem como é necessário enviar-me suas primeiras notícias.

"Aqui nada modou. Constance vai ficar comigo até à primavera, e teremos um calmo "Dia de Graças" e um tranqüilo natal em família, apenas com Leila e o General. Porter Bigelow deverá acompanhar sua mãe a Palm Beach. Nem sei mesmo porque o contamos sempre como um membro da família. Talvez seja porque não precisamos nunca convidá-lo, e, confessamos, somos muito felizes em o ter conosco. Mamãe e papai sentiam grande simpatia por êle. Êle sempre foi uma espécie de "pobre-menino-rico", que, a fortuna privava de grande número de satisfação familiares bem divertidas, o que as pessoas como seus pais, de vida convencional, ignoram totalmente.

"Quando Constance se fôr, eu me entregarei ao trabalho. Ainda não disse nada a ninguém, pois, quando eu fiz ligeira alusão, Constance se mostrou contrariada e me pediu que fôsse morar com ela e Gordon. Grace quer levar-me a Paris. Barry e Leila só desejam que eu vá morar com êles.

"Mas eu não quero viver em casa de ninguém. Quero viver minha vida completamente sòzinha, como já tive ocasião de dizer-lhe. Quero ensaiar meus vôos, experimentar as asas. Eu creio que a idéia de ver-me trabalhar não lhe apraz em absoluta. Essa idéia não sorri a ninguém, nem mesmo a Grace Clendenning que é, entretanto, a pessoa que mais parece compreender-me. Grace e eu consideramos a vida de hoje como uma grande aventura. Penso que estamos com a verdade. Há muita gente que vai na vida como se fôsse uma coisa que se construisse a subir sempre; mas eu quero fazer "chegar" as coisas, ou melhor, se não conseguir as grandes coisas, acharei interêsse nas pequenas. Não acredito que a vida seja necessariamente banal. Nós é que a fazemos o que ela é na realidade. Vou copiar as frases que encontrei em um de seus livros. Talvez que você as conheça; mas, em todo caso, eu vou reproduzí-las para que melhor me faça compreender:

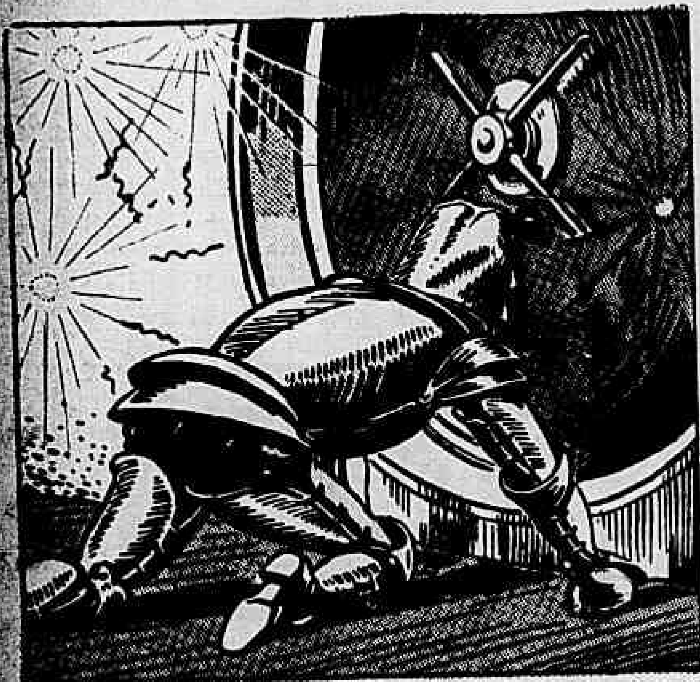
"...A vida é uma grande aventura, e o pior dos mêdos é o mêdo de viver. Há muitas maneiras de realizar as coisas, e muitas formas de triunfar. Mas nenhum sucesso iguala ao que se promete a homens e mulheres que têm da vida a boa concepção. Muitos concebem a idéia da vida

(*Continua na pág.* 44)

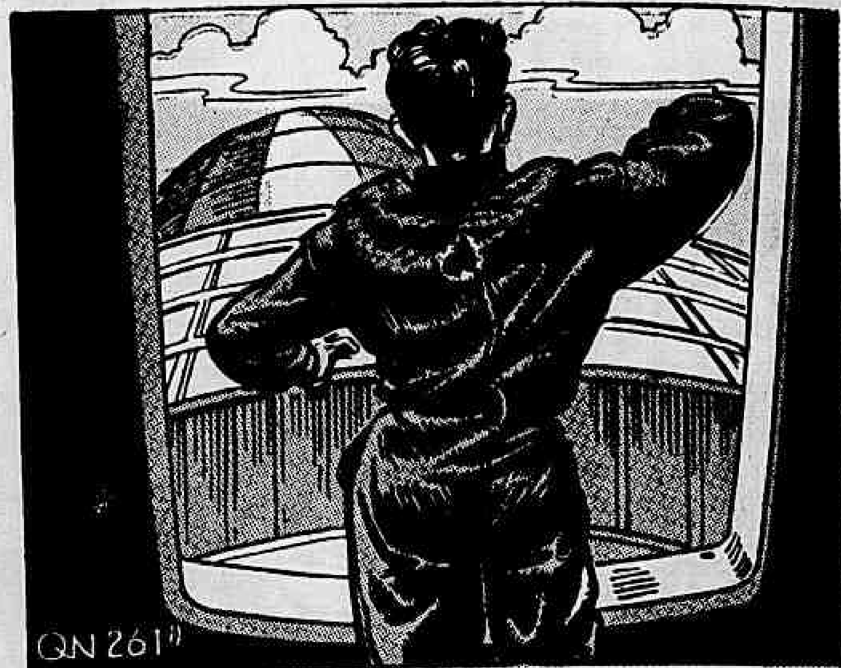
Tradução de RENATO DE ALENCAR
Ilustração de JERÔNYMO RIBEIRO



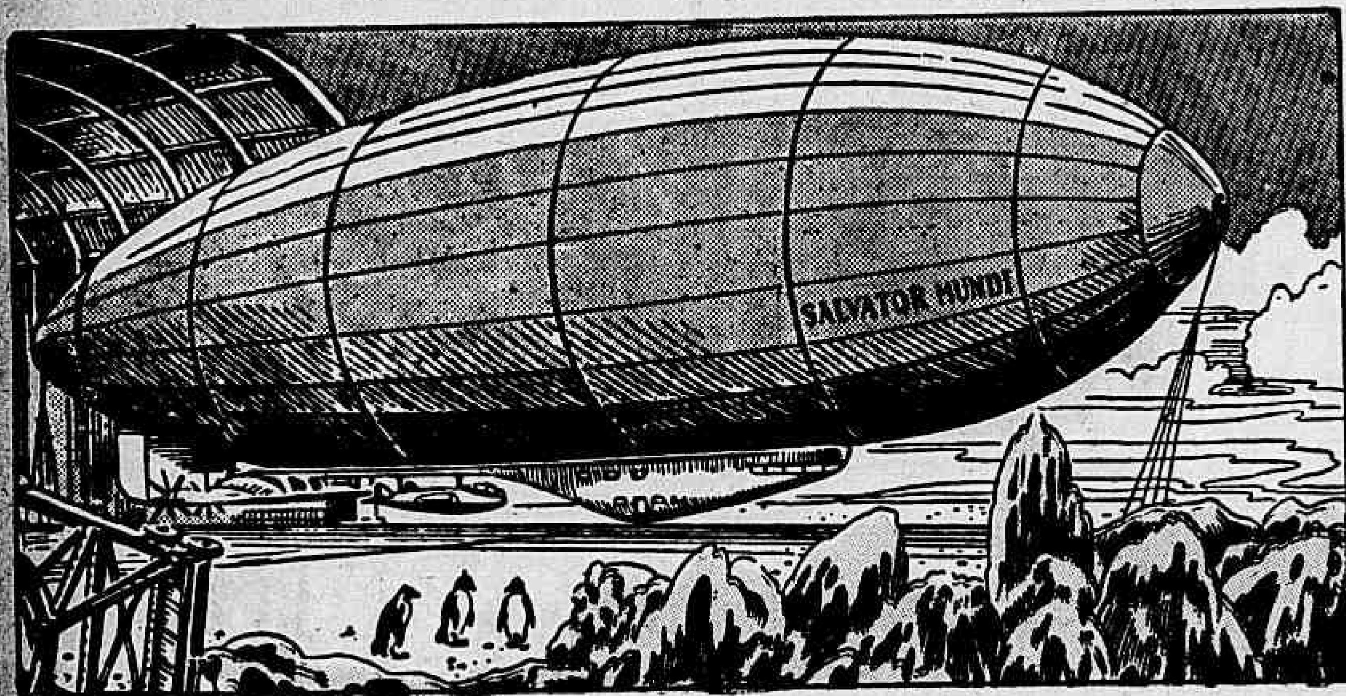
Aventuras do Capitão Rob



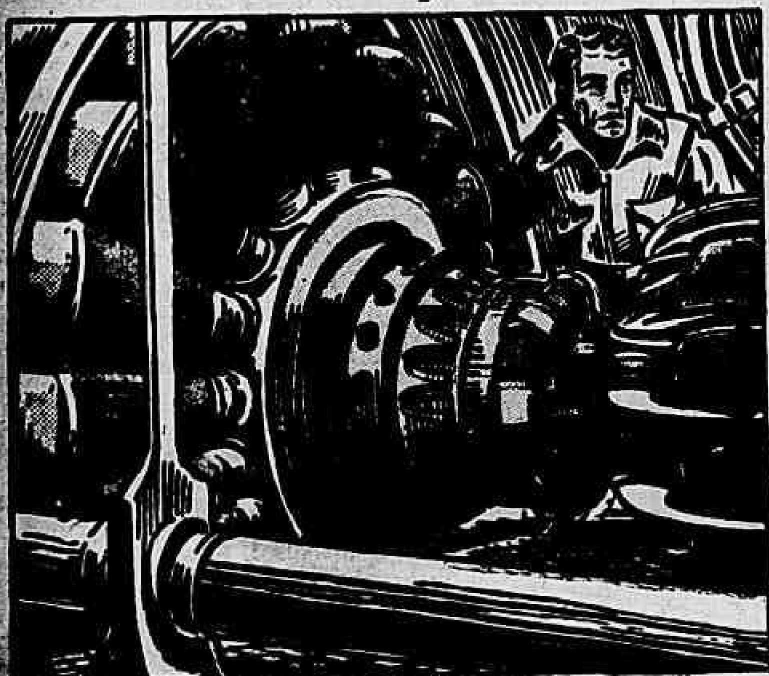




61 Graças à resistência do capacete com que protegera a cabeça, Rob, em breves segundos recuperou a consciência. Mas a pancada fôra muito forte e êle estava como que atordoado. Saíu um pouco e retirou o capacete, recebendo ar fresco. Aos poucos percebeu tudo o que se passara e a dor diminuiu mais. Onde estaria Lupardi? Teria escapado com as bombas atômicas? Rápido, retira sua armadura e corre para fora. Olha e vê, com muita mágua, o zepelin de Lupardi a sair do hangar. Rob corre para lá. Não sabe ainda o que fazer para impedir o vôo; mas, por outro lado não pode perder tempo...



62 Conseguindo aproximar-se do hangar sem ser visto, êle vê o grande dirigível sair do esconderijo, pronto para voar. Era todo construído de matéria plástica e tinha o nome de "Salvador do Mundo". Um nome apropriado, não havia dúvida! "Destruidor do mundo", era o que devia ser! Lupardi e Yoto entraram no monstro. Que pena! Já não tinha sua arma automática! E Rob resolve acompanhar o par diabólico. Pula como um gato sôbre pequeno avião anexado ao dirigível. Lupardi não esquecia nada. Tudo em ordem. Tudo agora estava preparado para largar. Rob sabia do perigo, mas era preciso...

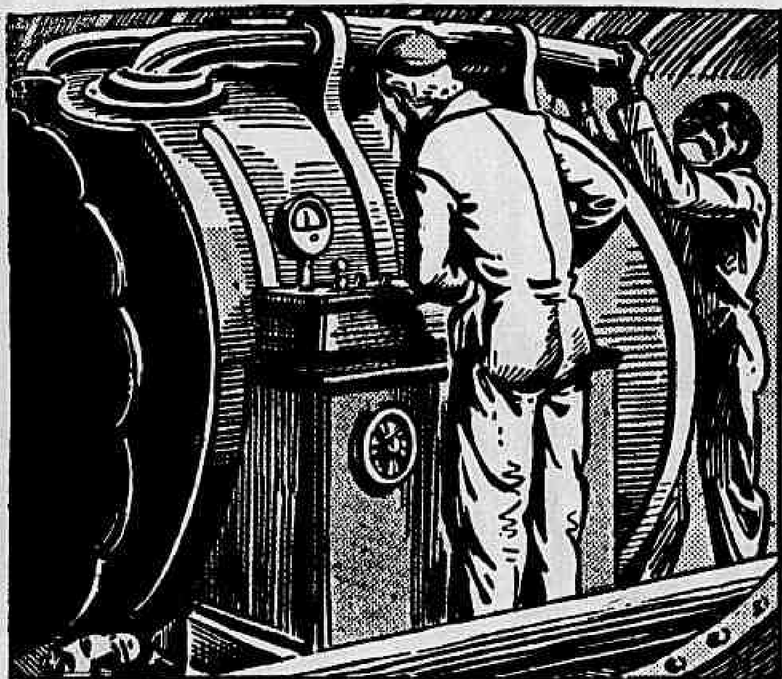


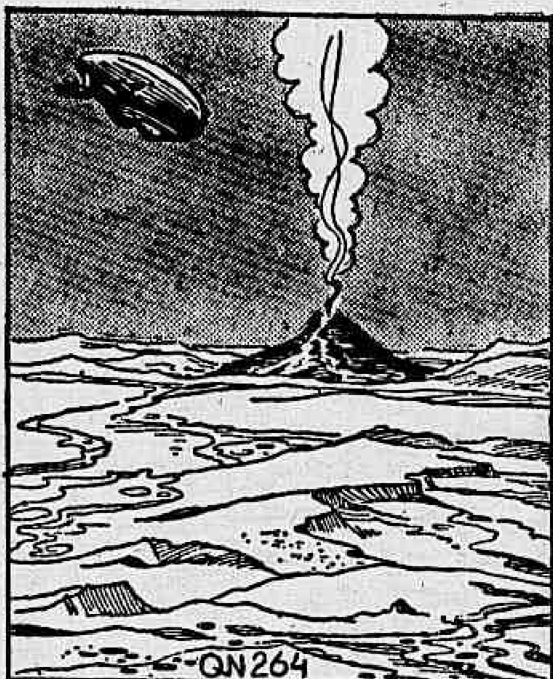




63 Rob estava profundamente interessado em saber como iam agir os dois malucos. E como era gigantesco o maquinismo do dirigível! Que motores colossais! Rob fica perplexo diante dessas maravilhas da mecânica. Não consomem petróleo ou seus derivados. Parece a Rob que usam alguma substância ainda desconhecida para o mundo. São acionadospor energia atômica em suas gigantescas turbinas atômicas. Desprendem-se grandes correntes de ar produzindo um ruído surdo. Lupardi pressionou um botão e o dirigível subia e os dois caminharam em direção a Rob. Teria sido descoberto? Momento terrível.

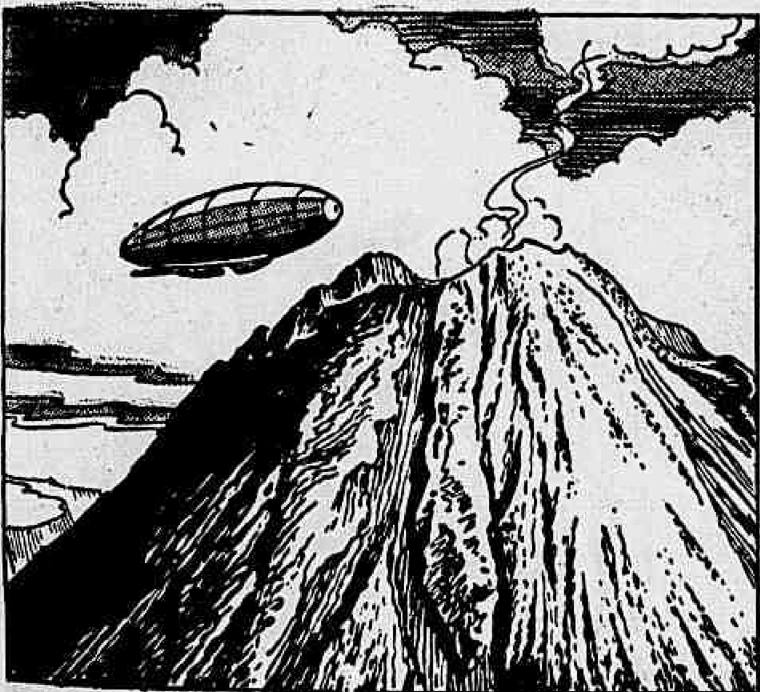
RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Rob, no seu iate "Liberty", vai dar numa região gelada, onde encontra um navio naufragado no gêlo. A tripulação está morta. Êle recolhe um "Diário" e volta para seu iate. Vê um submarino e vai para seu bordo. Ali reconhece companheiros antigos. O Dr. Ree o convida para visitar uma ilha onde o Prof. Lupardi e seu assistente haviam instalado uma usina atômica, com o fim de mudar a posição do eixo da Terra. Com dois marujos conseguem entrar na ilha mas são aprisionados. Pinguins ensinados são os guardas. Rob foge, recebe acolhida de um porta-aviões. Volta para salvar seus amigos e descobre que Lupardi se apresta para viajar com bombas. Era preciso ir ao "Atomatório" para destruir os engenhos fatais com que o sábio louco tentava destruir o mundo.

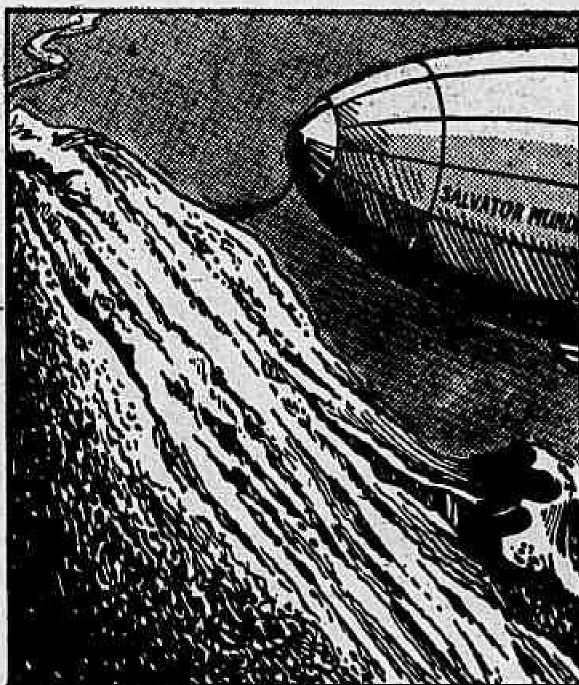






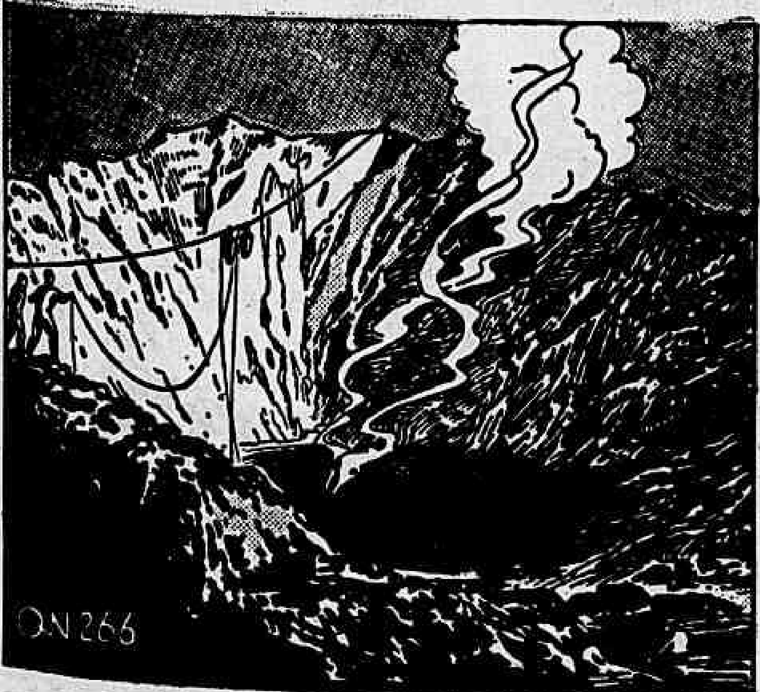
64 Rob procura ocultar-se por detrás de um motor que parecia não estar sendo utilizado. Não fôra visto ainda. Então ouviu Lupardi dizer a Yoto: "O óleo lubrificante está escapando, Yoto!" O assistente se desculpa dizendo que todos os danos foram motivados pelos intrujões. "Êles já não poderão mais impedir-nos de fazer nosso serviço. Vou despejar nossas bombas atômicas na cratera do vulcão Parnassus. Ninguém poderá evitar isso. Se falhar, meu Atomatório explodirá em onze dias, e a Terra mudará de rotação. Ficaremos a bordo dêsse dirigível para o resto da vida." Rob nada mais conseguiu ouvir.







65 Rob ouvira o principal. Estaria em condições de evitar o crime? O dirigível sobrevoava o vulcão da experiência. O "Salvador do Mundo" lança âncora a um ponto da encosta. Que iria suceder agora? Ao derredor, Rob só avista desertos de gêlo. Lupardi chama Yoto para fora do dirigível. "Vou lançar as bombas atômicas na cratera, agora", diz o sábio louco. "Repare bem nisso, Yoto; a explosão mudará o centro de gravidade da Terra! Mas precisamos agir depressa. Nossos pinguins não estão aqui para ajudar-nos. Precisamos executar o plano ccm as nossas próprias mãos, ràpidamente, para ter êxito!







66 As catastróficas bombas estão sendo suspensas sôbre a cratera, por meio de cabos, e serão despejadas lá dentro por meio de um mecanismo. Yoto volta ao dirigível e de lá traz uma escada de cordas. Será que os dois malucos tencionam descer na cratera? Rob resolve, então, seguir os dois. Mas a grande quantidade de vapores sulfurosos que se desprendiam lá de dentro, ofuscam a vista. Mas aproximando-se bem, viu o vermelho do fogo a ferver na cratera. Chega à borda e vê que a escada de cordas está tensa. Cautelosamente, Rob puxa a corda para si e resolve descer também para o abismo onde êles estão.

O GOLPE DE MISERICÓRDIA

(Conclusão)

— Chefe, minha mulher está doente, eu precisava... comecei a dizer.

O homem olhou-me de cima a baixo e tentou passar adiante. Cortei seus passos.

— Escute, Chefe, pelo amor de Deus...

— Vá trabalhar, vagabundo! — foi a resposta. E seguiu caminho.

A rua estava deserta. Juraria que todo o mundo dormia naquele instante. Por isso, sem atinar bem no que estava fazendo, minha mão ergueu-se, brandindo o canivete longo e brilhante, e abateu-se por quatorze vêzes no lombo do homem gordo. Com um gemido de gado abatido, o homem caiu por terra. Tremendo como varas verdes, vasculhei no seus bolsos, apanhei a carteira no bolso interno do seu casaco. Nisto, ouvi o grito de uma mulher que aparecera, sem que eu soubesse como, a dez passos de distância. Abalei a correr pela rua, perseguido pelos gritos de alarma da mulher.

Ao chegar em casa, julgando que seria agarrado a qualquer instante, contei o dinheiro. Dois mil cruzeiros e algumas notas pequenas de cinco e dez cruzeiros.

A partir dêste dia, não pude mais governar a minha vida como desejaria. O susto daquela noite, a certeza de que tinha as horas contadas e que de um momento para outro a polícia poria as unhas em cima de mim, fizeram com que eu me lançasse nos assaltos mais audaciosos.

Um mês depois, Laura caiu de cama. O médico veio. Estava tuberculosa. Aliás, estava com a moléstia há muito tempo, desde os nossos tempos de noivado. Descendia de uma família miserável e tinha o mal de alguns milhares de brasileiros sub-alimentados. Então, procurei justificar minha vida criminosa alegando que roubava para dar o máximo de confôrto à minha mulher doente. Insistia para que ela se mudasse do subúrbio, viesse para a cidade, para um bairro higienizado e limpo. Ela sorria palidamente, acariciava-me o rosto e dizia que não, que não... Não sei se Laura algumas vêzes desconfiou do meu meio de vida. Mas jamais mo disse. Amanhã, quando os jornais estamparem a notícia da minha captura (porque serei capturado, vivo ou morto, daqui há algumas horas, não tenho a menor dúvida), talvez ela sofra muito, talvez me perdoe... porque compreenderá que nós não temos culpa do que fazemos, muitas vêzes.

Seis meses se passaram de uma vida agitada em que eu emagrecia a olhos vistos, mal me alimentava, apesar de andar sempre com os bolsos abarrotados de cédulas de mil cruzeiros e ter feito mais amigos que em todos os meus trinta anos de vida.

Isto até esta noite...

O assalto à residência do milionário estava sendo planejado há muito tempo. Eu sabia que o velho, todos os domingos, viajava, ao entardecer, para S. Paulo e só estava de volta depois do meio-dia da segunda-feira. Como o velhote fôsse viúvo e a filha levasse uma vida de devassidão, se embriagando por tudo quanto era cabaré grã-fino da cidade, preparei tudo para esta noite. E jamais esperei que o meu plano falhasse.

Mas, falhou. Estava pronto para agir dentro da casa, quando a luz acendeu-se de repente e a mulher loura, de voz rouca e irritada (era a filha do dono da casa) entrou no aposento. Tentei esconder-me. Ela, porém, tirou o maldito Smith de dentro da bolsa e, praguejando com a sua voz de bêbada, começou a fazer fogo...

★

Bem, o resto vocês já sabem...

Ouço ruido de vozes lá em baixo. Devem ter descoberto as manchas de sangue que deixei pela escada. Olho o relógio: 5,47 horas. O dia logo amanhecerá debaixo da neblina que cobre a cidade. Ouço distintamente os gritos de comando que uma voz de barítono ordena lá embaixo. Deve ser o inspetor Arlí que há muito anda no meu rastro, segundo dizem os jornais. Pois bem. Que venha. Estarei aqui para recebê-lo com tôdas as honras.

Ouço o rumor abafado dos passos que sobem pelas escadas. Sinto a cabeça zonza e dormiria com muito gôsto, deixando que êles me pilhassem a seu bel prazer. Mas, não! Não me agarrarão como a um reles ladrão de galinhas. Escondo-me mais à parede, por trás dos barrís de cal. Seguro o revólver na mão sã. Encosto o braço sôbre uma lata de tinta e deixo-me ficar imóvel. O rumor dos passos aumenta.

— Deve estar neste quarto! Olhe, as marcas terminam aqui...

O primeiro homem de chapéu na cabeça que aparece, recebe uma bala no peito e cai por terra, gemendo. Continuo atirando até que termina a carga do revólver.

Pelo menos uma dezena de homens, todos êles de chapéu na cabeça, aparece nos três vãos das portas e atiram sôbre mim. Deixo cair a arma descarregada. Sinto o meu corpo banhado em sangue, o líquido quente esvaindo-se, esvaindo-se, esvaindo-se...

— Laura! Laura! — articulo.

Uma golfada de sangue empapa-me o queixo e desce pela camisa ensopada de sangue.

Um homem alto, o braço ferido, grita para os demais:

— Chamem uma ambulância. Quero êsse coisa vivo!

E' um sujeito musculoso. Tem o olhar duro e morde a ponta do bigode vasto e já cheio de fios brancos. O inspetor (deve ser êle) ajoelha-se ao meu lado e toma-me o pulso. Num esfôrço sobrehumano, entreabro as pálpebras:

— Sinto desapontá-lo, inspetor. Não tenho mais que alguns minutos...

Sinto tudo rodar em tôrno de mim. O sangue continua a correr por tôdas as feridas no meu corpo. Cerro as pálpebras. Sei que não acordarei dêste sono. Sei... sei... Sinto desapontá-lo... inspetor... Laura... não chore... não...

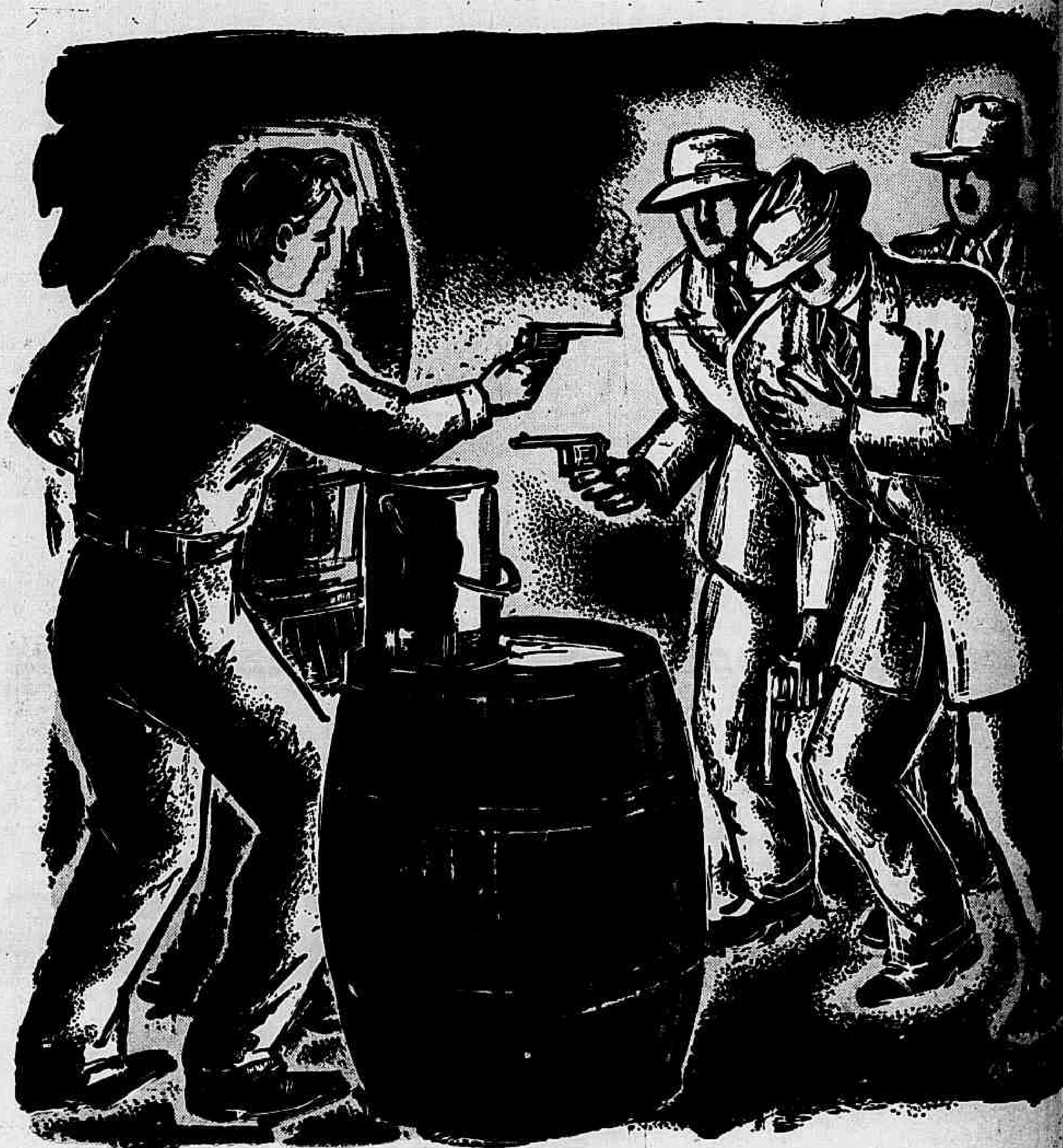
★

— O desgraçado morreu!

O inspetor Arlí levanta-se e por um instante parece desapontado. Dois dos seus homens estão feridos. Um dêles está mesmo por terra, à morte. Lembrando-se que também foi alvejado, o inspetor Arlí faz uma careta de raiva. Entretanto, ao voltar-se e ao ver o criminoso morto, trespassado de bala, sem um gesto de mêdo, não pôde conter, no fundo, um instante de admiração. Vencendo o pensamento que lhe parece detestável, manda evacuar a sala e guardar o edifício dos curiosos.

Em baixo, ouve-se o gemer da sirene da ambulância que chega para apanhar o morto.

FIM.



Conto de PÉRICLES LEAL ★ Ilustração de ORVAL

Tôda essa vegetação exuberante nos transporta para o Oriente. São dois mundos, dentro e fora de Nipponsó, totalmente diversos.

O JARDIM DO MISTERIOSO

NIPPONSÓ, UM PEDAÇO DO JAPÃO EM SANTO ANDRÉ



Japão? Não. Santo André, Estado de São Paulo. Êle se chama Tsunaiehi Miyoshi. Com seu sorriso de satisfação, folheia um livro recentemente chegado de sua pátria. A netinha, também habitante de Nipponsó, acaricia um gato poliglota que entende português e japonês. Avô e neta fazem uma verdadeira vida oriental.

NIPPONSÓ, UM PEDAÇO DO JAPÃO EM SANTO ANDRÉ

AS ÁRVORES ANÃS DE MIYOSHI TÊM 200 ANOS ★ BUDA E CRISTO SÔBRE O MESMO SOLO ★ AS LANTERNAS JAPONÊSAS ENSINAM O CAMINHO AOS DEUSES, NAS NOITES DE CHUVA ★ SAQUÊ COM BOLACHAS E LENDAS DA "TERRA DOS SAMURAIS" ★ A HOSPITALIDADE NIPÔNICA ★ A AMIZADE MORA EM NIPPONSÓ E... NÃO HÁ MISTÉRIO ★ AS LÁPIDES NÃO SÃO TÚMULOS, MAS SIM POESIAS

S. Paulo, fevereiro.

AQUILO era Nipponsó, "o jardim do mistério". Viamos apenas uma porteira, sem guarda, sem cadeado, sem nada, a não ser a tramela, tão conhecida de quantos percorreram o interior do País.

Lá do alto da última colina, nós tinhamos divisado alguns automóveis estacionados dentro da propriedade. Todavia, nada mais. Nossa curiosidade ia se aguçando, à medida que nos aproximavamos. A vegetação exótica que cercava Nipponsó não nos permitia sequer uma olhadela para dentro. Ninguém à vista e, tendo à mão nosso "salvo conduto" em caracteres orientais, fomos "invadindo" o "Pedaço do Japão" e nos admirando com a radical transformação que a natureza sofria, dentro dos seus limites.

Nem bem entramos, deparamos com um buda imóvel e, mais ao longe, num contraste pitoresco, uma grande cruz de pedra, com a inscrição: "Cruz da Paz".

Algumas senhoras e senhores nipônicos descansavam, sob frondosas árvores, saboreando um farnel de piquenique. A vegetação parecia invadir tudo, inclusive nossas vistas, que se extasiavam, ante o exótico e o belo. Centenas de pequenas árvores estavam em vasos e, de início, reconhecemos o que deveriam ser grandes pinheiros e ipês, reduzidos a miniaturas vivas, dando-nos a impressão de sêres gigantescos que, logo mais, seriam esmagados pela exuberante vegetação que cobria quase todo aquêle imenso jardim japonês.

MIYOSHI, O JARDINEIRO MÁGICO

Procuravamos Tsunaiehi Miyoshi, proprietário da Chácara Nipponsó, a conselho de um amigo nipônico, que, ao nos fornecer uma carta de apresentação, dissera: "Nipponsó, como diz o nome, é um pedaço do Japão. Lá, vocês encontrarão casas típicas, plantas, árvores, quiosques, templos, lagos, monumentos e até roupagens de minha terra, pois Miyoshi, além de ser um ótimo imigrante — tem filhos e netos brasileiros — guarda o tradicionalísmo como um dos seus mais preciosos tesouros".

Miyoshi já passou dos 60, mas é forte e ágil. Caminha deslizando, com a graça de pantera nova e fala tão mansamente como as águas dos regatos de cortam Nipponso E' um jardineiro mágico e um poeta de primeira órdem.

Interceptamo-lo à porta de sua residência, sentado plácidamente à oriental, sôbre uma macia almofada multicôr, envergando um vistoso quimono de algodão. Momoro, o filho mais moço, acercou-se respeitosamente, apresentando-nos. Miyoshi, que parece ter uma vasta rêde de informaçôes, sorriu, como se nos esperasse há muito. Leu a



«A casa é de vocês, façam o que quiser. [illegible] de meus amigos também são meus amigos [illegible] Miyoshi depois de ler as nossas credenciais.

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR ★ Fotos de DARIO TERINI



Os portais de todos os templos budistas são assim. E' um símbolo, como a cruz para os cristãos. Miyoshi mandou erigir êsse monumento em sua vivenda.



A mais linda lanterna de Nipponsó. «Niseis» e nipônicos gravam as particulari-dades da chácara em suas cameras. . Lembrança turística ou saudades da pátria?

carta, dizendo, em seguida: "A casa é sua. Faça o que quiser. Os amigos de meus amigos são meus amigos".

PLACIDEZ ORIENTAL

Em Nipponsó, os japonêses, residentes na Capital ou no interior, têm ensejo de reviver, minuciosamente, tudo quanto deixaram no outro lado do mundo, quando emigraram para o Brasil.

Miyoshi enverga, sempre, vistosos quimonos e nada esconde às visitas. Quatro casas típicas, de bambu, tendo os pisos atapetados de finíssimas esteiras, servem para o descanso, caso o visitante não queira gozar as delícias das sombras das árvores ou dos frondosos bambuais nipônicos, que formam verdadeiros labirintos por tôda a propriedade.

Pontes e quiosques, também de bambu, pontilham as passagens dos regatos ou incrustam-se em ilhotas minúsculas e meia dúzia de miniaturas de templos budistas acalentam o espírito dos mais religiosos. De quando em quando, as incrições de uma lápide gigantesca contra histórias da Terra e relembra as primaveras do arquipelago.

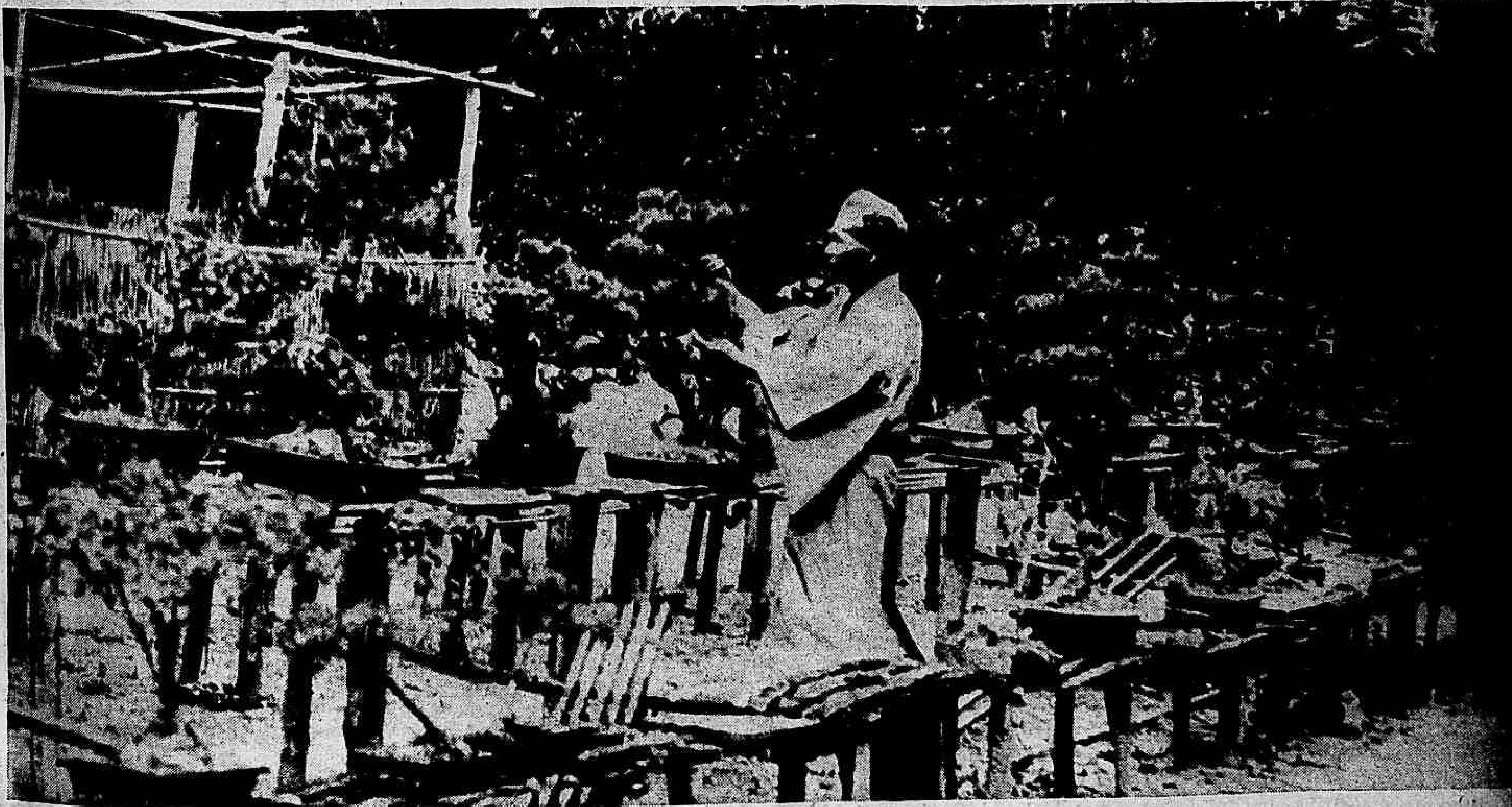
Num imenso páteo, Miyoshi erguem um majestoso pórtico de lapa, idêntico à entrada de um templo budista e, aos poucos, foi ilhando Nipponsó de lanternas japonêsas, de pedra ou madeira que, nas noites tristes de ventania e tempestade, iluminam o caminho dos deuses.

O SEGRÊDO DAS ÁRVORES ANÃS

Quando Miyoshi veio para o Brasil trazia o segrêdo. Seu bisavô aprendera-o do tetravô e ensinara-o a seu avô, que, por sua vez, doara-o a seu pai, que o transmitira a êle, como bem de família. Era o segrêdo das árvores anãs. Era o homem, usando princípios misteriosos, enclausurando árvores, que deveriam ser gigantescas e frondosas, em pequenos vasos, dominando-as, tornando-as insignificantes, no tamanho, como uma touceira de capim. Porém, no segrêdo milenar que percorreu todo o oriente estava a chave do "jardim do mistério". Sua beleza, seu exotismo.

Miyoshi veio para o Brasil há 30 anos. Foi para o interior e, anos depois, adquiriu vasta área de terra, perdida entre os montes que beiram Santo André e iniciou essa cultura estranha, entre nós.

Êsse japonês sorridente e hospitaleiro, plantou árvores e ergueu cêrcas, construiu uma grande porteira, semeou um pomar e principiou a feitura do "jardim do mistério", ...



Miyoshi e suas árvores anãs. Muitas contam 200 anos e vieram do Japão. Todavia, êle tem até ipês, que conservou anões, a pedido de um ex-governador paulista, Fernando Costa. E' um pedaço da terra oriental, respeitado em tôdas as tradições, faltando apenas as cerejeiras em flor, e que se encontra nesse ...

NIPPONSÓ, UM PEDAÇO DO JAPÃO EM SANTO ANDRÉ

tantas perguntas suscita entre os moradores dos arredores que são menos esclarecidos. Lá dentro, o que há? Que vegetação esquesita é aquela que o vento bate? Que são aquêles monumentos estranhos? Para que tantas lanternas acesas, durante a noite? E, ao cair da tarde, porque os visitantes nipônicos se inclinam ante a uma severa figura de pedra, que fita em frente sem enxergar?

CRESCE O MISTÉRIO

A propriedade foi crescendo e, com ela, o mistério. Enormes lápides de granito, com inscrições orientais, foram transportadas para Nipponsó. Os moradores dos arredores aventuravam palpites e, no bar mais próximo, — mais de 2 quilômetros — muitos diziam que as lápides eram epitafios.

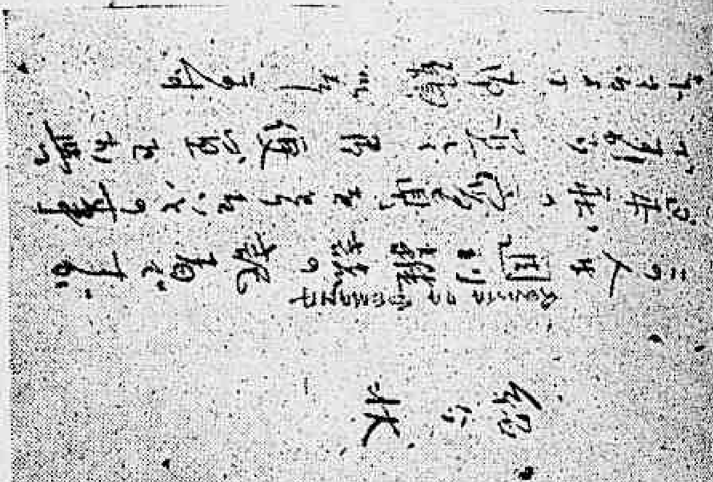
A verdade não é conhecida, ainda hoje, por muita gente simples, que conta histórias fantásticas a respeito da "chácara proibida".

E' lá, escondido do mundo, cercado de casas nipônicas, de livros nipônicos editados em Tóquio na semana passada, de árvores e de alimentação nipônica, que Miyoshi ensina aos filhos o segrêdo das árvores anãs. Mostra como poderão êles reduzir imensos pinheiros em simples brinquedos, como certas raridades que possui, com mais de 200 anos de idade.

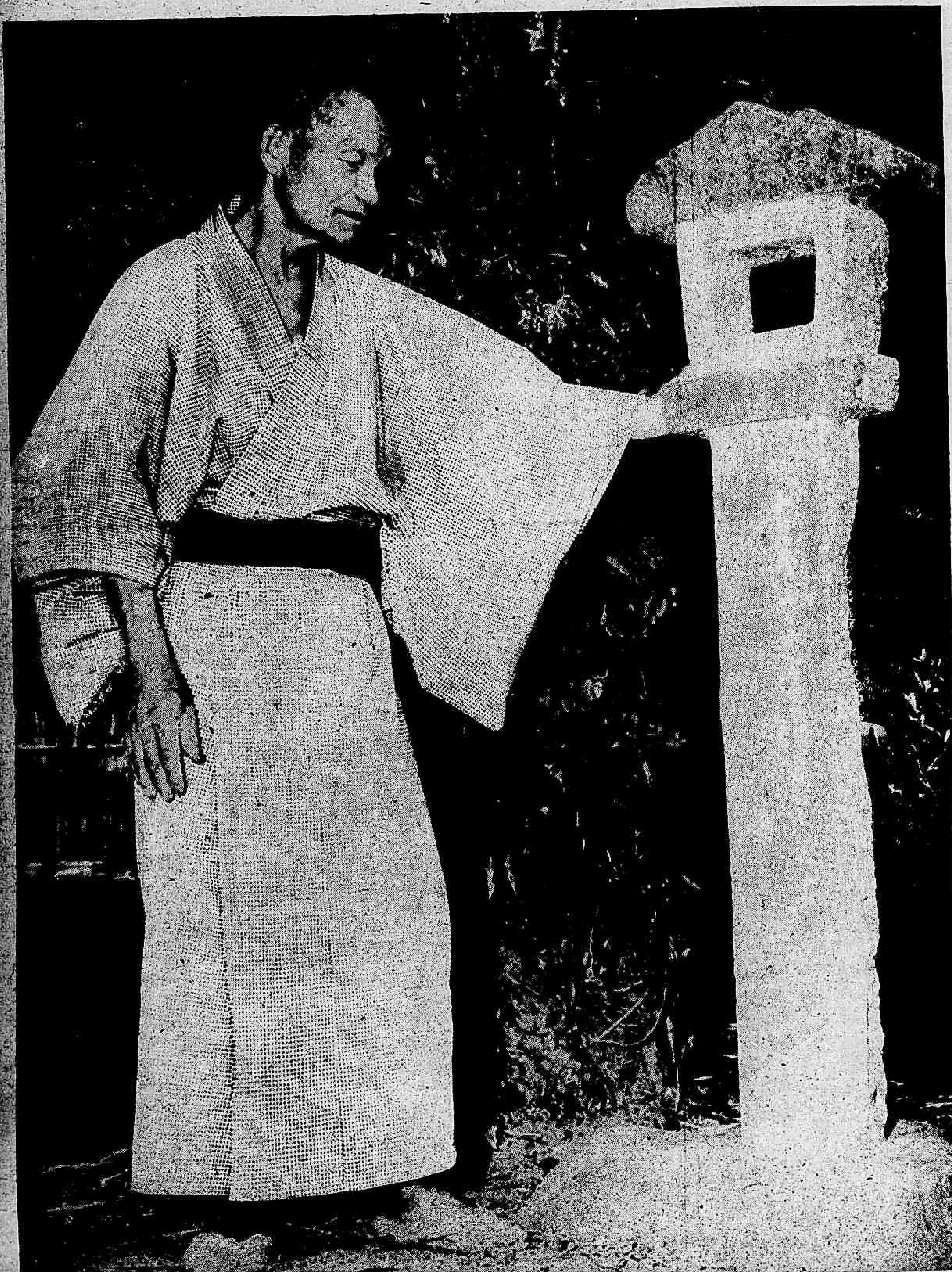
TUDO PARA OS OUTROS

Tudo que Miyoshi possui é para as visitas. Se você, mesmo não sendo japonês ou "nisei", se dispuser a passar

(Cont. na pág. 48)



O «salvo-conduto» dos repórters, uma carta escrita em japonês, por um amigo de Miyoshi, na qual apenas conseguimos entender o nome desta revista.



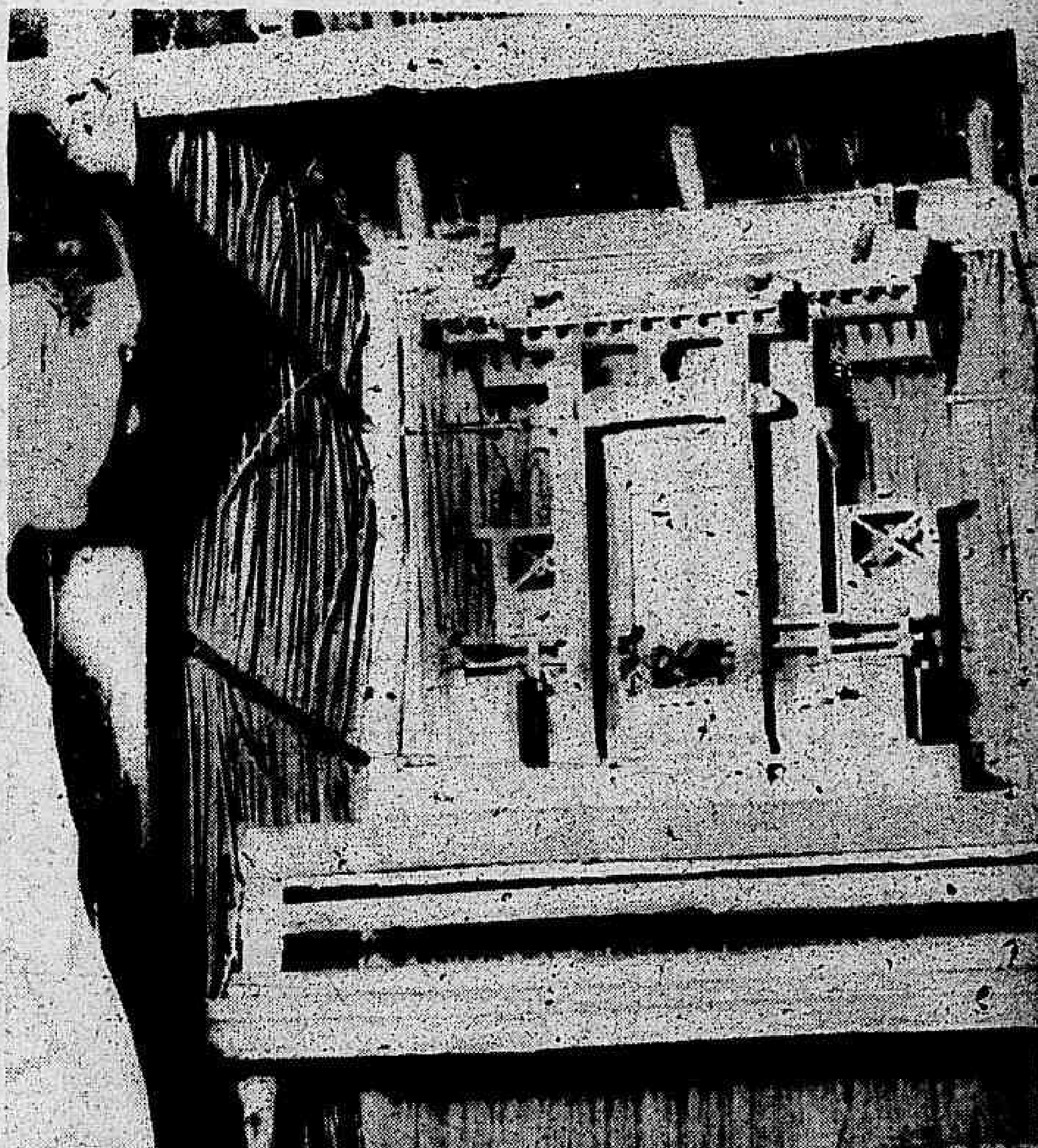
Assim se lá confortável

No altar d

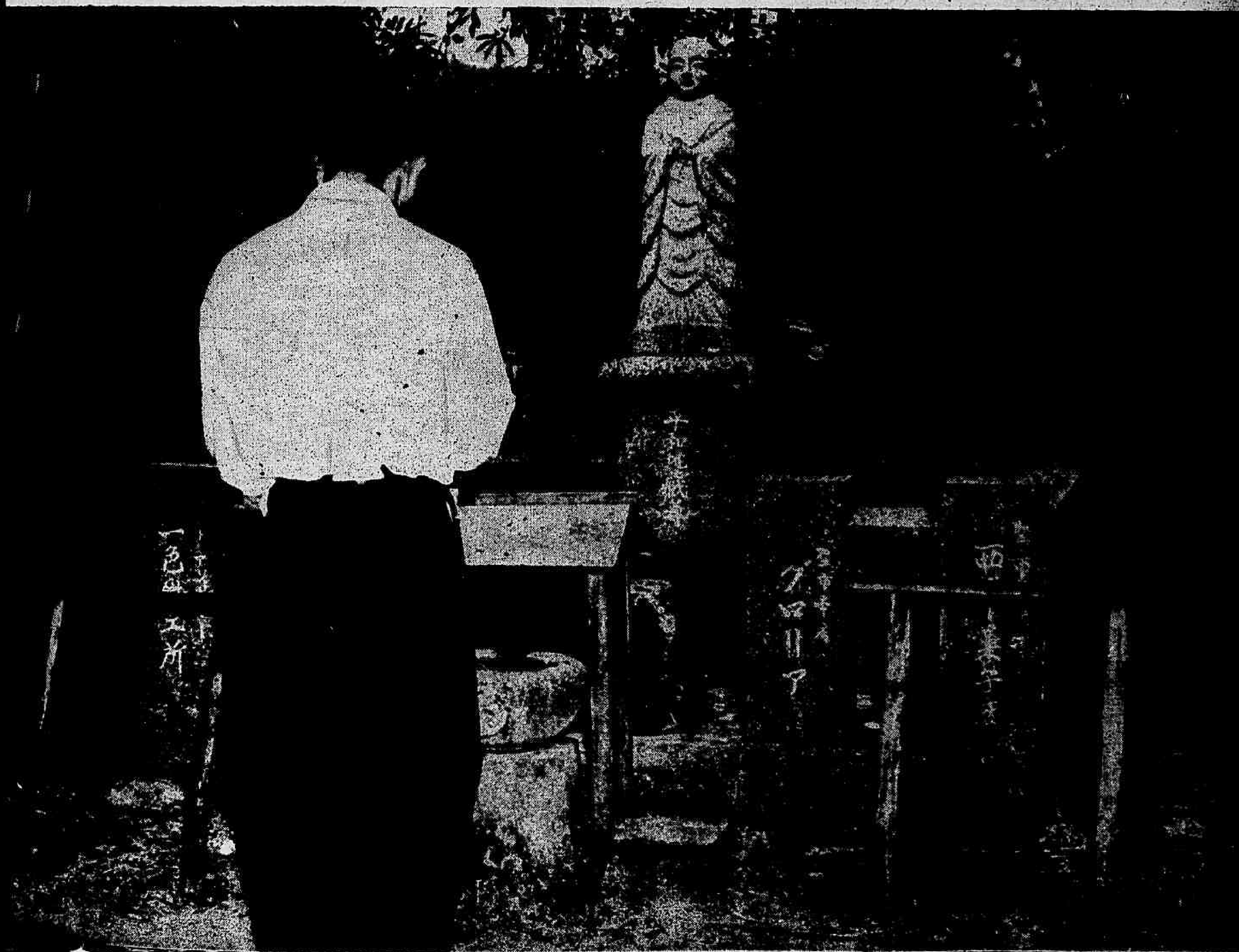
Lanternas japo que brilham tôda, ensinando minho dos nos deuses. Mi olha com resp vai lendo a poesia gravada pa, que êle escrev



Assim se lê no Japão: sem mesa e sem cadeira — e parece que a senhora está confortàvelmente instalada. Em Nipponsó, os japonêses relembram a pátria.



Miniaturas de templos, como esta, espalham-se por Nipponsó. Alguns deixam dinheiro, outros deixam garrafas de saquê... Cada terra com seu uso.



No altar de Buda, os nipônicos fazem suas preces e acendem velas. Nos pilares, inscrições em caracteres japonêses, lembram a religião que o oriente adota.

N. da R.: — As fotografias que ilustram estas páginas nada tem com o artigo do jornalista norte-americano Theodore H. White. São publicadas, aqui, porque ocasionalmente ilustram o tema em aprêço e pertencem à nossa redação. Qualquer resposta aos apelos da sta. Ursula e da srã. Warneke, pode ser enviada para a REVISTA DA SEMANA.

CARTA DA STA. URSULA, DE BERLIM — «Gostaria de encontrar trabalho e também um marido no Brasil. Estou em condições de pagar a minha passagem. Aqui em Berlim não posso encontrar um homem para casar comigo; todos procuram apenas uma distração e isso não me interessa. Tenho 27 anos, curso universitário e sei falar inglês, Francês e norueguês. Posso trabalhar como cozinheira, preceptora ou enfermeira. (a) Ursula». (Endereço na redação desta REVISTA).

CINCO MILHÕES DE MULHERES SEM HOMEM

DEPOIMENTO DO JORNALISTA NORTE-AMERICANO THEODORE H. WHITE, CORRESPONDENTE DE GUERRA E EDITOR. INTERESSANTE ARTIGO EM "THIS WEEK"

BERLIM. Cidade, de quatro milhões de habitantes. Fervilhante de vida. Estuante de prazeres. Depois da derrota do nazismo, nada mais resta da imensa cidade do III Reich do que desolação, ruinas, destroços de vidas e de coisas. Por isso, Kathi, uma cozinheira, disse ao seu patrão:

— Quero voltar. Preciso de um homem.

— Mas Kathi, lhe respondeu o chefe, não há homens aqui na zona do Oeste?

Era essa alemã ainda muito jovem, com seus vinte e três anos de idade, e havia fugido da zona soviética havia apenas algumas semanas.

Ouvindo a pergunta do seu patrão, ela, um tanto embaraçada e meio ameaçadora, respondeu com vigor:

— Está bem. Eu odeio os comunistas; mas, o senhor sabe. Os comunistas têm clubes de juventude, parques de passeios e piqueniques. O senhor não pode compreender as canções que êles cantam, ou o que êles lhe dizem; mas êste é um meio para fazermos conhecimentos com rapazes. Talvez não haja maior número de homens na zona Éste do que aqui; mas é mais fácil travar relações lá, e eu quero um marido.

Kathi trabalhava em casa de um meu amigo em Dusseldorf. Multipliquemo-la por cinco milhões, e teremos diante dos olhos os mais sérios problemas da Alemanha de hoje: — mulheres sem homem, sedentas de amor e de amparo, sentenciadas a uma vida de solidão e isolamento pela segunda guerra mundial. Hitler, ao devastar a Europa, dessangrava seu próprio povo.

Nos seis anos de seus triunfos e derrotas, cêrca de cinco milhões de alemães foram mortos. Por detrás dêsses homens desaparecidos, ficou igual número de mulheres condenadas ao suplício do isolamento e da frustação.

Os problemas que disso resultam, são muitos e bastantes complicados. Os comunistas da zona oriental, como o episódio de Kathi indica, estão dedicando o mais ativo interêsse nessas mulheres. São elas uma fôrça política em potencial em ambas as zonas.

Sòmente na zona ocidental da Alemanha há mais de 3.400.000 mulheres do que homens numa idade acima dos 21 anos. Entre as idades de 25 a 40, há cento e cinqüenta mulheres para cada cem homens. Quando êstes algarismos são transferidos para o plano político, o mais sério problema emerge: três quintos de todo o potencial de votos da Alemanha são compostos de mulheres.

O potencial político da mulher da Alemanha de hoje é tão grande, que a história dêste século pode depender do que do voto elas venham a fazer.

A própria defesa da América está afetada por isso. Durante um ano, procuram os Estados Unidos, por tôdas as formas de propaganda, induzir os alemães a formar no Exército europeu. A intervalos regulares, autoridades americanas procuraram colher confidenciais opiniões políticas entre o público a respeito dêste plano. No último inquérito no verão passado, ficou provado que 59% dos alemães eram favoráveis a tal Exército. Mas não sucedeu o mesmo com as mulheres consultadas. Apenas 36% delas achava que isso era uma boa idéia. E agora nos lembramos que a maioria dos eleitores alemães é composta de mulheres.

Conheço uma garôta alemã que tem uma simples resposta para explicar a diferença: "Nós precisamos de maridos, não de soldados".

A perspectiva de um exército europeu e todo o plano de uma estratégia americana na Europa dependem de saber-se se as mulheres germânicas poder ser persuadidas de votar a favor de seus possíveis maridos numa nova máquina de guerra.

Os impulsos dos *superativos* femininos na Alemanha desde a última guerra têm sido assunto para estudos de pastores de igrejas, políticos e estadistas. Idéias, planos, programas de tôda sorte têm sido apresentados. Mas as mulheres não se interessam por isso. Querem homens.

Os jornais germânicos vivem inundados com cartas de mulheres que vivem sozinhas. Mesmo jornais americanos e revistas têm recebido muitas. Muitos editores têm respondido a tais apelos. A forma típica dessas cartas assim começa: Sou uma mulher de boa família, com 35 anos de idade. Meu marido morreu na guerra. Tenho vários amigos nessa cidade e gostaria de encontrar... "As respostas são de vários tons, e eis aqui uma delas: "Minha querida Sra. X: Não é necessário, ou melhor, é impossível na Alemanha, que as mulheres queiram considerar seus maridos sòmente quanto à sua comodidade e ventura. A senhora precisa ampliar mais as suas atividades, desenvolver outros interêsses, etc..."

Aqui está uma carta de outro teor, intitulada "Ao menos uma criança", aparecida nas páginas de "Ihre Freundin", uma das melhores revistas femininas da Alemanha:

"...Há certos momentos para uma mulher solteira, quando a natureza age em seu íntimo, que ela sofre a irresistível vontade de ser mãe. Por muitas vêzes ouvi de lindas moças neste feio após-guerra, as seguintes palavras: "Se eu não casar-me antes dos trinta, irei ter um filho, seja como fôr". Como umas dizem, outras podem dizer, mas como são incompreendidas! Pode-se deixar de ter simpatias por essas moças quando decidem seguir tais caminhos? E' preciso reconhecer claramente o fato, como se estivessem elas classificadas entre as mulheres perdidas. Mas basta a palavra "Mãe", para elevá-las em melhor conceito.

Os propósitos dessas mulheres transviadas são comprovados pelas estatísticas. Antes da guerra, mesmo sob o código da baixa moral nazista, sòmente cinco por cento de nascimentos fora do leito conjugal eram registrados. No ano passado, a proporção das crianças nascidas sem pai, se elevou a nove por cento. Muitos alemães acham que êsse nível se mantenha até que passe a geração das mulheres "sem homens" criada pela guerra.

A Sra. Dorothea Klaje, uma líder feminina da Alemanha, propôs uma nova lei permitindo "casamentos temporários" em caso de concepção. A própria poligamia já foi sugerida. Mas ambas as lembranças não foram aprovadas. Nesta primavera foi fundada no Ruhr uma associação para "Festas das Mulheres Alemãs", com fins políticos, mas não fêz nenhum progresso.

As autoridades americanas têm procurado intervir também. Mulheres especializadas em organizações para a aproximação familial têm procurado atenuar as dificuldades de isolamento das mulheres alemãs. Mas os frutos desses esforços têm sido diminutos. Com exceção da cidade de Berlim e de algumas zonas do sul do país, em geral as alemãs se recusam a ingressar em tais grupos.

Acham os norte-americanos que essa evasiva das mulheres alemãs tem sua origem no conceito de sua inferioridade nos meios sociais. No lar germânico o pai é tudo, cabendo à mulher os três *kas*, como dizia o falecido Kaiser Guilherme II: "Kinder, Küche, Kirche, isto é, menino, cozinha e igreja. Serão necessárias décadas para apagar-se essa tradição de docilidade e submissão.

Um repórter norte-americano, ao perguntar a uma jovem colega da imprensa alemã, o que ela achava dos problemas da mulher germânica, ela respondeu: "Espere um pouco. Vou chamar meu cunhado. Êle explicará melhor". Há, porém, multidões de mulheres jovens ou não, que substituiram os homens nas indústrias e em muitos serviços públicos, comércio e outros misteres.

São complexos os problemas da Alemanha. Mais grave do que a presença dos elementos comunistas é o ressurgimento do nazismo. Na zona comunista do oriente alemão, as mulheres são chamadas para ocupar cargos oficiais, como funcionárias públicas. Mais de 40% desse funcionalismo público são de mulheres. Na Alemanha Ocidental, os comunistas seguem outro sistema: arregimentam a massa feminina para as "Campanhas da Paz".

Os dirigentes americanos, ou as mulheres líderes dessa nova cruzada para a readaptação da mulher germânica em tôda a extensão do país, não poderão, por si sós, conseguir realizar a tarefa. Mas urge que em cada cidade, por si mesma, promova a participação feminina na vida da comunidade. Cada cidade poderá, apenas, indicar o caminho. Em última analise, o futuro da mulher alemã e sua educação caberão aos líderes do país, e sòmente a êles. Se fracassarem, não sòmente êles pagarão pelo desastre, mas o mundo inteiro sofrerá as conseqüências.



CARTA DA SRA. WARNEKE, DE BERLIM — «Meu filho, de oito anos, vive terrìvelmente preocupado porque seu pai não voltou. Êle morreu vítima de uma bomba. Dirk, é seu nome, passa o tempo reclamando a presença do pai. Preciso encontrar um pai para meu filho, em qualquer parte, porque não posso obtê-lo na Alemanha. Neste país os homens não se interessam por uma espôsa com filhos e sem recursos. Isso é um problema para mim. Acredito que os poucos homens que podem procurar espôsa nos milhões de mulheres alemãs, não as preferem na minha situação. Tenho 37 anos e vim da zona ocupada pelos russos neste país. Eu seria muito feliz se encontrasse um homem que me compreendesse. Escrevo sob grande depressão e peço que acreditem, desejo uma situação sólida, não uma aventura amorosa e passageira. (a) Warneke». (End. nesta REVISTA).

ACIMA DO ORGU

VANDA entrou no quarto, muito elegante, pronta para sair, e admirou-se de ver o espôso deitado displicentemente no leito, em posição relaxada.

— Santo Deus! Você ainda não se compôs, Romeu? Vamos, arrede-se, homem! Os Albuquerques não nos perdoarão pelo atraso voluntário.

Romeu ergueu-se, naquele seu jeito simples, com acentuada calma.

— Feche a porta, Vanda! Vamos conversar um pouco...

Reagiu logo:

— Romeu, por favor, as horas passam...

Sentiu forte impulso no coração:

— Que importa? Eu também passarei pela vida depressa, morrerei logo... Você me escraviza demais, Vanda!

Depois, Romeu, descerrou seu coração, descreveu toda a infelicidade, até mesmo a humilhação que, durante um vicênio, sofreu em companhia de Vanda. Narrou, ainda, a tristeza imensurável que suportou, em tão longos janeiros, a ponto de crer piamente que o amor da espôsa se ocultava em máscara rústica.

Vanda criara em si uma mulher orgulhosa, vívida de interêsses, que só se preocupava em percorrer os salões requintados da aristocracia, tomar parte nos chás dominicais... Jamais lembrara de renunciar a essas futilidades, a fim de reservar para êle um momento de concórdia, uma palavra de carinho, enfim, sempre trocando o sentimentalismo pela materialidade.

Saturou-se, Romeu, das reuniões sociais, de que participava assìduamente, onde servia apenas de ... para a espôsa, acompanhando-a só porque ... senso assim mandava. Além disso, Vanda ...conhecia seu esfôrço para agradá-la, encarava-... as como uma soberana irresistível, seus olhos ...ciavam isso claramente... Assim, quando tor... do trabalho, às vêzes carregado de fadiga, ...ido para descansar, a comédia repetia-se. Vanda o aguardava, tôda embelezada, e estendia logo a ...ntade: iriam visitar certa madama de suas re...ções.

No entanto, se convicção tivesse de que tôdas as contrariedades que o magoavam fôssem restabelecidas algum dia, se Vanda vivesse apenas para o lar, para êle e a filha, não teria deliberação tão grave. Mas, quando se recordava das ofensas, que lhe foram ditas à queima face, convencia-se de que não valia a pena sacrificar-se, as esperanças fugiam na imensidão do espaço...

— Você é muito mal agradecido, Romeu! Lutei por você, fiz de você um cavalheiro, ensaiando seus primeiros passos na sociedade... E' esta a retribuição que mereço?

Romeu morria indignado, pelo atrevimento espontâneo da espôsa incompreensível. Não sonhara, nem pedira a Deus a vida que levava, tampouco se sujeitara ao jugo intolerável e permanente da mulher... Seus amigos de alma não vestiam casacas, não se davam ao luxo impecável da elegância, muito menos se mostravam doutos em presença sòmente. Viver à vontade, eis o lema, inteiramente contrário àquelas regras rígidas, que só cabiam para aborrecê-lo.

Vanda sempre fôra adversa à teoria do marido, nunca procurou reconciliar a situação, analisá-la sèriamente; no fundo talvez fôsse indiferente à plebe. O firme propósito de orgulho, o convencimento, o ar repugnante de importância, eram armas perigosas que o feriam, intimamente. A ordem era curvar-se aos Albuquerques e àquêles que pertenciam à raça aristocrática, tudo porque Romeu fizera fortuna.

Não há mal que desampare o orgulho, nem bem que o proteja.

Romeu foi ao ápice de afirmar que iria promover, judicialmente, a ação de desquite! Vanda que estabelecesse o acôrdo para uma separação amigável; com os altos recursos possuídos, ratificaria qualquer solução, por mais descabível que fôsse, para afastar-se honradamente dela. Quanto à Loila, se bem que a surprêsa lhe seria como um autêntico desastre, nada pouparia para remediar a sua felicidade, abriria em seu nome uma conta corrente no Banco. Demais, moça, de maior idade, poderia apelar para a parte que melhor desejasse.

Vanda sofreu calada, com resignação, ouvindo tudo atentamente, enquanto o marido apresentou as razões insofismáveis da separação. Não revidou a uma acusação sequer, mas se surpreendeu do golpe traçado, viu-se derrotado à capucha.

Quando Romeu findou, Vanda adivinhou que êle não ficaria mais naquela casa. Aí decidiu falar, com certa dose de ódio na voz:

— Afirma, então, que agora não me ama?

E êle, tendo meditado:

— Asseguro!

Num lance tomou os sapatos e calçou-os, ajeitou a gravata, vestiu o casaco e fêz menção de retirar-se. Olhou Vanda, estática, diante de si, e adiantou:

— Não perca tempo, Vanda! Os Albuquerques a esperam...

Fingiu, diabólica, um sorriso de superioridade:

— Nada me faria faltar esta noite!

E desapareceu, de repente, como um vulto misterioso. Tudo estava desfeito!

Há muita coisa estranha nesse mundo. Por exemplo: o homem, quando quer, ama até à ruína fatal. Romeu salvara-se do abismo, mas não era vantagem, iria sofrer eternamente...

Decorrido um mês, exatamente, os três personagens foram chamados a comparecer à Quarta Vara de Família, onde o juiz usou do clássico conselho aos cônjuges.

Loila mantinha-se inconsolável, não entendia bem o alcance daquele desenlace, as explicações confusas da mãe. Demais, aquilo significava vivamente a dissolução definitiva da família.

Os advogados de ambas as partes procederam à verificação e competência dos autos do processo e, dentro de uma hora, fôra lavrado o têrmo de encerramento da audiência. No final, sabia-se que Loila ficaria em companhia da mãe, era natural.

Dias depois, julgado o processo, como desquite amigável, Romeu, que antes removera todos os obstáculos apresentados, fôra condenado a pagar à espôsa e à filha, à perda de alguns bens comuns, embora, particularmente, já houvesse transferido para Vanda o direito do imóvel.

O casamento indissolúvel que Deus criara, novamente os juízes o desfaziam pelas leis dos homens...

Depois, seguiu-se aquela série de encontros quotidianos, matemàticamente às mesmas horas, entre pai e filha, no escritório dêle. De Vanda nada se comentava, os dois trocavam impressões próprias, narravam cada qual os acontecimentos do dia. Finalmente, vinha a despedida dolorosa e a esperança de se verem pròximamente.

De repente, Loila furtou-se de comparecer aos encontros estabelecidos. Para Romeu a ausência da filha, nos primeiros dias, foi um martírio imprevisto. De uma sorte chegou a passar, às escondidas, em frente à casa dela, na ânsia singular de revê-la. Mas a fatalidade deparou-lhe um quadro triste: ao invés de Loila, Vanda estava no jardim, tinha o semblante meio cansado, numa aparência de quem necessita de ar matinal.

Dois anos sucederam, sem que qualquer notícia da filha viesse minorar a sua dor. Se Romeu já fôra infeliz, estava sendo muito mais agora, com o abandono que a filha lhe infligira, abandono tão surdo êste, que lembrava um aventureiro perdido em plena selva.

Mas o destino é caprichoso demais, vive a preparar mil ciladas. Assim, certa tarde de estio, Loila surgiu, sùbitamente, em seu escritório, apreensiva como uma criança que comete má ação.

O pai desfêz-se no calor da surprêsa, vibrou de alegria, a felicidade rompeu-lhe o peito:

— Querida filha! Há tanto tempo não a vejo! Que houve? Conte-me?

Loila precipitou-se nos seus braços, chorava; cobriu-lhe a face de beijos ardentes.

— Quantas saudades, pai! Quantas! Ela descobriu nossos encontros, proibiu-me de vê-lo...

Romeu sentiu o contra-golpe da espôsa.

Conto de ARNALDO BITTENCOURT ★ Ilustração de AMILDE PEDROSA

ULHO ESTÁ O AMOR

— Vanda... Ela fêz isso?

Explicou:

— Sim! Mas não a censure agora, por favor! Ela...

Houve um instante de grande emoção, os olhos de Loila ficaram avermelhados. Romeu compreendeu logo que Vanda estava em apuros, que algo de anormal e considerável se havia desenrolado.

Ela disse, constrangida:

— Mamãe precisa urgentemente do senhor... pediu-me para vir cá buscá-lo... breve dará o último suspiro!

— Não Loila! Diga que é mentira!

A notícia colheu-o como um forte pesadelo. Afastou-se bruscamente até à janela, recordou-se do passado. Apiedou-se da espôsa, o amor transpunha as barreiras. Vanda ausentar-se-ia assim, sem ao menos lhe dar um derradeiro adeus? Não! Êle ainda morria de amores por aquela mulher orgulhosa. Imaginava quão seria horrível a despedida entre dois sêres que se amam. Porém, uma fôrça impedia-o de voltar àquela morada, onde outrora brindara felicidade, onde jamais pensara em reviver.

No entanto, quando se encontrou com o olhar suplicante de Loila, teve os nervos em pânico, fôra visível a sensação. Imediatamente tomou a filha pela mão e desceram para a rua, à procura de um carro.

Enquanto o veículo rasgava velozmente a estrada, Romeu sentiu a alma agitada, previu amarguras, os pensamentos bailavam no cérebro.

— Vamos, motorista! Dê tôda a velocidade!

— E' o máximo, senhor... a estrada está escorregadia...

Romeu rememorou instantes fagueiros que passara junto de Vanda, logo após o matrimônio, quando Loila era ainda pequerrucha e despachadinha. Aquilo era o lar! Receou não chegar a tempo para beijá-la docemente antes da visita macabra do demônio. Só não chorou de vaidade; Loila estava inexpressiva...

Minutos depois, Romeu introduzia-se na casa, seguido de Loila.

— Por aqui, pai! Ela está no quarto.

— Vamos... Vamos depressa!

Loila retrocedeu, deixou que êle entrasse primeiro, aferrolhou a porta, e ficou na expectativa do lado de fora. Dentro, Romeu paralisou-se pelo sobressalto, de tal modo, que se diria ter sofrido um colapso cardíaco; Loila farsanteara cruelmente para trazê-lo de volta àquele recinto. Despertou-lhe uma voz feminina, muito meiga:

— Romeu!

— Vanda! — respondeu, abismado.

Vanda não estava enfêrma, muito embora seu rosto revelasse expressivas linhas de arrependimento. Ao contrário, via-se uma dama preparada graciosamente, tal como a deixara outrora, com aquêle ar de superioridade, porte satânico, o busto imponente realçando tôda a beleza e saúde do corpo. A voz, entretanto, era outra, mais singela, agradável.

E ela reatou, as mãos cobrindo o rosto:

— Romeu, não me despreze mais, a vida é amarga sem você!

A comoção descontrolou o homem, tocou-lhe agudamente no âmago. A imaginação ficou iluminada e êle compreendeu perfeitamente tôda a trama que mãe e filha edificaram. Juntou os fatos, o desaparecimento súbito de Loila, a maneira como ela surgiu... Teve admiração pelo desempenho da filha...

Vanda retornou:

— Sim, Romeu! Mas não me condene por isso. Estava disposta a renunciar a tudo, viveremos outra vez!

Romeu observou, então, através da janela, que Loila passeava serenamente pelo jardim, perfumado e iluminado, talvez segura do êxito favorável de sua obra. E, sentindo-se novamente em "seu" próprio lar, despiu o casaco, livrou-se da gravata, descalçou os sapatos e atirou-se à confortável poltrona que, junto ao leito, atraía-o.

Afinal, para que se irritar, por que não ficar para sempre? Amanhã mesmo poderiam reconciliar-se perante o juiz...

Mesmo assim, insinuou:

— E o orgulho, Vanda?

Vanda balbuciou, entre lágrimas e sorrisos, feliz como nunca, ajoelhando-se a seus pés:

— Romeu, acima do orgulho... está o amor!







CHEGOU a vez dos figurinos para a criançada e aqui estão os modelos sugeridos pelo traço imaginativo de Ramon. Baianinha, índio, bailarina, tirolês, palhaço, dansarino espanhol e dama antiga, são os permanentes motivos inspiradores para as fantasias infantis. Algumas mais próprias para o clima tropical, outras podendo ser amenizado o calor pela sua confecção em tecidos leves. A verdade é que nesta página papai e mamãe, encontrarão, certamente, a fantasia que procuravam para o caçula.

AMOR À PRIMEIRA VISTA







PIERRE BALMAIN, o notável figurinista francês cujo lápis tem o poder mágico de ordenar às mulheres do mundo inteiro, o novo corte de vestido. Aí está um homem que vive exclusivamente da mulher — e para a mulher...

DO HOMEM PARA A MULHER

O artista e a sua obra: ao alto, Pierre Balmain, à esquerda, um de seus mais recentes modelos. Êsse artista ganha o que quer, na França, ditando inovações na arte de bem vestir e seria pouco dizer que êle se fêz um ditador da elegância feminina porque é muito mais — um legítimo feiticeiro. O modêlo desta página, saído do crayon milagroso de Balmain, chama-se "Echarpe Asimétrica", deve ser feito em faille negra, envolvendo o busto em um movimento ágil, cobrindo uma das espáduas e terminando num imponente laço na parte de traz. Há vaporosidade, espírito, fluidos magnéticos nas silhuetas de mr. Balmain — dizem as parisienses...

Novidades de Paris

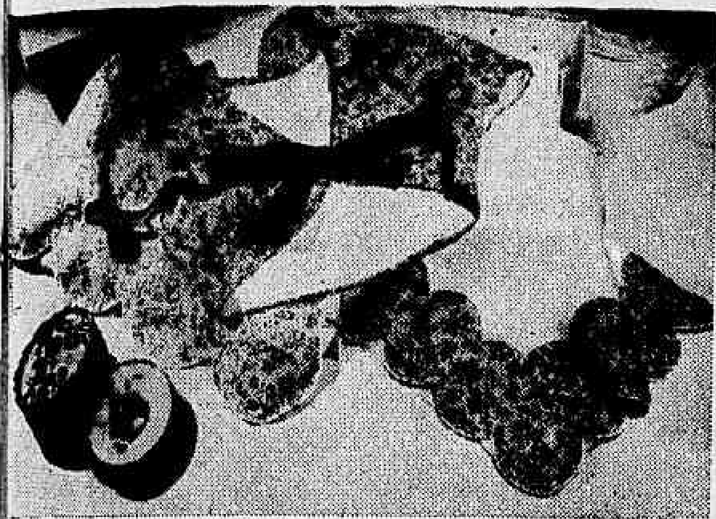




Modêlo confeccionado em fazenda com barra de listras. Essa barra é apresentada em curioso efeito na saia e no corpo.

SAIA

Para a noite, conjunto formado por ampla saia godê e blusa, quadriculada, trespassada com mangas japonêsas.



Marcel Rachas, conhecido e reputado costureiro parisiense, vai lançar o linho da Irlanda, que, estampado, imita as tão femininas rendas de Chantilly, num conjunto único, compreendendo um lençol, uma fronha e uma «étole de nuit».



LINHO

O linho é tingido em delicados tons de pastel, côr-de-rosa, verde e café com leite, contrastando com as estampas em negro, do gênero renda, e com as respectivas bordas. A inspiração do modêlo vem do perfume «Femme» e sua apresentação.



ALGODÃ

Dois encantadores modelos em fazenda lisa, com os punhos e golas adornados com tecido quadriculado.



Blusa de sêda preta e saia godê, franzida, em fazenda com grande estampado. Efeito de conjunto, magnífico.

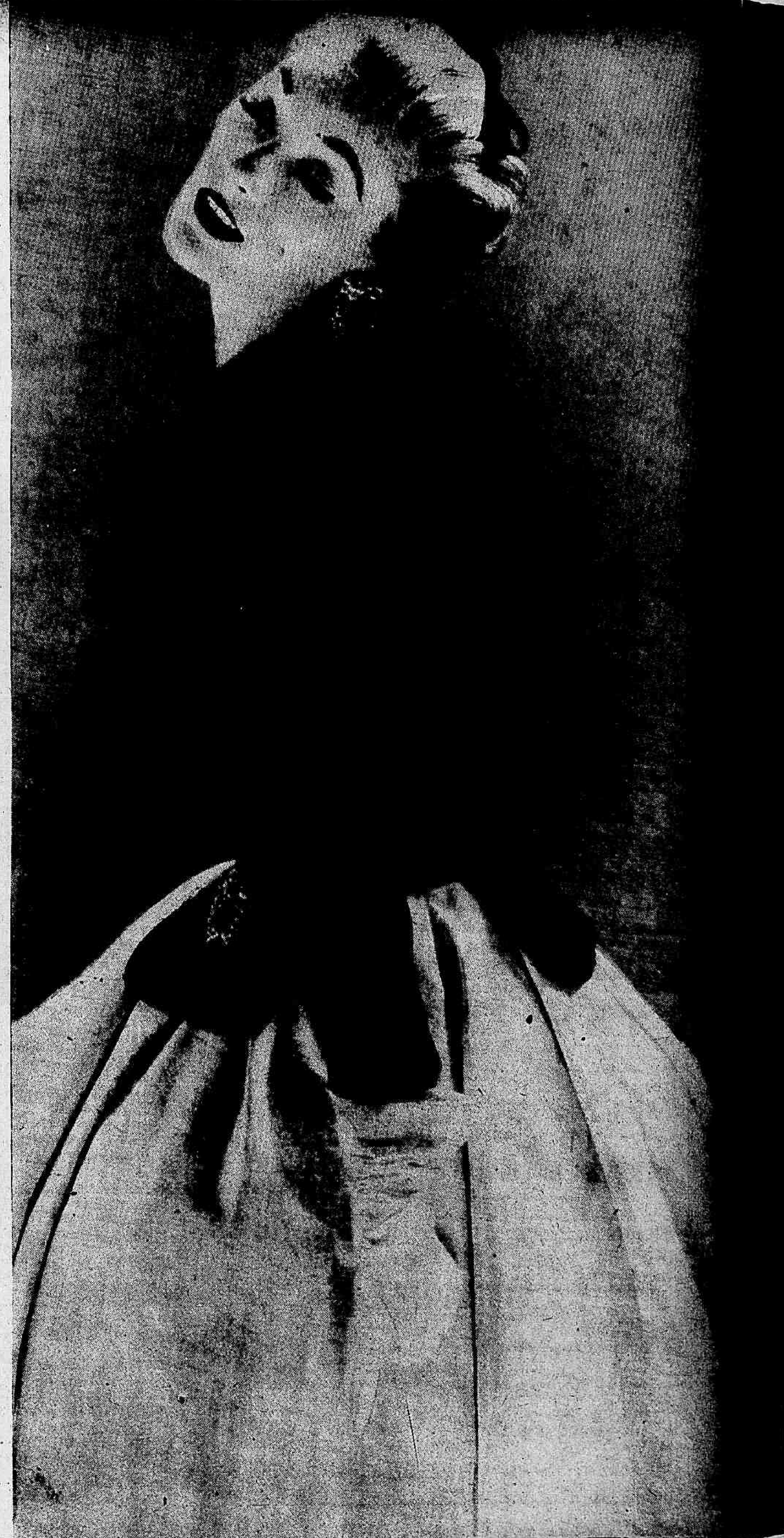


Dois modelos diferentes de blusas, usadas com saias estampada e lisa

BLUSAS PRETAS



Saia de tafetá com grandes bolsos embutidos e blusa bastante subida, confeccionada em sêda.



Saia em tafetá claro e colete em prêto, com mangas compridas e abas bordadas dos lados e atrás.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa .	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUEM FUNDOU A ORDEM DOS «MINUMOS»:

— S. Francisco de Paula?
— O Papa Sixto V?
— São Paulo?

2 — EM QUE ARQUIPELAGO FICA A ILHA MINORCA:

— Em Fernando de Noronha?
— Em Cabo Verde?
— Nas Baleares?

3 — QUAL A CONSTELAÇÃO ZODIACAL QUE TÊM TRÊS NOMES:

— A do Centauro?
— A da Ursa Menor?
— A do Cruzeiro do Sul?

4 — O NOME «MINUANO», ALÉM DO VENTO FRIO E FORTE, LEMBRA AINDA:

— Grande minte do Rio Grande?
— Uma dividade?
— Uma tribo de índios da Lagoa dos Patos?

5 — ONDE SE ORIGINOU A ARISTOCRATICA DANÇA DO «MINUETO»:

— Na Itália?
— Na Suiça?
— Na França?

6 — QUE QUER DIZER «MIÓFRAGIA»:

— Perturbações nas funções de um órgão?
— Derrame cerebral?
— Dor de garganta?

7 — QUEM FOI HONORATO GABRIEL VICTOR RIQUETI:

— Balzac?
— Richelieu?
— Mirabeau?

8 — QUE QUER DIZER «MIRÍFICO»:

— Muito triste?
— Admirável?
— Sem base científica?

9 — QUEM ESCREVEU A FAMOSA COMÉDIA EM VERSOS, EM CINCO ATOS, «O MISANTROPO»:

— Moliere?
— Racine?
— João Caetano?

10 — DE QUE PAÍS É ORIGINÁRIA A «MITRA» DOS BISPOS:

— Da Itália?
— Da Pérsia?
— Da Inglaterra?

11 — LAURO MULLER ERA DE:

— Pernambuco?
— De Santa Catarina?
— São Paulo?

12 — QUAL O COMPRIMENTO DAS MURALHAS DA CHINA:

— 600 léguas?
— Mil quilômetros?
— Quinhentas milhas?

13 — O FAMOSO PINTOR MURILO ERA NATURAL DE:

— Portugal?
— Espanha?
— Itália?

14 — ENTRE OS GREGOS ANTIGOS, QUAL ERA A DEUSA DA VINGANÇA:

— Nemesis?
— Diana?
— Vênus?

15 — QUE VEM A SER «NEFRALGIA»:

— Falta de apetite?
— Pobreza de sangue?
— Dor nos rins?

(Respostas na página 46)

AS LUVAS PASSAM...

(Cont. da pág. 13)

não era moço. Foi sempre insolente, brigão e tinha uma vida muito desregrada, embora sua fôrça e coragem fôssem reconhecidas. Corbett já era famoso e continuava em franco progresso. Era um homem bonito, bem educado e só bebia leite!

Mesmo durante os treinos Corbett tinha novas idéias. Era costume dos boxeadores, quando se dirigiam a algum lugar, fazerem-se acompanhar de diversas pessoas e um grande número de camaradas. Corbett alugou uma casa numa localidade sossegada e ali meditava sôbre o trabalho que iria fazer na próxima competição. Foi êle o criador da prática com a própria sombra, para aumentar a agilidade e rapidez, e o exercício com a *medicine ball* para fortalecer. A fôrça de que dispunha era quase tôda adquirida com os exercícios que inventava. Tinha confiança absoluta em si mesmo, mas poucos dos que o conheciam assim pensavam.

A luta era até a morte, com luvas de cinco onças, e o interessante era o ring todo gramado como antigamente. Corbett estava de calções curtos, em vez dos antiquados calções compridos. Os comentários foram desfavoráveis, porque a indumentária foi classificada de pouco decente.

Sullivan sabia que, para conquistar a vitória, teria de eliminar o adversário da maneira mais rápida e, por isso, iniciou a luta avançando decidido, mas Corbett se manteve firme nos pés, driblando-o. "Não fuja! Levanta e luta!" — gritava a multidão. Corbett, calmante, parou, guardando boa distância do adversário, e, levantando os braços para a assistência, disse: — "Esperem um momento. Tudo vai correr muito bem!" E assim foi. No final do segundo "round", Corbett estava no canto para o descanso regulamentar e disse: — "Não preciso fugir dêsse camarada. Vou liquidá-lo no "round" seguinte!". Seus auxiliares pediam-lhe que tivesse cuidado e assim êle foi tenteando Sullivan até o *vigésimo primeiro round*, quando botou Sullivan "knock-out".

PERÍODO CLÁSSICO

Foi o final do velho sistema do pugilismo e iniciava-se a nova fase do box científico. Na América foi o período clássico para a classe do pêso pesado. A "oficina" de Larry Foley fôra transferida para os Estados Unidos para aumentar o brilho dos talentos locais. Bob Fitzsimmons, inglês, e James J. Jeffries ocuparam o lugar de Corbett. Ambos foram grandes campeões entre os outros da sua classe.

Tommy Burns, canadense de origem francesa, e Jack Johnson mantiveram o título de campeão até o início da primeira guerra mundial, sendo que Johnson foi o primeiro homem de côr que conquistou o título de campeão mundial do box. As divisões de pêso môsca e pêso leve foram incluídas nas classes dos pesos e as competições foram limitadas ao máximo de vinte "rounds", ficando também o tamanho das luvas padronizado. Quase todos os países civilizados começaram a adotar o box e, embora tivessem sido estipuladas novas regras locais, tôdas se baseavam no Código de Queensberry.

Na Inglaterra, o Clube Esportivo Nacional fechou as portas em 1929, por não poder concorrer com os prêmios oferecidos pelos promotores de competições estrangeiras. Nesse mesmo ano foi organizada a Diretoria Britânica do Contrôle do Box e as competições profissionais ficaram limitadas ao máximo de quinze "rounds". Foi assim que o box se tornou na nobre arte, como hoje o consideram.

E agora deixemos o box entregue aos campeões modernos, seus empresários, dirigentes e auxiliares na sua marcha para o futuro. Todos devem ter em mente, segundo nos conta a história, que a classe do box foi sempre o reflexo do caráter daqueles que o controlaram e patrocinaram. Que todos êles sejam dignos da nobre arte da defesa própria.

FIM

UMA MULHER PODE CONSERVAR-SE SEMPRE JOVEM E BELA

Para uma mulher se conservar sempre jovem e bela deve ter os seus órgãos femininos em perfeita saúde. E a mulher sabe que os seus órgãos femininos estão em perfeita saúde pelo bom funcionamento de suas regras. Se as regras são anormais, isto é: diminutas ou abundantes, dolorosas, repetidas ou atrasadas indicam enfermidade grave que deve ser combatida com um dos dois Reguladores Xavier. E' lhe fácil saber o número que lhe convém. O Nº 1 só serve para os casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. Já o Nº 2 tem aplicação inteiramente diversa e só serve para os casos de falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuidas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Tal como exigem a ciência e o bom senso o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes atendendo às duas naturezas diferentes dos males femininos.

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 21)

sobretudo no domínio do lar e da intimidade. Outros têm a coragem de lutar para encontrar a felicidade ùnicamente no trabalho, no sacrifício e na abnegação, e, por isso mesmo, a felicidade da existência reside, em parte, na capacidade de trabalhar e no senso do dever.

"Não acha você que há em tais palavras como que um vento potente que vem do mar? Eu as amo infinitamente. E sei que elas lhe agradam. Também me sinto feliz por poder falar com você a respeito destas coisas. E' absolutamente necessário que se tenha um amigo que nos possa compreender, e, eis aí a beleza de nossa amizade: ambos nós temos os nossos obstáculos a transpor e podemos confrontar os nossos triunfos.

"E' claro que os meus problemas se resumem a pequeninos assuntos de mulher; mas são importantes para mim, pelo motivo de que me obrigam a romper com as tradições de família. Tôdas as mulheres de nossa casa têm seguido a estreita e rígida vereda das convenções. A própria Grace assim o faz, se bem que se revoltando no seu íntimo; mas tia Frances a força a manter-se nesse estreito caminho. Antigamente Grace tentou tornar-se uma artista, chegando a trabalhar duramente em Paris, até que tia Frances desceu até lá e a arrastou para fora. E Grace fala sem

EU VI A GUERRA DE PERTO

(Cont. da pág. 32)

OS PRIMEIROS PASSOS

No dia seguinte, pela manhã, fui ao P.I.O. — Gabinete de Informações do Estado Maior Americano — instalado no edifício do famoso Rádio-Tókio, a pedir o meu cartão de correspondente de guerra. Era do Rádio-Tókio que falava ao mundo, convulsionado pela guerra, a célebre comunista conhecida pelo poético nome de "Rosa de Tókio", a qual, depois da derrota japonêsa, conseguiu refugiar-se na Norte América e vive hoje em Los Angeles.

A CIVILIZAÇÃO ORIENTAL E O CONTATO COM OS ESTRANGEIROS

Raríssimas japonêsas e japonêses passam nas ruas trajados à moda do seu país. Elas e êles ocidentalizaram-se aparentemente e as crianças vivem felicíssimas agarradas a brinquedos "made in América" e já com "poses" iankes nos seus corpinhos atarracados. As moças japonêsas namoram com ar bem desembaraçado e saboreiam com deleite o algodão em rama adocicado, o sorvete, os amendoins torrados e a viajadíssima coca-cola... Adoram filmes americanos e dançam tôda a espécie de música. O "boogwogie" então é algo que deixa, japonêsas e japonêses, absolutamente dominados por uma alegria e um movimento de tal maneira forte que os julgo em transe. O poder de adaptação dêste povo é extraordinário e chega a dar calafrios se pensarmos como êles se adaptam depressa e bem de mais a tôdas as fases, boas ou más, da vida da sua nação. Mas, todo êste aspecto é falso e superficial, porque êles podem absorver todos os modos dos estrangeiros o que não são é sinceros nessa exteriorização. Após fecharem as portas dos seus lares, os trajos ocidentais são despidos, suas orações e seus ritos cumpridos fielmente, deixando na soleira da porta o pó da civilização dos estrangeiros e da cópia quase boa, da vida do Ocidente.

Nas suas mesas baixinhas, ao comerem as suas refeições estranhamente saborosas, os pauzinhos substituem o talher de que aprenderam a servir-se no restaurante onde foram com gente de outra raça. Suas "cabáias" dão-lhes ao cingir-lhes os corpos esguios, uma

---

pre dêsse tempo em Paris, como de uma época de evasão.

"E agora é necessário que eu fale a respeito de Delilah Jeliffe. Estivemos em sua casa na semana passada. Essa velha mansão de Georgetown é um verdadeiro sonho! Delilah não tem ali uma única coisa supérflua ou luxuosa. Tudo está regulado dentro da tonalidade da "velha família". Muitas coisas apresentam mesmo o ar de cotiadas. Ela renunciou às côres de rosa-vivo, aos seus macacos ornamentais e ao "écran" de penas de pavão. Mudou tudo, especialmente em seu salão, reformando móveis e ornamentações em sentido mais suave. Nada que sugira situação de "novo-rico" na casa. Ela possui criados de côr, mas não usa anéis. Seus vestidos são brancos, vaporosos, que lhe dão ares dessas jovens criaturas de aspecto modesto e que foram nossas avós aí pelo ano de 1860.

"O seu pequeno artista é um jovem louro, encantador, que não lhe chega às espáduas, e Delilah fica prêsa a cada uma de suas palavras. Na atualidade êle eclipsa todos os outros homens em seu horizonte. Fêz croquis para mostrar a Delilah a respeito do que caberia a cada aposento ou sala da casa. E o que parece ser a resultante de uma série de gerações passadas, não é, em realidade, senão meses de trabalho e de pesquisas, a que ambos se entregaram fervorosamente. Êle chega mesmo a indicar-lhe as flores que ela deve usar, e as que deverão existir no jardim no próximo verão. Ela adora os heliótropos, e, na noite da recepção que ofereceu para festejar a reforma da casa, ela trazia um buquê muito lindo, pontilhado de três ou quatro botões de rosa.

"Não resta dúvida que, em sua nova posição, Delilah está soberba. Muita gente começa a notá-la e a fazer-lhe visita. Apesar de ter decorrido tão pouco tempo, foi convidada para algumas boas casas. Tem uma maneira nova de mostrar as suas pestanas: baixa as pálpebras de maneira muito suave. Seu ar é amável e encantador.

"Lembra-se, Roger, daquelas peles de leopardo do ano passado? Pois bem. Ela agora usa uma pele de "taupe", curiosa capa em forma de bolero e um pequeno chapéu com uma pena azul "foncé", sôbre o qual coloca um véuzinho negro, parecendo uma duquesa.

"Grace Clendenning diz que Delilah e seu artista obterão triunfo, se continuarem. Êles não estão na iminência de revolucionar a sociedade, mas de conquistá-la, e, em favor de tudo isso, o artista obtem o patrocínio das pessoas que êle fôr encontrando por intermédio de Delilah. Talvez que ela termine por desposá-lo; mas Grace assegura que não. Diz ela que Delilah se contente, simplesmente, em espremer as pessoas como se faz às laranjas, deixando-as de lado logo que verifica já haver obtido delas tudo o de que precisava.

"Não obstante, Grace e Delilah se entendem muito bem. Grace estudou sua maneira de vestir-se, pois é por êsse meio que se chega a alcançar seus gosots artísticos. E os métodos de Delilah interessam. Diz que Delilah se tornou uma verdadeira mestra.

"Mas eu me ia esquecendo de contar o que Delilah disse a seu respeito. Foi na noite da recepção. Ela pediu notícias suas, e, quando eu respondi que você havia viajado para o Sul, em busca de atmosfera para as novelas que ia escrever, ela me disse:

(Continua no próximo número)

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



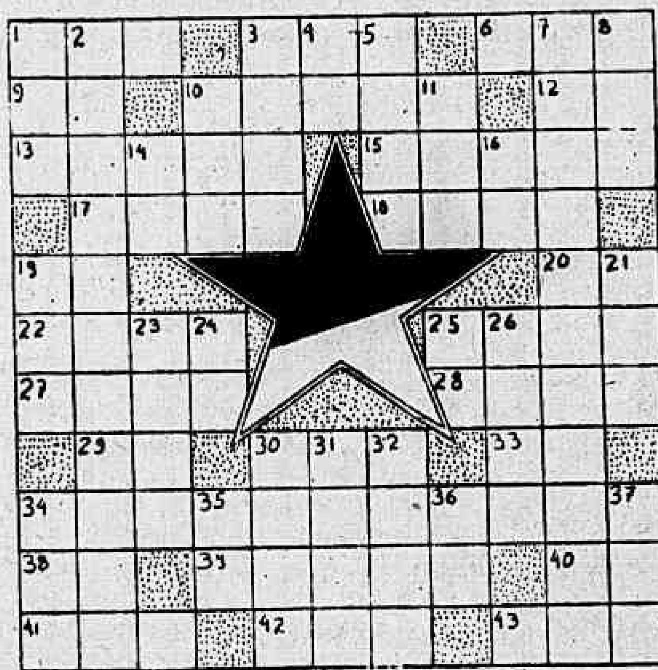
Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ [illegible]

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N.º 90 para Veteranos



HORIZONTAIS: — 1. Macaquinho do Amazonas — 3. Cerveja forte que se fabrica na Alemanha — 6. Grande peixe africano — 9. Língua do grupo nigério-senegalês — 10. Concha univalve, usada como moeda entre os congueses — 12. Planta da família das Coníferas — 13. Escama que ressalta do metal candente ao bater-se êste — 15. Húmido — 17. O rio Pó (Itália) — 18. Magoar — 19. Nome dado pelos antigos nórdicos ao lugar sagrado onde os deuses eram adorados — 20. Vênus celéste dos assírios e árabes — 22. Costa da África oriental — 25. Espécie de macaco do Cabo-da-Boa Esperança — 27. Antigo vaso de barro para guardar vinho — 28. Baixa de terreno fértil — 29. 44º carater da escritura sânscrita — 30. Antiga cidade da Fócida — 33. 21ª letra do alfabeto grego — 34. Edifício para pousada das caravanas no deserto — 38. Cidade da Birmânia — 39. Espécie de almadia, na Malasia — 40. Filha de Atlas — 41: Antiga medida de pêso da China — 42. Medida japonêsa de extensão — 43. Relento.

VERTICAIS: — 1. Cidade da Alemanha — 2. Vitória-régia — 3. Uma das Cíclades meridionais — 4. Afluente do Irtich (Sibéria) — 5. Cidade do Senegal — 7. Designação antiga do mercúrio — 8. Tubérculo venenoso da ilha de São Tomé — 10. Amuleto egípcio, símbolo da Duração e Estabilidade — 11. Origem — 14. Nome que os antigos egípcios davam ao princípio da energia humana durante a vida — 16. 6ª letra do alfabeto russo — 19. Nos Vedas, o Verbo — 21. Embocadura de rio — 23. Capital do reino de Harar (África) — 24. Montanha de Portugal — 25. Tristeza — 26. Sacerdote entre os negros mamometanos do Senegal — 30. Licor embriagante de Otaiti (Pl.) — 31. Nome com que os anglo-saxões designavam a casa dos deuses — 32. Enfezado — 34. A morada dos djins — 35. O mês de agôsto do calendário sírio-macedôneo — 36. Coque — 37. Certa planta da Índia.

★

Problema N.º 90 para Novatos

HORIZONTAIS: — 1. Aroma — 6. Moléstia, dor — 7. Brisa — 9. Ali — 10. Zombar — 11. Óxido de cálcio — 12. Contração — 14. Batráquio — 15. Dez vêzes cem — 17. Estremecera.

VERTICAIS — 1. cheia de água — 2. Rio da Sibéria — 3. Oceano — 4. Outra coisa — 5. Vigia, sentinela — 8. Curso de água natural — 9. A casa — 13. Sinal gráfico — 15. Perversa — 16. Nota musical.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 89 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Achém — Evo — Nim — Iris — Trem — Áleas — Errou — Cloro — Uauás — Acume — Ápice — Raros — Poleá — Acém — Adir — Ala — Rio — Ar — Ao.

VERTICAIS: — Aviar — Cosso — Enteu — Mirra — Êreo — Meru — Ill — Moa — Achar — Úsnea — Caa — Urca — Moela — Esmar — Apara — Pódio — Ílio — Cer.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Entrudo — Ácie — Rara — Mó — Ria — A.C. — Asa — Ara — Cá — Al — Ela — Iam — Lá — Ita — Sã — Amor — Raer — Amarias.

VERTICAIS: — Ecos — Ni — Ter — Ura — Dá — Orar — Amarela — — Acalmar — Ir — Aca — Ali — Lama — It — Ases — Ira — Ari — Om — Aa.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

SAÚDE DO BEBÊ

PREFERÊNCIAS ENTRE IRMÃOS DOS PAIS

Dr. SABOIA RIBEIRO

ESTABELECER preferências entre irmãos, dando mais carinhos a um do que a outros, é concorrer quase sempre para que se instale nestes um sofrimento que se traduz muitas vêzes sob a feição do ciúme.

As vêzes é o filho mais velho que absorve tôdas as atenções; ou o único menino entre várias meninas; ou vice-versa.

O excesso de cuidados e carinhos de que o cumulam, no lar, não passa despercebido aos demais.

Uma situação muito comum, por outro lado, é cercar a criança nos primeiros meses de um excessivo zêlo e, depois, relegá-la a um como abandono à medida que cresce, e nasce outro filho.

Sòmente para êste — o caçula — se volvem então todos os cuidados, as atenções, os carinhos. Se se trata do segundo filho, acontece muitas vêzes que é como se, de brusco, o primeiro fôsse esquecido.

Sòmente para êste — o caçula — se volvem então tôdas as atenções, cuidados e carinhos. E' como se, de brusco, cessasse para o menino mais crescidinho, ou menina, a atmosfera de mimos que os cercava ambos, e se anos decorrem entre o nascimento do primeiro filho e um segundo, então ainda mais sensível é a diferença de tratamento que os atinge em tais circunstâncias.

Daí o ciúme que os atormenta em face do pimpôlho último nascido.

Valem-se, então, muitas vêzes, de meios artificiosos para disputar a sua pontinha de carinho, tornando-se manhosas com tal objetivo.

No caso do nascimento de outra criança, a situação é muito bem descrita pelo Professor Pedro de Alcântara, nos seguintes períodos:

"A criança nova precisa de uma soma muito maior de assistência e de cuidados do que a outra; esta se sente como que desprezada, fica com ciúme do novo irmão e começa a criar problemas de conduta que obriguem os adultos a lhe darem atenção: fica manhosa, chama os pais durante a noite, quer dormir na cama dos pais, torna-se teimosa, recusa alimento, etc.

Afiguram-se bastante intuitivos os meios capazes de evitar, ou pelo menos atenuar, êsses sentimentos do ciúme provocados na criança.

Com aquêle Professor repetiremos os modos que êle aponta:

— O primeiro é criar ou ter criado a criança maior de modo certo e adequado, sem a acostumar ao excesso habitual de carinho, de mimos e de agrados.

— O segundo é não privar a criança maior da quantidade de carinhos que recebia.

— O terceiro é não deixar que a criança maior observe e assista tôdas as intervenções dos adultos em relação à criança nova, isto é, os adultos não devem exibir muito abertamente seu amor pelo recém-nascido, até que a criança maior se acostume à existência do irmão.

Correspondência das mães

N. V. Niterói — Uma criança nos 3 primeiros meses não deve aumentar mais de 200 gramas semanalmente, ou seja 30 gramas por dia.

A pesagem deve ser feita semanalmente, ou cada 10 dias.

G. L. Nesta — Não pense em mudar a alimentação ao seio, até completar 3 meses. O leite S M A poderá ser dado em seguida, pois é realmente excelente leite em pó, competindo com os melhores de seu tipo.

R. L. — Guaratinguetá — Deve-se ter como de Origem sifilítica a expulsão do feto acima do 4º ou 5º mês, e devida à toxiemia gravídica a expulsão antes dêsse tempo.

Com êsses informes deve-se orientar com relação aos cuidados que deverá adotar. Verificada a primeira hipótese o tratamento antiluético deve ser feito o mais cedo possível, nem só para que não se processe o abôrto, como para que se beneficie o feto, com o tratamento.

B. S. F. Nesta — Não se impressione com a língua pregada de seu filhinho. Verá que com o tempo ela falará como outra qualquer. Cortar, isso não; nenhum benefício trará e pode ser causa de desassocêgo na família.

R. V. Juiz de Fora — Deve mandar examinar seu filhinho; é possível que êle precise de ser operado de vegetações adenoides. Caso para o médico de garganta.

---

esquisita e harmoniosa graça de gente mimosa. Suas falas são mansas e foram aband-nados seus gestos desportivos. Em casa tudo é silêncio, ritmo, troca de sorrisos e reverências.

As mulheres japonêsas, mau grado tudo o que se tem feito para as libertar do despotismo de pais, irmãos e maridos, continuam escravas.

O homem japonês é a autoridade máxima e representa o oráculo do lar. Se êle disser que o castanho é vermelho é porque é. Elas nem sequer pensam em pôr em dúvida... Mas não julguem que as japonêsas são pouco inteligentes. Nada disso. O facto é que foram criadas, de geração em geração, na obediência cega ao homem e sentem que nem vale a pena ter opinião ou discutir. Ela é a serva que acarreta compras e água para a casa, tira os sapatos ao homem, cuida, só ela, dos filhos e se êles choram olha logo receosa para o marido. Êste refestela-se na esteira, lê o jornal e limpa os dentes com um característico ruído de sucção bem deselegante. Fuma cigarros de cheiro incrível e suporta mal que o incomodem. No entanto, fora do seu "habitat", é um despota que se transforma num ser de matéria plástica, do mais maleável que exista...

Lógico que existem certas camadas de japonêses e japonêsas onde nem tudo é fingimento e que, sem esquecerem todos os costumes da sua civilização, se tornam extraordinàriamente finos.

Seus filmes duma ingenuidade deliciosa e seus teatros, com revistas de montagens ricas, são dignos de ver-se. As "geishas" são, de uma maneira geral, bastante bonitas.

Nenhuma atriz contracena com um ator. Só mulheres ou só homens em cena. São educados desde pequenos para a vida teatral e por isso quer elas quer êles aprendem escrupulosamente a portar-se como uma "ela" ou como "êle". Qualquer comentário aqui feito seria desnecessário.

Tive o extraordinário prazer de assistir à representação da ópera "Madame Butterfly" no principal teatro de Tókio.

Os trajos ricos, de colorido soberbo, dum gôsto inexcedível, os cenários admiráveis e as faces orientais de estranha, parada e ingenua beleza, fizeram-me pensar, com algum temor, na fascinação irresistível dêste povo, que usa o requinte tanto para o bem como para o mal, e como sua melhor propaganda.

CONTATO COM A REALIDADE

Um dia depois da minha chegada a Tokio fui novamente ao P.I.O. buscar o meu cartão de correspondente de guerra, agarrei-o feliz e vi meu número: 444. A insígnia para o meu ombro afim de me distinguir tinha os seguintes dizeres: "U. N. Ward Correspondent" em fundo branco e azul. A seguir passei pelo quartel e lá me foi fornecido o uniforme de campanha: botas duríssimas, dois pares de calças compridas, casacão curto forrado de peles, cinturão com cantil e remédios de emergência, sobretudo grosso, quépi, grossas meias de lã e luvas. Todo o uniforme tinha uma tonalidade esverdeada por causa, não só dos aviões como das tropas inimigas. Além disto tudo ainda um saco com: dois cobertores, uma "cama-saco" com fecho eclair, uma marmita contendo um garfo uma colher e uma faca. Minha nova "bagagem" pesava trinta quilos que eu terei de levar, pois a galanteria masculina não tem lugar, penso eu, num ambiente de guerra tão horrível, tão cruel como esta guerra na Coréia!

À tarde fui visitar e despedir-me da Missão Diplomática Brasileira onde o 1º Secretário Dr. Oswaldo Tavares, o 3º Secretário Dr. Alfredo Rainho e o demais pessoal me rodearam de atenções.

UM HOMEM DEIXA O JAPÃO

Manhã bem cedo fui até ao aeroporto de aHnneda assistir à espetacular partida dum homem que, apesar de demitido, era o vencedor dêsse estranho golpe político que privava um país, como o Japão, de alguém que todos alí amavam e respeitavam. O mesmo acontecia com a Coréia onde a sua falta foi considerada uma calamidade. Falo dêsse grande soldado e patriota, o General MacArthur.

Tôdas as ruas tinham um aspecto de curiosíssima manifestação de tristeza bem oriental, bem própria dum povo que nunca soube ou quis exteriorizar suas emoções. As ruas estavam cheias de povo para o ver passar, mas, tão silenciosas, tão silenciosas, como se lá não estivesse ninguém! No aeroporto, à chegada do General, foram-lhe prestadas as maiores honras civis e militares a que eu poderei assistir. O perfil agudo de MacArthur estava mais endurecido ainda. Sua espôsa sorria valorosamente. Seu filho olhava tudo com aquêle olhar das creanças que ainda não podem avaliar porque perderam algo que muito gostavam. Toiletes femininas, casacas, e fardas enchiam o campo e davam a nota elegante aquela despedida solene. O rígido soar das vozes de comando para uma última continência e o tinir das armas, foram o derradeiro som amigo, em terras do Oriente, para o grande militar e antes que o ruído poderoso dos motores do possante "BATAAN" começasse a vibrar.

E o povo bradou êste grito que nos arripiou de emoção: "Volte, General !"

O avião ganhou altura, distanciando-se ràpidamente. A multidão dispersou. Fotógrafos, cinegrafistas, jornalistas, militares, diplomatas e povo, seguiram seus rumos, pensativos, perante o espetáculo de magestosa despedida a um grande homem e militar.

BUROCRACIA

No dia a seguir assinei papéis e mais papéis, ouvi ordens e mais ordens, tirei impressões digitais e retratos. Recebi e fiz telefonemas. Marquei prioridade de vôo. Deram-

---

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.

Respostas ao teste

1—S. Francisco de Paula
2—Baleares
3—A do Centauro (Sagitário e Minotauro)
4—Tribo de índios da Lagoa dos Patos
5—Na França (Luis XIV)
6—Perturbações nas funções de um órgão
7—Mirabeau
8—Admirável
9—Molière
10—Da Pérsia
11—De Santa Catarina
12—600 léguas
13—Espanha
14—Nemesis
15—Dor nos rins.

me conselhos — já que eu fazia questão de só permanecer, quanto possível, no "front" — de como proceder e agir nesses setores de perigo. A ofensiva dos vermelhos deveria de estar próxima.

Já escrevi uma vez que não pretendo ser heroína e que nem sei se sou corajosa. Vim para chegar até aonde os outros colegas têm ido. Uma coisa interessante me aconteceu: serei agora a única correspondente de guerra feminina. Sinto-me muito feliz com êsse fato.

INFORMAÇÃO POUCO ESTIMULANTE...

Debruço-me, no gabinete do P. I. O., sôbre um relatório de informações acêrca do labor da imprensa de todo o mundo representada, no teatro de operações de guerra, pelos seus enviados especiais.

Leio, confrangida, a lista de nomes dos colegas que morreram, foram feridos ou desapareceram.

Penso, tenho a certeza, aliás, de que partiram dêste mesmo gabinete com os corações e as mentes tão cheias de esperança de bem cumprir seu dever de jornalistas e com atitude desportiva igual à que me incita neste momento.

O relatório que acabei de ver não me desanimou. Se fôr necessário expor-me e com isso lograr com que os leitores se acostumem a pensar que a profissão de jornalista é, não só árdua mas a que leva a maiores e ignorados sacrifícios para os elucidar, eu o farei com inteira satisfação.

E abandonei o P.I.O. olhando o enorme quadro de honra onde, entre os nomes de jornalistas e jornais de todo o mundo, estava o meu e o d'O GLOBO.

E, às seis da manhã do dia seguinte, abandonava o Japão, rumo à Coréia.

FERNANDA REIS

UMA BRASILEIRA . . .

(Cont. da pág. 10)

wyck e Farley Granger, a quem deseja conhecer de perto. Talvez a oportunidade se ofereça breve, quando, da Europa, quer visitar os Estados Unidos antes de regressar ao Brasil.

No rádio, prefere Nelson Gonçalves, Dalva de Oliveira e Isaurinha Garcia. Por coincidência, vai encontrar-se com Dalva de Oliveira, em Lisboa e Madrid, para onde a intérprete de "Errei sim" deve embarcar dia 14 do corrente.

— Sei que vou ter muitas saudades do Rio e de tôda a gente conhecida — rematou Joana d'Arc. — Êste meio ano de ausência vai-me custar bastante. Pela primeira vez saio do Brasil e não acredito que volte a fazê-lo muitas vêzes depois, porque a saudade não me vai deixar...

Disse — e foi ultimar os preparativos da bagagem.

UM GOLEIRO . . .

(Cont. da pág. 57)

Esta conversa, que tivemos oportunidade de testemunhar no lance das cadeiras perpétuas do Maracanã, ensejou-nos mais uma pergunta ao homem do topete, sôbre a hipótese de que êle passasse a posar para as câmaras cinematográficas, e êle teve pronta resposta, que desarmou por completo a nossa insinuação:

— Isto não é novidade para mim. Já recebi um convite de uma emprêsa cinematográfica paulista, mas não liguei, nem apareci para fazer o "test".

Isto, porém, não impede que êle tenha as suas preferências cinematográficas.

— Gosto muito das atrizes. Admiro um tipo de mulher como Ava Gardner...

A frase foi interrompida por um colega:

— ...por falar em atrizes. Li noutro dia, numa revista especializada, a declaração da "vedette" Joana d'Arc de que ela era sua noiva. E' verdade?

— Brincadeira da Joana d'Arc. O nosso conhecimento vem de S. Paulo, há 4 anos, mas não há nada de novo, nem eu pretendo casar tão cedo.

Correio da Revista

Lucy B. Maia Gomes — Maceió — Não encontramos em nossas edições de 1951, nem noutras anteriores, a reportagem de que nos fala em sua carta. Deve ter saido em outra Revista que não a nossa.

G. B. de A. — S. Paulo — Os contos da natureza dêsse que nos remeteu sob o título "Coisa do Coração", só têm graça quando exploram o humorismo, a aventura jocosa, ou encerram argumentos geniais. Tente outro que não seja de caráter autobiográfico.

E. P. S. — S. Luís — Maranhão — "Como as fôlhas que o vento leva" ficou prejudicado pela maneira por que o amigo o elaborou. Não é conveniente começar um conto literário daquela forma. Conduza a narrativa sem sobrecarregar o espírito do leitor. Simplicidade e concisão, harmonia e bom vernáculo.

Adélia Mascarenhas — Salvador-Bahia — Lemos com a maior atenção sua carta. Agradecemos, sinceramente, a solidariedade de nossa distinta leitora. Apraz-nos informá-la de que, dentro em breve o panorama será outro, e muito melhor. Tenha paciência e confie no futuro. Estamos na reta de boas notícias.

J. L. A. — Rio — Não foi aprovado o seu "Manto de N. Senhora". Há expressões fortes, incompatíveis com as nossas leitoras.

J. Q. P. — Rio — Nada feito com o "Castigo" Muito fraquinho o tema.

F. C. — Tupaciretã — R. G. do Sul — "Ainda resta uma esperança" não pôde ser aproveitado porque estava muito curto. Queira notar que, no conto literário, é indispensável haver enrêdo, substância, acontecimentos, surprêsas para o leitor tudo isso bem escrito, com clareza, concisão, imagens e harmonia. Naquele tipo de papel, deve mandar-nos, pelo menos seis a oito fôlhas. Continue. E muito gratos pelas referências.

W. B. — Recife — Não foi possível dar jeito ao conto "Os Irmãos". Mau português e o estilo ruinzinho...

Casada ou Solteira

Quando levar uma quéda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma noticia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* Gesteira.

Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use *Regulador* Gesteira

***Regulador* Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e tôdas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.**

***Regulador* Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações**

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* Gesteira

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA



RENOVADOR DAS FÔRÇAS

Tônico poderoso

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero. Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

O VALOR DO PENSAMENTO

Encontramos nesta comunicação do Mestre Luiz de Mattos, dada em Sessão Pública, no Centro Redentor, desta capital, uma síntese sôbre a fôrça do pensamento e do que êle é capaz quando acionado para o bem ou para o mal.

Assim, a divulgação desta página doutrinária, além dos esclarecimentos que propicia, despertará, estamos certos, a curiosidade e o interêsse sôbre outros fascinantes aspectos dos princípios racionalistas cristãos.

Vamos lê-la:

Todos devem convencer-se de que precisam compreender a vida e aprender a vivê-la com inteligência.

Há pessoas que vivem neste mundo por viver, sem dar importância e valor à uma encarnação neste planêta depurador; passam pela existência sem se esforçarem, sem nada produzirem, sem deixarem algo que as tornem, quando desaparecidas, lembradas pelos que com elas conviveram — uma amizade, um filho, um lar.

Entregam-se a uma vida desordenada, sem aspirações nem objetivos, sob a ilusão de que assim vivem mais fàcilmente, tudo ignorando sôbre a vida psíquica, que propicia o aperfeiçoamento espiritual.

No entanto, se essas pessoas pautassem suas vidas pelos princípios do Racionalismo Cristão, começando por se conhecerem a si mesmas como Fôrça e Matéria, reconhecendo que a lei da atração aplicada ao mundo invisível é um fato e dando valor ao pensamento, outro seria o resultado obtido ao findar a encarnação.

O pensamento, que muitos nunca atentaram bem o que seja, é fator importantístissimo para o progresso do espírito encarnado.

E' pelo pensamento que o ser atrai o bem ou o mal. E a doutrina Racionalista Cristã ressaltando o poder do pensamento ensina que o *ser conforme pensar, assim será*.

Porque pensando, o indivíduo irradia, o que faz aparecer em sua aura a imagem do seu pensamento, e pelas vibrações e pelo que a aura reflete receberá êle de fora a boa ou má intuição sôbre o ato pensado.

Os espíritos do astral inferior, que ninguém vê nem apalpa mas existem perambulando pela atmosfera da Terra, ao contacto das vibrações dum pensamento impuro são atraídos, aproximam-se e até se apoderam daquele campo de atração, que passa a ser por êles dominado, emitindo suas intuições de acôrdo com o pensamento irradiado e daí a perturbação do raciocínio do indivíduo intuído, cujas idéias se apresentam confusas e aumentadas por uma imaginação momentâneamente exagerada, que chega a criar figuras e aspectos absurdos, concorrendo para a desordem, o fracasso de quem pelo seu pensamento tudo de mal atraiu.

Por isso, quem só pensa no mal, tem pensamentos indecisos ou viciados, os supersticiosos e pessimistas, só poderão atrair uma assistência astral deletéria e prejudicial, capaz de dificultar e até impedir a realização dos mais simples empreendimentos.

E se não houver uma reação, um esfôrço, uma reeducação de vontade, uma modificação nessa atitude íntima da criatura, estará ela caminhando voluntàriamente para a obsessão, podendo chegar à loucura.

Outras vêzes, surge no espírito d'alguém uma dúvida, uma incompreensão, como um desentendimento que dêle se apodera, tornando-o inquieto, desassocegado e aflito.

Ignora quem sofre tão maléfica influência, ter partido ela de terceiras pessoas que procuram intervir em sua vida espiritual por despeito ou inveja, sentimentos êsses encobertos muitas vêzes por uma delicadeza hipócrita, mas que produzem seus danosos efeitos na pessoa visada.

Por tudo isso, o pensamento precisa ser educado e encaminhado para o bem, pois quem pensa com elevação, quem sabe irradiar nos momentos próprios, é bem sucedido em seus propósitos honestos.

Dentre os postulados racionalistas cristãos, o hábito de bem pensar ocupa lugar de destaque porque coopera para o equilíbrio, a tranqüilidade, a harmonia na vida humana, que poderia ser bem mais suave se todos se compenetrassem dos seus deveres e obrigações.

Aprendam, pois, a pensar com elevação de espírito, saibam agir com critério e bom senso, sendo ponderados e justos, por ser êsse o dever de todos os esclarecidos.

LUIZ DE MATTOS

O JARDIM DO MISTÉRIO

(Cont. da pág. 30)

algumas horas em Nipponsó, êle não se importará. Pelo contrário, ficará muito honrado com a sua presença. Gosta de percorrer as alamedas da chácara, com seu farfalhante quimono, mostrando as belezas que construiu, sem envaidecer-se por isso. Vai explicando, calmamente, sorrindo sempre e se negando a receber passivamente os adjetivos elogiosos à sua pessoa ou à sua obra.

As casas típicas são retiros e não faltarão esteiras para você descansar o coro alquebrado. Se quiser, Miyoshi lhe emprestará uma vara para pescar no regato marulhante.

Por entre a vegetação exótica, vestida de trepadeiras desconhecidas, para nós, mesas de rocha convidam ao descanso, a um lanche e a um trago reconfortante.

Se você for cristão, poderá rezar ao pé da "Cruz da Paz" e, se budista, terá um coberto de sapé e bambu para elevar suas preces ao coração invisível de um austero Buda de pedra cinzenta.

Para matar a saudade, Miyoshi lhe proporcionará uma vista d'olhos em recentes livros, revistas e jornais japonêses ou em belíssimo álbuns de fotografias.

MOMENTO DE POESIA

Ali é Nipponsó. Um "Pedaço do Japão", onde "niseis" e nipônicos, falando ambas as línguas, buscam fotos curiosas ou lembranças da pátria. Os primeiros, já bastante ocidentalizados, brincam muito e, falando com auxílio dos últimos vocábulos de gíria, gracejam com os pais, dizendo ser melhor um colchão de molas do que uma esteira.

Verdade é, todavia, que não faltam visitantes. Moços, crianças e velhos, cada qual buscando uma coisa, mas todos vivendo momentos de igual prazer.

Fomos notados, é evidente, pois éramos os únicos tipos ocidentais que pisavam Nipponsó naquele dia e poucos os que haviam feito anteriormente.

De lápide em lápide, de monumento em monumento, de casa em casa, fomos percorrendo a propriedade, tendo, como cicerone, Momoro, que nos explica as coisas mais estranhas. Em uma das miniaturas de templo budista existente, havia duas garrafas de saquê — bebida japonêsa de arroz — bem como oferendas em dinheiro. Marcos de pedra, com inscrições, deixavam, para a posteridade, o registro da passagem dos "Peixes Voadores" por Nipponsó.

A DANÇA DAS LANTERNAS

E alí, no imenso "jardim do mistério", onde as árvores têm nomes e valem pela idade. Miyoshi dispensa empregados e toma conta de tudo apenas com os dois filhos.

À tardinha, Nipponsó torna-se solitária. As risadas que davam encontros com o vento vão embora, sobem as colinas dentro dos automóveis. O sol chega pertinho e, se chove, Nipponsó fica triste.

Dentro das casas penetra o cheiro característico de terra molhada e viva, que parece fazer questão de sua presença. A chaleira de chá assovia e Miyoshi, falando meio português e meio japonês, auxiliado por Momoro, serve saquê com bolachas e conta histórias de samurais.

Escurece e as lanternas vão sendo acendidas, uma a uma, juncando a escuridão de sombras, para ensinar o roteiro dos templos aos deuses e o caminho de volta aos repórteres.

Lá de cima, do alto do último monte, os caboclos assombrados falam de fantasmas que correm no vale. Porém, nós, sob a chuva, nos distanciando, cada vez mais, daquele "Pedaço do Japão", nos lembramos da Dança das Lanternas Japonêsas e nos julgamos capazes de compô-la, caso ninguém a tivesse "sentido" e escrito.

Não há música. Porém, o tremular irregular das chamas parece uma dança exótica, fazendo-nos crer que os deuses estão passeando por Nipponsó e abençoando êsse maravilhoso "Pedaço do Japão", que mora entre as colinas de Santo André.

MATERIAL GRÁFICO

VENDE-SE

MÁQUINA IMPRESSORA

marca WALTER SCOTT, formato 4-B, com motor General Eletric de 5-HP, dupla rotação, alimentador manual e equipada com 1 chave de fenda, 1 macête, 2 escôvas, 1 chave de cunhos, 16 cunhos, 3 ramas, 3 chaves de caixa, 6 chaves de pino, 1 lingueta do batente e 11 quilos de guarnições de ferro.

GUILHOTINA

marca MARRIL & SONS, com 1,49 mts., de bôca, 2,38 metros de mesa, fita métrica de precisão, instalação elétrica com caixa blindada, mecanismo de proteção para o operador e motor MEECH de 3-HP.

CORTADOR

Um cortador de entrelinhas com chanfrador combinado.

BANHEIRAS

Quatro banheiras de pedra sabão para ácidos.

Propostas e informações com o sr. WENCESLAU — CIA. EDITÔRA AMERICANA — Tel.: 22-8647 — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO

WEEK-END NA COZINHA

PERU TRUFADO

DEPENE e prepare um peru grande e novo de véspera, corte pelas costas, mas não destaque a cabeça, tire todos os ossos do corpo, deixando apenas os das pernas e asas. Introduza algumas rodelas de trufas entre a pele e a carne para aromatizá-la. Deixe repousar até o dia seguinte e guarde os ossos que servirão para um consome. No dia, tome um peito cru de galinha, parta em filets finos e passe na frigideira com manteiga. Depois parta em quadrados, tome a carne do resto da galinha cozida, tire os ossos e peles e parta aos pedacinhos. Corte em fatias finas os fígados da galinha e do peru, cozidos no caldo. Parta aos pedaços um pate de foie gras. Deite em uma caçarola uma fatia de pão dormido, de dois dedos de grossura, molhada em uma xícara de leite, junte duas gemas, uma colher de manteiga e leve ao fogo por uns 5 minutos. Depois junte tudo, introduza-o no corpo do peru, cosa-o de alto a baixo, embrulhe com jeito para não deformá-lo em papel impermeável bem untado de manteiga e leve a assar no espeto, ou na falta dêste, no forno mesmo. No forno deve demorar meia hora por quilo do assado. Reserve o môlho que fôr sobrando, depois adicione um pouco de caldo e uns pedacinhos de trufa que sobejaram, leve ao fogo e sirva na molheira. Coloque o peru com as costas para cima e equilibrado com fatias grossas de pão torrado, firme a cabeça com espetos de pau, para ficar em pé e pinte com anilina vermelha as peles do pescoço. Lave bem em água quente, as penas da ave e depois de bem sêcas, enfie nas asas e na cauda, formando roda. Bem montado, ficará muito bonito.

CROQUETTES DE MACARRÃO

Se sobejar macarrão, aproveite para o almôço do dia seguinte. Tire fora as partes tostadas e duras, e leve ao fogo com um pouco de leite quente: ferva um pouco e despeje num prato e deixe esfriar. Corte em pequenos pedaços, passe com ovos batidos, depois em pó e frite na gordura quente.

PERAS COM ARROZ DOCE

1 quilo de peras pequenas, arroz doce, môlho de chocolate, põe-se o arroz doce em forma de anel molhada e deixa-se esfriar. Cozinham-se as peras inteiras, em água com açúcar e caldo de limão. Tira-se da calda depois de esfriar e põe-se no centro do arroz. Espalha-se por cima um caldo grosso de chocolate e serve-se separadamente a calda das peras.

MÔLHO DE CAMARÕES PARA PEIXE

Toma-se 500 grs. de camarões, lava-se, tira-se as tripas, separando-se as cabeças das quais se retiram os olhos. Soca-se bem com um pouco de água fervendo, coando-se depois. À parte refoga-se os camarões com azeite, e todos os temperos, juntando-se-lhes o caldo das cabeças que foi coado, engrossa-se com farinha de trigo desmanchada em um pouco de leite, tempera-se tudo com pimenta verde amassada e pimenta do reino, deixando-se cozinhar um pouco. Serve-se com peixe frito ou assado.

SOUFLE DE CAMARÕES

Em três xícaras de leite desmacha-se 100 grs. de farinha de trigo, temperando-se de sal a gôsto, junta-se uma pitada de pimenta do reino, outra de noz moscada ralada e meia colherinha de môlho inglês. Leva-se tudo ao fogo para engrossar, mexendo-se sempre, retira-se e acrescenta-se 60 grs. de queijo ralado, 1 colher de manteiga, 1 quilo de camarões cozidos e amassados e 4 gemas de ovos. Mistura-se tudo muito bem, junta-se as claras batidas em neve despejando-se numa fôrma de vidro ou em forminhas também de vidro ou porcelana que possam ir ao forno regular para tostar levemente. Serve-se quente.

OVOS EM FORMINHAS

Passa-se manteiga em seis forminhas de vidro Pirex (ou de porcelana). Forra-se o fundo de cada uma com salsa picadinha, quebra-se em cima da salsa um ôvo, polvilha-se com queijo ralado, depois com farinha de rosca, rega-se com manteiga derretida e leva-se as forminhas ao forno quente durante uns cinco minutos.

RABADA COM CARURU

Põe-se a ferver quase um dia inteiro com bastante fogo, muita água a rabada de boi, depois de convenientemente limpa, e quando a carne começar a se desprender dos ossos, faz-se um refogado à parte de todos os temperos secos e verdes e coentro, juntando-se a rabada. Por outro lado, lava-se o caruru de porco ou bredo e aproveitando-se bem as fôlhas e não os talos, deixa-se escorrer e bate-se um pouco, adicionando-se depois a rabada. Mexe-se logo que a fôlha estiver cozida, serve-se com um môlho de pimenta, a parte.

SOPA DE COUVE FLOR

Faz-se um bom caldo de carne com todos os temperos. Toma-se uma cabeça de couve flor de tamanho regular, corta-se os galinhos, pondo-se a cozinhar em água, sal e uma colherinha de manteiga.

Quando a couve flor estiver cozida retira-se da água, juntando-se esta ao caldo de carne já preparado. Em separado derrete-se uma colher de manteiga com duas de farinha de trigo e engrossa-se o caldo quando estiver bom, retira-se do fogo e junta-se 3 gemas prèviamente desmanchadas com um pouco de água para não talhar. O caldo então não deve mais voltar ao fogo e é despejado em cima da couve flor, que deverá estar bem quente dentro da sopeira. A sopa deve ficar um creme ralo.



BISCOITINHOS DE LIMÃO

4 ovos, 400 grs. de açúcar, 200 grs. de farinha de trigo e casca ralada de um limão. Bate-se bem os ovos com açúcar e a casca de limão durante 20 minutos, e junta-se com cuidado a farinha de trigo. Com o auxilio de uma colherinha faz-se montículos numa assadeira untada com manteiga, polvilha-se com açúcar e leva-se ao forno moderado, por espaço de 10 minutos.

CHADEAU

125 grs. de açúcar, 2 ovos inteiros e 4 gemas, caldo de um limão, casca de meio limão, 1/4 de garrafa de vinho branco, 1 cálice de licor-rum. Bate-se os ovos e às gemas em creme, junta-se o vinho, o caldo e a casca de limão e leva-se esta mistura ao fogo fraco: bate-se com o batedor de claras até ficar um creme espumoso. Assim que estiver quase fervendo, retira-se depressa a caçarola do fogo, junta-se o rum e vai-se batendo até esfriar para que não fique rala.

MÔLHO DE CHOCOLATE

125 grs. de chocolate ralado, 2/10 de litro de água, um pouco de baunilha, 1 a 2 colheres de nata, uma bolinha de manteiga (do tamanho de uma avelã). Dissolve-se o chocolate em um pouco de água e cozinha-se por uns 20 a 25 minutos: mistura-se com a nata fervendo e com a manteiga, passando-se tudo por um passador. Pode-se servir quente com pudim de baunilha ou gelado, com cremes de gelatina, manjares ou peras cozidas.

BREZELN SUIÇOS

125 grs. de manteiga, 125 grs. de açúcar, 125 grs. de farinha de trigo, 2 ovos e 1 pitada de sal. Bate-se bem a manteiga, junta-se os ovos, o sal e o açúcar, mistura-se bem a massa com a farinha e deixa-se descansar por 1/2 hora em lugar fresco. Assa-se em um aparelho de ferro apropriado. Unta-se êste aparelho com um pedaço de toucinho ou pincela-se com manteiga sem sal: põe-se a massa dentro, fecha-se e assa-se, virando-se o aparelho de ambos os lados sôbre o fogo.

OS CONTOS DE HOFFMANN




(THE TALES OF HOFFMANN) — PERSONAGENS

PRÓLOGO & EPÍLOGO

Stella	MOIRA SHEARER
Hoffmann	ROBERT ROUNSEVILLE
Lindorf	ROBERT HELPMANN
Nicklaus	PAMELA BROWN
Kleinzak	FREDERICK ASHTON
Luther	MEINHART MAUR

Iº ATO — CONTO DE OLÍMPIA

Olímpia	MOIRA SHEARER
Hoffmann	ROBERT ROUNSEVILLE
Nicklaus	PAMELA BROWN
Spalanzani	LEONIDE MASSINE
Coppelius	ROBERT HELPMANN
Cochenille	FREDERICK ASHTON

IIº ATO — CONTO DE GIULIETTA

Giulietta	LUDMILLA TCH
Hoffmann	ROBERT ROUNS
Nicklaus	PAMELA BROWN
Dapertutto	ROBERT HELPMA
Schlemil	LEONIDE MASSINE
Petichinaccio	LIONEL HARRIS

IIIº ATO — CONTO DE ANTÔNIA

Antônia	ANN AYARS
Hoffmann	ROBERT ROUNS
Nicklaus	PAMELA BROWN
Crespel	MOGENS WIETH
Franz	LEONIDE MASSI
Dr. Miracle	ROBERT HELPM

De Jacques Offenbach — Coreografia por Frederick Ashton — «Ballet» no Prólogo e Epílogo, dançado por Moira Shearer e Edmond Audran, com Sadler's ... Chorus — Royal Philarmonic Orchestra dirigida por Sir THOMAS BEECHMAM — Escrito, produzido e dirigido por MICHAEL POWELL & EMERIC PRESSBURGER — Apresentação da London Filme — Distribuição da UCB, em tecnicolor.



PRÓLOGO

TEATRO da ópera de Nuremberg Hoffmann está sentado no salão, assistindo à representação do "ballet" da Libélula. Êle ama Stella, a "prima ballerina", que se lhe assemelha a corporificação de todos os seus amôres passados. No intervalo, Hoffmann dirige-se para a Taberna de Luther. Os jovens estudantes o recebem com aclamações. Hoffmann canta para êles a Balada de Kleinzack. Mas o pensamento em Stella reabriu velhos ferimentos. "Vocês gostariam de ouvir três contos de minha loucura de amor?" — pergunta. E os estudantes reúnem-se em volta de Hoffmann, com os companheiros dêste, Nicklaus, que o acompanhou através de tôdas as suas aventuras, e seu amigo Lindorf.



CONTO DE OLIMPIA

ESTUDANTE e inexperiente em Paris, Hoffmann foi enganado por dois fabricantes de bonecas, Spalanzani e Coppelius, que o fazem ficar caído de amôres pela sua última criação, a boneca Olimpia. Spalanzani diz que Olimpia é sua filha, e espera por êsse meio conseguir algum dinheiro de Hoffmann. Em um baile dado em sua honra, Olimpia canta a Canção da Boneca e dança um "ballet". Hoffmann fica apaixonado. Sòmente quando Spalanzani e Coppelius pedem falência, e Coppelius destrói a boneca, em vingança, é que Hoffmann verifica quanto estava louco.



CONTO DE GIULIETTA

JÁ homem feito, vagando pelo mundo, Hoffmann é escravizado por uma belíssima cortesã veneziana, Giulietta. Agindo sob a influência do mágico Dapertutto, Giulietta apodera-se da imagem de Hoffmann e assassina seu antigo amante, Schlemil, em um duelo, a fim de conseguir a chave do quarto da cortesã. Êle precipita-se para encontrá-la, mas verifica que ela havia fugido com Dapertutto. Enlouquecido pela raiva, joga a chave contra o espelho do quarto. O espelho se parte, e sua imagem reaparece. Havia reconquistado sua alma.



CONTO DE ANTÔNIA

ARTISTA amadurecido e poeta, Hoffmann começa a amar Antônia. A mãe desta, uma cantora, já havia morrido de fome. Crespel, o pai da moça, dominado pelo pesar com a morte da espôsa, era agora apenas um espectro do antigo maestro de fama. Crespel mantém sua filha em reclusão em uma ilha do arquipélago grego e proíbe-a de agravar sua própria fraqueza, cantando. Êle também proíbe seu criado, Franz, um mudo, de admitir seja Hoffmann seja o Dr. Miracle, que matara a espôsa. Franz não compreende a ordem e deixa entrar os dois. Hoffmann verificou que Antônia está doente e ela promete não mais cantar. O Dr. Miracle a persuade de que ela iria desobedecer um desejo de sua falecida mãe. Antônia assim faz, e morre nos braços do médico.



EPÍLOGO

NO palco do Teatro de ópera representa-se a cena final do "Ballet" de Stella. Na taberna, a audiência em tôrno de Hoffmann está com a atenção concentrada. Os contos de Hoffmann são narrados, e com essa descrição Hoffmann encontra seu verdadeiro destino como poeta. Stella aparece à porta da taberna e olha fixamente para êle. Mas Lindorf, que também havia compreendido o sentido dos Contos, apressa-se em levá-la e ambos se retiram, deixando Hoffmann.

TUDO ISTO A

A EUROPA A CAVALO — Não queremos dizer que a Europa esteja montada em cavalo. O que desejamos assegurar, é que a encantadora jovem Lily Biardot, parisiense da mais pura estirpe, teve esta idéia curiosa: ajaezar sua égua «Douchka», e percorrer todos os países da Europa montada nela. Para não ir sòzinha por êsse mundão complicado, Lily conduziu o seu lindo cãozinho «Miky», e sua mãe, isto é, a mãe dela, madame Biardot. Mas a senhora mãe de Lily não foi montada na égua, e sim em carro à parte, também puxado por animais, para não destoar do conjunto. E aqui vemos a peregrina do século XX, a sorrir.

CS BONECOS DE PODRECA — Vittório Podrecca, inventor dos famosos «Piccoli», que a população do Rio e de outras capitais brasileiras tiveram a ventura de conhecer, é êste cidadão que está «ouvindo» atentamente um de seus antômatos e pistonista. Vittório tem hoje 67 anos de idade. E' natural de Cividale nel Friuli, e descende de família de ilustres advogados, escritores e artistas, dentre os quais, Orio Vergani e Vera Vergani. Casou-se com a cantora inglêsa Cissie Vaughan, e está cada vez mais dedicado aos seus «Piccoli», uma família de liliputianos criados por um gênio na Arte.

O seguro no Brasil

EM 1950 havia em operações no Rio 136 companhias de seguros de todos os ramos. Dessas, 108 eram nacionais. Das 28 estrangeiras, cabia aos inglêses a primazia, com 19. No ramo Vida, operavam onze companhias, dentre elas duas estrangeiras, isto é, as italianas, que se retiraram do mercado em face da guerra contra o Eixo. Mas não temos onze companhias de seguros de vida, exclusivamente a operar no ramo. Em tais condições há sòmente cinco, tôdas nacionais. Os benefícios prestados por essas emprêsas foram os seguintes, em 1950: Importâncias pagas com indenizações de sinistros de seguros gerais: Cr$ .... 569.390.318,00. Para o ramo Vida foram pagos Cr$ 117.713.869,00. Dêsse cômputo, as nacionais pagaram, nos ramos de seguros gerais, Cr$ 503.021.962,00, cabendo às estrangeiras Cr$ 66.368.356,00. Nas indenizações do ramo Vida, as companhias brasileiras pagaram Cr$ 117.320.167 00 e as duas estrangeiras Cr$ 393.702,00, em virtude de haverem reaparecido no mercado naquele mesmo ano. O volume de prêmios brutos (arrecadações de seguros), só das nacionais, se elevou à bela soma de Cr$ 1.268.476.473 00. Uma coincidência das mais curiosas e que cabe muito bem como tópico para "Tudo Isto Aconteceu": A soma dos ativos entre as companhias que operam em ramos elementares e acidentes do trabalho e as que operam no ramo vida ter sido quase igual. A paridade foi quase perfeita: Cr$ 2.968.454.941,00 para as do ramo Vida e Cr$ 2.957.088.221,00 para as dos ramos elementares e acidentes do trabalho. Pura casualidade, é evidente, pois o fato curiosíssimo não se repetirá, uma vez que os valores se vão distanciando cada vez mais. (Dados colhidos no "Anuário de Seguros" de 1951).

Casas para alugar

JOÃO Sem Morada leu em jornal desta cidade do Rio de Janeiro o seguinte anúncio: "Aluga-se lindo "bungalow" novo, com dois amplos quartos, boa sala, sala de banho completa com todo o confôrto moderno, na rua Dias da Cruz nº 216, no Méier. Bonde e ônibus à porta, por 250 mil réis mensais". E correu até lá em táxi, pedindo ao motorista que pisasse no arranco, que tinha pressa. O chofer fêz a sua vontade e arriscou a própria vida para satisfazer ao cliente. Quem sabe? Talvez fôsse algum médico e tivesse urgência de atender ao doente, ou então estivesse com alguma pessoa da família passando mal e necessitasse de chegar em tempo. Não foi possível ir pela rua Dias da Cruz, uma vez que havia grande deslocamento de terras, paralelepípedos amontoados, tôda a rua escavacada. O carro parou em frente à ponte sôbre a estrada de ferro, o chofer recebeu o valor da corrida e uma gorgeta pelo esfôrço dispendido. O nosso amigo, que andava sequioso para encontrar uma casa onde morar com a família, tudo confinado num quarto de pensão, pelo qual estava pagando dois mil e quinhentos cruzeiros mensais, sem café e sem nada, ficou agitado com aquêle anúncio. Mesmo que fôsse preciso pagar umas luvinhas por fora, êle fecharia o negócio. Retirou do bôlso o recorte e releu para certificar-se. Lá estava o anúncio sensacional. João Sem Morada andou aos pulos e tombos pela rua Dias da Cruz mas, com decepção, não encontrou o "bungalow" no número 216. Depois de perder muito tempo, desanimado, regressou para a pensão. Sua mulher percebeu o desenlace e, amargurada, explicou: "João, êsse anúncio é de 1932!"

João Barreto de Menezes

PERNAMBUCO sempre foi um Estado de agitações político-sociais. Sua tradição de luta lhe valeu o cognome de "Leão do Norte". Os seus filhos mais ilustres e lutadores enchem as páginas de nossa História e dão ao Brasil a sensibilidade de uma nação viva. Dentre os pernambucanos que chegaram até nós, um houve que merecia mais destaque além dos limites de seu Estado: João Barreto de Menezes. João Barreto, filho de Tobias Barreto, uma das maiores culturas filosóficas das Américas, poeta e jurista, herdou os ardores espirituais de seu genitor e marcou uma época na capital pernambucana. Bibliotecário da Faculdade de Direito, jornalista vigoroso e tribuno de imensos recursos dialetais, João Barreto era como um fogo corredor a incendiar idéias, a discutir problemas políticos e sociais, a manter polêmicas sôbre qualquer assunto, sempre vibrante, sempre indômito, embora sua cabeleira já estivesse convertida numa fronde de paineira com seus frutos abertos em flocos de neves levados pelo vento. Mas a fibra do descendente de Francisco Barreto de Menezes jamais se aquebrantou. Nas lutas políticas em favor de Dantas Barreto, João Barreto de Menezes caiu com a garganta varada por balas num comício na Encruzilhada, subúrbio do Recife, nos braços de Oswaldo Machado, a gritar sufocado de sangue: "Viva Dantas Barreto!" Era um orador popular e empolgante. Um nome digno de nossa História; mas teve a infelicidade de ficar-se lá pelo norte. E morreu sem ao menos merecer de correspondências telegráficas uma notícia, por mais humilde que fôsse. Era um intelectual, sem ser boêmio. Jornalista iluminado e coração de ouro. À sua memória dedicamos êste tópico

ACONTECEU

Caso raro



ISTO se passou em Cabo Frio. Um cidadão qualquer cometera um crime de morte. Levado a julgamento, verificou-se o duelo tradicional entre o órgão da Justiça Pública e o advogado do réu. A assistência ouvia calada o desenrolar dos debates, enquanto os senhores juizes do Tribunal Popular iam tomando suas notas e tirando suas conclusões. Tanto o Promotor Público como o defensor do criminoso argumentavam com grande segurança, cada qual procurando defender seu ponto de vista, dentro do Direito e da Justiça. Encerrados os debates, o presidente do Tribunal se dirigiu aos jurados e, com voz solene de magistrado que precisa ver o Júri prestigiado, explicou a todos como deviam agir, a fim de que o "veredictum" fôsse uma prova provada de que em Cabo Frio se sabe fazer Justiça. Os jurados deveriam responder se o réu era ou não criminoso. Os autos foram examinados; a promotoria pública analisara tudo; o advogado do réu, esmiuçara página a página. Depois de tôda aquela batalha de cultura e análise do crime, os senhores jurados só teriam agora que responder: sim ou não. E os senhores juizes recolheram-se à sala secreta para deliberar. No salão do Tribunal, o prêso, o advogado, o promotor, o Juiz, assistentes, gozaram de uns momentos de liberdade. O "veredictum" estava demorando em excesso. Que estaria acontecendo? Já havia impaciência generalizada, quando a porta se abriu. O Juiz pediu silêncio, atenção. Ia ser lido o resultado. Mas... oh! surprêsa! Os jurados não eram pela condenação, nem pela absolvição. Responderam que não podiam responder. Não haviam chegado a conclusão nenhuma! E o Juiz, considerando nulo o julgamento, convocou o Tribunal para outro dia de maiores convicções...

O herdeiro do Egito



O povo do Egito está vivendo as suas mais dolorosas horas neste comêço de 1952. A questão de Suez não chega a uma solução pacífica e aumentam, cada vez mais, os choques armados entre naturais e inglêses. Soldados, oficiais de S. M. Britânica têm morrido nesses encontros, que já estão abalando a Paz do mundo e não se sabe até quando as duas correntes antagônicas estarão nos campos de batalha a medir fôrças. Em meio de tudo isso, nasceu Ahmed Fuad. Eram duas horas da madrugada do dia 16 de janeiro, quando a rainha Narriman deu à luz o seu primogênito. O rei Faruk se encheu de alegria. O Egito ia ter o herdeiro do trono e se chamaria Fuad, em homenagem ao avô. Entre as preocupações da guerra com os inglêses, o povo do Egito se encheu de esperanças e contentamento com o nascimento do príncipe do país das pirâmides. A emissora oficial do Cairo irradiou a notícia, dizendo: "Deus Todo Poderoso deu a suas majestades o rei e a rainha um menino, dando assim ao Egito um príncipe herdeiro. O rei batizou-o Ahmed Fuad, em homenagem ao seu avô. O país recebe com alegria o recém-nascido em meio à luta, na crença de que o seu nascimento será um bom augúrio, como o foi o de seu pai". E se passou então êste episódio que merece registro: S. M. o Rei da Inglaterra, em mensagem cordial a Faruk, apresentou felicitações pela visita da cegonha ao palácio real, desejando tôda a sorte de venturas ao herdeiro da coroa egípcia. Essa manifestação de cortesia prova que as coisas ainda não estão assim tão para desesperar. Que o Canal de Suez encontre a paz pelos canais competentes.

Cidade do pecado



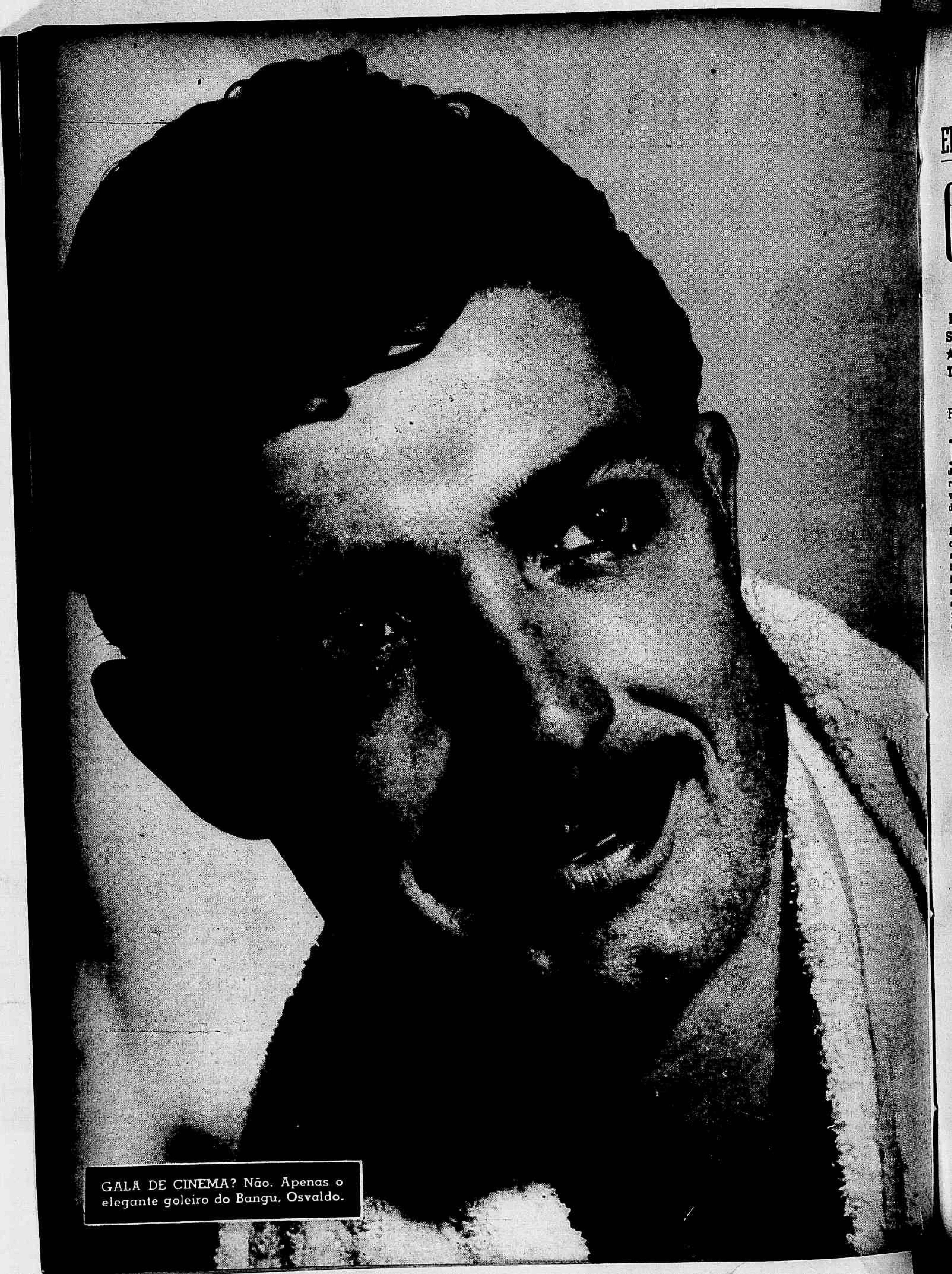
QUAL será a mais pecaminosa cidade dêste mundo? É difícil estabelecer o deprimente recorde. De ordinário, todos julgam que, quanto mais vasta e populosa uma cidade, mais devorada pela imoralidade. Londres, Nova York, Xangai, Paris, Buenos Aires, Rio... Pela lógica daquele conceito, cidades acima de dois milhões de habitantes seriam as mais devassas, de costumes depravados. Mas será assim? Segundo o evangelista Billy Graham, dos Estados Unidos, a cidade mais amoral dêste planeta é Washington, a capital dos Estados Unidos. Como vemos, uma surprêsa para todos nós. Diz o sacerdote: "Depois de uma semana que passei entre congressistas e funcionários públicos, classifico Washington como a cidade mais pecaminosa dêste mundo". Para atenuar a situação e recuperar para a capital dos Estados Unidos as bênçãos do Senhor, o ministro evangélico declarou que já iniciou o seu trabalho de expurgo dos maus habitantes da capital, esperando que suas conferências e a leitura da Bíblia convertam os pecadores washingtonianos para o bom caminho. E diz, com a maior convicção de apóstolo do Bem e da Moral: "Washington precisa despertar espiritualmente, mais do que qualquer outra cidade em que já estive. Eu apenas comecei a ver o que é que ocorre aqui: festas alcoólicas, porque se compra o prestígio, descaso pela Moral, sensualismo e devassidão. Certamente ignora-se a medida da corrupção de Washington". E esta, hein? A gente por aqui a pensar que a capital dos Estados Unidos estivesse a honrar o nome do grande homem que lhe deu o batismo, seguindo uma vida moralíssima como fôra a de Washington, e nos vem o pastor Graham e bota tudo em pratos limpos...



MORREU E RESSUSCITOU — Isto aconteceu em São Francisco da Califórnia. A senhora Teresa Butler, cuja fotografia aqui reproduzimos, fôra encontrada «morta» em seu quarto de banho. Todos os socorros médicos foram em vão. Morrera mesmo. Pessoas faziam quarto à desventurada senhora, quando um cidadão que também estava no velório, notou que o corpo da defunta se movia. Dado o alarma, foi ela enviada para um hospital e ali recebeu numerosas transfusões de sangue. Os efeitos não se fizeram esperar, e a «morta» voltou à vida. E vejam como está: risonha, satisfeita, mas sem saber contar nada do «outro mundo».



JÁ NASCEU CAMPEÃ — A ABAF (Associação Brasileira de Arte Fotogrfica, fundada, na Capital Federal, a 9 de fevereiro de 1951, apesar de tão jovem ainda, já pode ser classificada entre as mais importantes do mundo. A nova agremiação, que reune os mais adiantados amadores da arte fotográfica da Capital da República, conseguiu para nossa pátria, nos três maiores concursos de clubes do mundo, aos quais concorreram 87 clubes de 33 países, nada menos de dois primeiros lugares (San Sebastian, Espanha e Antuérpia, na Bélgica), além de um segundo em Salzburg, na Austria, onde a Alemanha obteve o primeiro lugar. Os sócios da ABAF conquistaram, em 21 Salões de Arte Fotográfica, duas taças, três medalhas de ouro, seis de prata, treze de bronze e oito diplomas. A gravura acima representa a grande medalha conquistada em Antuérpia. A orientação técnica da vitoriosa entidade está confiada, desde a sua fundação, ao sr. Francisco Aszmann, nome consagrado no cartel internacional das lides fotográficas. Não há dúvida: a ABAF, está «abafando»...



GALÃ DE CINEMA? Não. Apenas o elegante goleiro do Bangu, Osvaldo.

ELEGÂNCIA FUTEBOLÍSTICA

Osvaldo, um goleiro de "topete"



Lendo a REVISTA DA SEMANA encontra motivos para ficar em dia com a mo...

DO ASSOBIO DA TORCIDA AO DESMANCHA-TOPETE DE TESOURINHA E CARLYLE ★ A HISTÓRIA DE UMA CUSPARADA ★ "NUNCA VIRAM BRANCO JOGAR..." ★ O "KEEPER-DENTISTA" E SUA HISTÓRIA ★ UM NOIVADO QUE NÃO EXISTE

Reportagem de LEVY KLEIMAN   Fotos de JOSÉ SANTOS

FI-Fiuuuu... Fi-Fiuuuu... — o assobio ecôa pelas arquibancadas do gigante de cimento armado, reboa nas marquizes do Maracanã, e vai com endereço certo para o goleiro do Bangu, Osvaldo.

A massa torcedora tem uma psicologia estranha, difícil mesmo de se compreender. Quando um jogador adversário do seu clube erra na pontaria e manda o balão à "S. Pedro", isto é. às nuvens, ela vaia estrepitosamente, quando a reação certa seria aplaudi-lo porque, com o seu êrro, foi evitado talvez um "goal" certo. O público, porém, é exigente de mais e quer, em troca dos cruzeiros deixados na bilheteria, futebol perfeito, mesmo que redunde em prejuizo para o seu clube do coração.

No caso, por exemplo. de Osvaldo, o assobio, que é empregado pelos rapazes como ponto de exclamação quando passa pela calçada uma pequena bonita e de curvas atraentes, visa apenas irritar o elegante goleiro do Bangu, a fim de que êle fique nervoso e engula um "frango". O galináceo entra na gíria esportiva como bola fácil de ser defendida, mas que incrivelmente o goleiro deixou passar.

Osvaldo custou a aparecer no onze efetivo do clube suburbano, porque



Depois de 90 minutos de emoção nada melhor do que um banho para refrescar o corpo. Aqui o vemos no chuveiro do Maracanã ao lado do zagueiro Sal...

Como Osvaldo prepara o topete famoso.





teve a infelicidade de quebrar um dedo da mão durante a excursão que o clube da fábrica de tecidos realizou no ano passado pela Europa. Mas quando foi lançado, logo a torcida descobriu o seu ponto fraco, o "aplomb" com que se apresentava em campo, destacando-se na sua cabeleira um "topete" que faria inveja àquele que tornou famoso o cantor francês Jean Sablon. Não só a torcida mas também os jogadores adversários notaram logo que o goleiro-doublé de dentista dedicava especial carinho ao seu "topete".

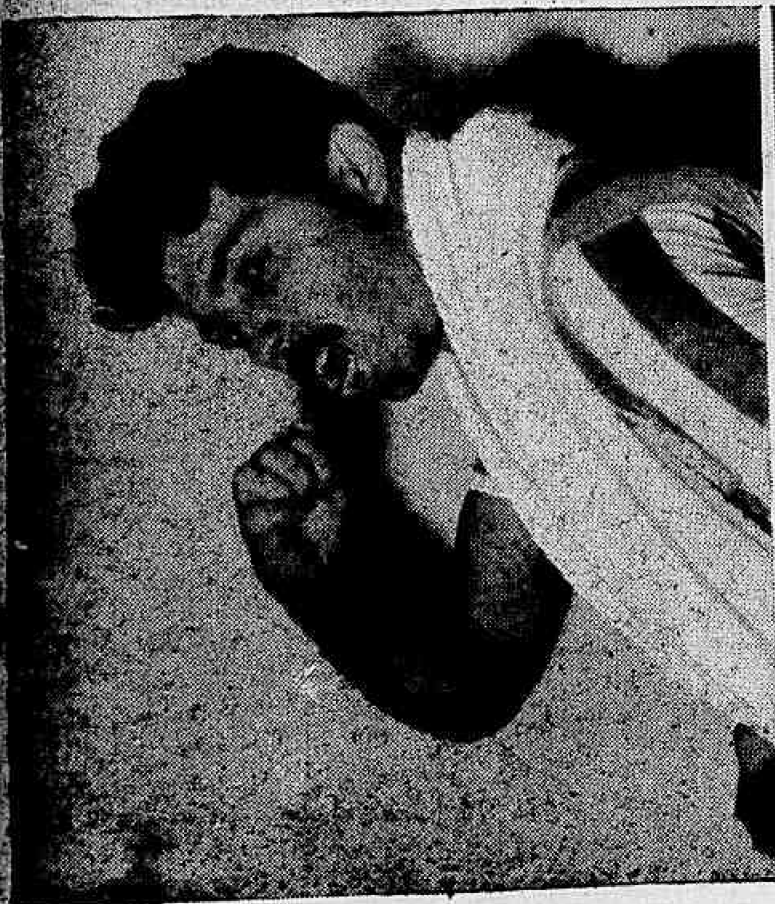
O primeiro a provocar um incidente com o jogador, que foi apelidado pela crônica esportiva de "goleiro-galã", foi o extrema-direita gaúcho Tesourinha, num jôgo do Vasco com o Bangu. Teve a audácia de desmanchar o topete do "keeper" paulista. Osvaldo não gostou e quem estava atrás do "goal" ouviu claramente a frase zangada de resposta: Negro sujo...

Noutro dia, num dos jogos decisivos pelo título entre Bangu e Fluminense, o primeiro da série "melhor-de-três", o irrequieto centro-avante mineiro do tricolor Carlyle (reparem só como o futebol carioca tem gente de todo o lado do Brasil) usou a mesma chave de Tesourinha, invadiu a área, chutou e, como o goleiro defendesse, êle aproveitou a oportunidade para desmanchar o "topete" falado. A resposta foi uma cusparada.

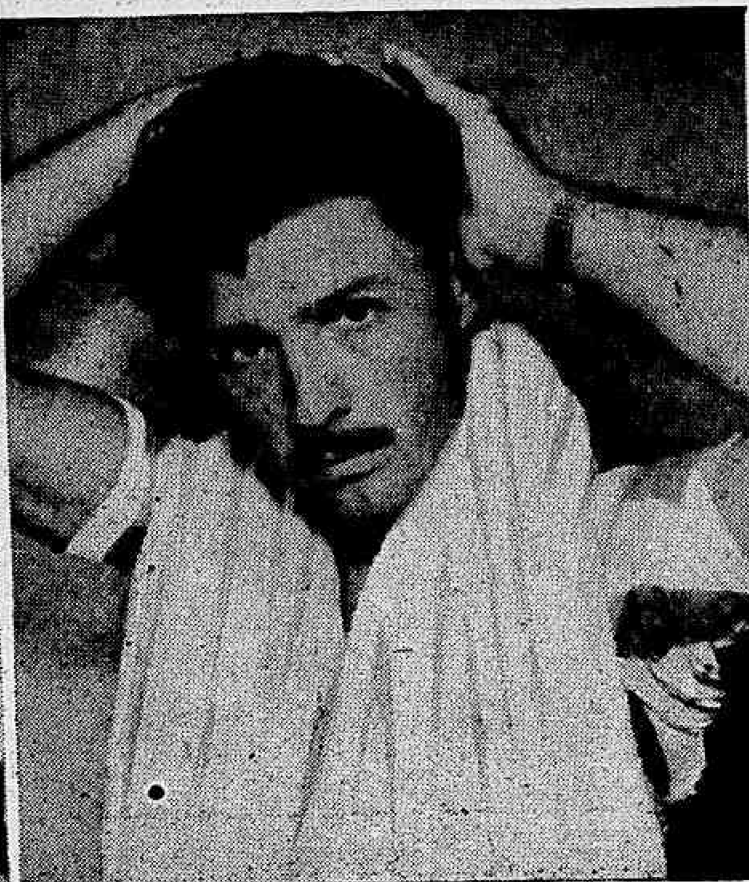
As fãs ficaram decepcionadas. Um rapaz elegante, diplomado, fazer um gesto daqueles. Uma senhora, que freqüentou o futebol nos velhos tempos em que os estudantes, filhos das melhores famílias, compunham os times cariocas, ficou indignada com a atitude de Osvaldo e exclamou: Marcos de Mendonça, o "Fitinha-Roxa", aquêle sim é que era "goal-keeper" elegante, êle nunca faria isto...

Perguntamos a Osvaldo se êle de fato cuspira no rosto. A resposta veio afirmativa: — Cuspi sim. E cuspiria de novo. Mas a minha vontade era acertar-lhe um sôco na cara. Ao invés de usar recursos de jôgo, Carlyle só quis desmoralizar-me.

Insistimos com o goleiro que tem duplo "topete", porque além do dito cujo ainda possui o "topete" de valente, da razão por que os seus adversários insistiam em desmanchar o



Escovar os dentes também dá um pouco de dito!



Não usa gomalina: água pura, pente e... pronto!



Um bom café estimula os nervos de um

Uma defesa de Osvaldo, contra o Vasco



ornamento de sua cabeleira, e êle não titubeou:

— Isto não aconteceria, por exemplo, em S. Paulo, porque lá todo mundo tem cabelo bom. Topete lá não é novidade. Mas aqui os jogadores não estão acostumados a ver branco jogar futebol e daí... Acho tudo isto uma completa falta de coleguismo.

Osvaldo Pizzoni é o seu nome completo. Nasceu em Americana, no Estado de São Paulo a 8 de junho de 1927, tem portanto 24 anos. Começou jogando na meia-direita, depois foi imitar o seu pai e, por tradição, ocupou o arco. Começou a jogar aos 15 anos pelo Guanabara, de Campinas. Em 1945 ingressou na equipe de profissionais do Ipiranga, da capital bandeirante. Em 51 transferiu-se para o Bangu. O seu "passe" custou 350 mil cruzeiros. Ganha 15 mil cruzeiros mensais só como goleiro, pois exerce também a função de dentista. Diplomou-se em S. Paulo, em 1947.

Espera ainda jogar mais um ou dois anos. Não sabe se continuará no Rio. Tudo depende do dr. Silveirinha, disse-nos o goleiro. Entre os "cracks" do passado admira Domingos e dos presentes é fã ardoroso de Zizinho.

A maior emoção de sua carreira futebolística foi quando integrou o selecionado paulista de novos que derrotou igual seleção carioca, na inauguração do estádio do Maracanã. Não guarda decepções. Quanto a perda do título de campeão carioca de 51 achou um fato natural do esporte. Não aspira ser chamado para o "scratch" carioca ou brasileiro. Acha que a requisição é uma questão de sorte ou simpatia.

Indagamos se acha que um "coach" possa influir tècnicamente na função de um goleiro e êle disse que não. O preparador, na sua opinião, pode, apenas, dar fôrça moral a um "keeper", porque as qualidades técnicas são inatas.

— E' um amor! — suspirava uma senhora para o seu marido, no Maracanã, ao ver entrar em campo o "goleiro-galã" e, concluindo a frase, para não ser mal interpretada, disse:

— Êle devia trocar de profissão: passar de "keeper" para artista de cinema.

(Cont. na pág. 47)



Uma tarefa ingrata para o goleiro: apanhar o couro no fundo das suas redes.



O trio final do Bangu de 51: Mendonça, Osvaldo e Rafanelli. Vice-campeões

A REVISTA Há 50 Anos

(DOMINGO, 9 DE FEVEREIRO DE 1902)

CARNAVAL DE FOME

SEI que o Carnaval, lindas cariocas, é o vosso divertimento predileto e muito desejaria colaborar com alguma nota espirituosa ou, ao menos, alegre, para o redemoinho em que o deus da Folia vos põe as formosinhas cabecitas. Desejaria, mas não posso. E' um desespêro, uma tortura, uma raiva de tôda a minha vida... mas não posso. Imaginação, estilo, elegância literária, fecundia de bem pensar e arte de bem dizer, tudo cessa para mim desde que o dever profissional me obriga a bordar sôbre o Carnaval uma fantasia, um suelto, um conto. A graça obrigatória, tal qual o ensino primário, sempre me deixou êsses engulhos fatais, êsse nó tremendo na garganta, essa vacuidade no cérebro que leva às crises de desconfiança em si próprio, isto é, às horas mais dolorosas da amarga e inglória profissão das letras. As máscaras de mais fino espírito fazem-me morrer de tédio, os bandos mais álacres e garridos irritam-me os nervos até à fúria e êsses três dias tão amados nesta terra de luz e côr decorrem para mim em intermináveis bocejos ou em repentes de selvageria primitiva.

Será pelo horror que voto ao disfarce, seja qual fôr a forma da sua exibição? E' possível, mas creio que a minha ojerisa provenha antes de nunca haver assistido a um dêsses grandes jubileus da folia, tão afamados entre as gentes cariocas e em que a arte desempenhava um papel primacial, graças à fartura com que as sociedades e grupos forneciam recursos para êsses cortejos de infinita pompa. Pessoas que ainda assistiram a êsses carnavais venezianos, mais de uma vez me têm descrito assombros de riqueza, elegância e bom gôsto em sêdas, veludos, carros alegóricos, apoteoses feéricas e não sei quantas maravilhas da fantasia perdulária. Mas eu só assisti ao Carnaval dêstes tempos de penúria e crises, tristonho, sensaborão, deixando entrever por debaixo das máscaras olhos pisados e rostos tressuando fadiga, cansaço da vida, saudades do sono que tudo faz calar, até aos gritos do estômago. Infelicidade minha, decerto! Quem sabe se o que atribuo a uma idiosincrasia deplorável, não será apenas uma influência do meio?...

Mas vejam só que inconseqüência! Como se o cronista, nesta perpétua comédia da vida, não fôsse, por dever de ofício, o primeiro dos foliões, em dia certo e o ano inteiro!

JACQUES BONHOME

E agora... toca a divertir; aí está Momo a nos bater à porta. Confete, serpentinas, flores, perfumes, alegria, de tudo haja em profusão. Suntuosos bailes se preparam no Parque Fluminense, Moulin Rouge e Maison Moderne. A ordem é folgar. — P.

OS TEATROS

Das peças que até hoje a companhia Cinira Polônio tem levado à cena, é certamente a que atualmente faz as delícias do público, a comédia «Quase!...», a que mais tem agradado. E, francamente, há motivos para isso: peça talhada na moderna escola, de compreensão clara e fácil, repleta de fina verve e do mais rutilante espírito. «Moins cinq», o original da comédia tem sobejos motivos para agradar. Com a sua tradução para a língua vernácula, primorosamente feita por Artur Azevedo, nada perdeu; ao contrário, «Quase!...» é peça destinada ao mais ruidoso sucesso.

À beleza própria do «vaudeville», representado no Lucinda alie-se o correto desempenho que lhe é dado pela «troupe» Cinira Polônio e ver-se-á que, nos nossos palcos, há muito tempo não nos é dado apreciar um tão afinado conjunto. No mesmo teatro acha-se em ensaios a comédia «A mulher do comissário, que subirá à cena ao ser retirado o «Quase!...»; também ali teremos brevemente «O Calcanhar de Achilles».

No Recreio, tivemos como novidade a revista das revistas, em 3 atos e 8 quadros, «Cobras e lagartos», posta em cena e desempenhada pela companhia Dias Braga.

No gênero essa revista não deixa de agradar; nela são discutidos e criticados personagens e fatos que mais em evidência tem estado; a peça é bem posta em cena e tem muita graça. Depois do Carnaval, ali teremos duas novidades: «A Honra», de Sudermann e «Quo Vadis?».

Fizeram benefício ante-ontem no High-Life as «vedettes». Emília e Isabel Vives, que tiveram uma excelente ocasião de ver o quanto as apreciam os seus inúmeros admiradores.

O Casino, o Guarda-Velha e o Passeio Público são muito concorridos.



ENTRE ÊLES

O QUE JÁ FOI (Campos Sales) — Então vais ter de presente para o futuro o que foi o meu passado?

O QUE VAI SER (Rodrigues Alves) — E' o modo indicativo da convenção...

O QUE JÁ FOI — Ah! Então é o imperativo! E ai de nós se fôsse infinito!

(Charge de RAUL)

FLAGRANTES CARIOCAS

— O que sente, minha senhora?

— Não sei explicar, doutor, sinto um calor insuportável. Parece que estou dentro de um forno e suo muito. Só me apetece água muito fresca e às vêzes até a prefiro gelada.

O médico: — E' grave! E' grave!

★

— Desde que chegou o verão é êste langor, êste fastio para tudo...

— Sua senhora precisa de ir para u maestação termal onde se dance. Três ou quatro valsas por hora, durante quinze dias ou mais e sobretudo não precisa de usar das águas...

★

— Doutor, não sei o que tenho. Com êste calor não tenho apetite, dá-me para passar o dia inteiro calada e sinto a língua pastosa...

— Deixe ver. (Pausa). E' de não falar...

★

Ela: — Proibição até de jogar o "lawn-tennis"? Não sei para que foi que o médico me ordenou descanso...

Túnel Submarino

Os inglêses não querem ligar as suas ilhas ao continente por meio de um túnel por baixo da Mancha. Contudo, preparam-se para ligar a ilha de Wight ao litoral inglês por meio de um túnel que terá 40 quilômetros de comprimento e custará cêrca de 2.500 contos. As obras serão já empreendidas e deverão ficar terminadas em um ano. Com a abertura do túnel resultará poder-se ir de Londres à ilha de Wight em duas horas e meia de caminho de ferro.

O CÚMULO DA PACIÊNCIA

Ir à Grécia de propósito para ver uma grega de vestido

TUBERCULOSE NA ALEMANHA

Com uma população de pouco mais ou menos cinqüenta e dois milhões de habitantes, a Alemanha tem um milhão e trezentos mil de tuberculosos.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 6 ★ 9-2-52

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4.00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4.50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8870 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projetos executados por
técnicos especializados

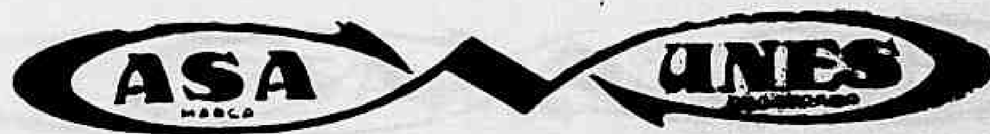
TAPÊTES FEITOS À MÃO
TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores



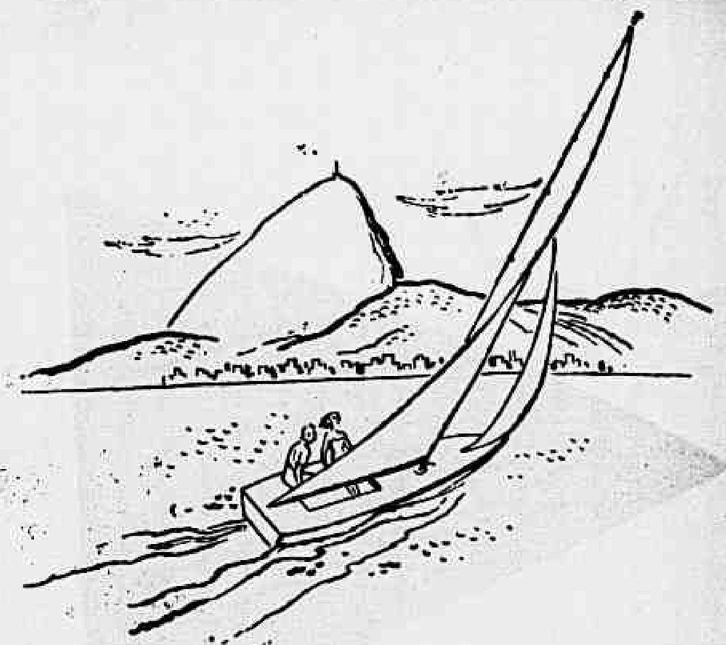
GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

uma consagração que se deve a você...





cigarros Hollywood

uma tradição de bom gosto

UM PRODUTO SOUZA CR

H-88 091